

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 1970 N.º 17 150 ANO 50.º PREÇO 1\$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SABADOS



ENQUANTO PROSSEGUEM OS COMBATES EM AMÃ

Nasser propõe um plano de paz

CAIRO, 18 — (F. P.) — O jornal «Al-Ahram» publica hoje o conteúdo da mensagem dirigida pelos presidentes Nasser, Kadhafi e Nimeiri ao rei Hussein e ao dirigente palestino Yasser Arafat, por intermédio do general Mohamed Sadek, na sua qualidade de chefe de Estado-Maior das Forças Armadas egípcias, anuncia a agência de informações do Médio Oriente.

GEORGES HABACHE, o dirigente da F. P. L. P., que durante uma conferência de imprensa disse não temer uma terceira guerra mundial se isso fosse consequência inevitável da crise no Médio Oriente. Foram «comandos» da F. P. L. P. que desviaram os quatro aviões causa próxima da presente crise jordana.

NIARCHOS NÃO SERÁ JULGADO

— decidiu uma comissão especial

ATENAS, 18 — (R.) — Uma comissão judicial composta por três juizes decidiu hoje não processar o armador e milionário grego Stavros Niarchos sob a acusação de ter causado ferimentos mortais a sua mulher Eugénia.

Os três juizes tomaram esta decisão depois de terem estudado toda a documentação apresentada ao tribunal pelo procurador publico do Pireu, Constantino Fafoutis.

O procurador, ao apresentar a documentação, tinha pedido que Niarchos fosse levado a julgamento como responsável pela morte de sua mulher, falecida a 4 de Maio na ilha de Spetsopoula, propriedade do armador.

BONECAS ESPANHOLAS RETIDAS NA FRONTEIRA



Enquanto estão a entrar pela fronteira norte bonecas de contrabando, os bonecreiros de Alicante estão ameaçados de ir à ruína, por não haver licenças de importação de «la muñeca» espanhola. Ler na página central)

Desta mensagem, segundo o jornal «Al Ahram», constou os pontos seguintes:

1 — Os recontros que decorrem actualmente na Jordânia, entre o Exército e as organizações da resistência palestina, constituem uma das situações mais graves desde Junho de 1967.

2 — Os três Estados (a Republica Árabe Unida, a Republica Árabe da Líbia e a Republica Democrática do Sudão) empregam todos os seus esforços nesta crise aguda, embora hesitem muito em entrar no «delírio» de que a resistência palestina está a ser alvo com fins de partidatismo.

3 — Há numerosos factores que entram em linha

(Continua na 14.ª página)

HUSSEIN NOVO NERO

DAMASCO, 18. — (F. P.) — «O Mundo acaba de encontrar um novo Nero na pessoa de Hussein Ibn Tallal», anunciou a rádio da Resistência Central da Síria (CCRP).

Num violento ataque dirigido contra a pessoa do soberano jordano, o locutor do «CCRP» declarou hoje de manhã: «Hussein disse um dia que não abandonaria o seu reino sem ter incendiado Amã. Quer terminar o seu reinado, imitando o antigo imperador romano: Quem Amã como já antes dele fizeram os filhos de Israel no tempo de David... E com este objectivo que as forças do «novo Nero» ateiam actualmente o incêndio da capital com o auxílio da sua artilharia pesada».

A REVISÃO DO SISTEMA DE ESCOLHA DOS PAPAS

PROPOSTA PELO CONGRESSO DE TEOLOGIA DE BRUXELAS

BRUXELAS, 18 — (F. P.) — O Congresso de Teologia organizado em Bruxelas pela revista «Concilium», que milita a favor de uma actualização acelerada da Igreja, terminou ontem com a votação das «orientações», que os congressistas apresentaram à meditação da Igreja.

As «Orientações», mais notadas são a 11.ª relativa a eleição do Papa, e a 12.ª, relativa ao papel da mulher.

É como segue o texto da 11.ª orientação: «A natureza da Igreja, povo de Deus, e a evolução da história, tornam necessário uma revisão do sistema da escolha dos Papas, dos bispos, dos pastores. Neste sentido, conviria tornar possível uma participação do

povo cristão na escolha dos seus ministros».

Malines — Bruxelas, que recebeu alguns jornalistas (Continua na 14.ª página)

Marcello Caetano em Compostela para o doutoramento «honoris causa»

(Ler notícia na última página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — (Ler na pág. 2)

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O REI DA JORDÂNIA ESTABELECEU CONTACTO COM UM RÁDIOAMADOR

LONDRES 18 — (F. P.) — «Allo, Gelf Hussein ao microfone. Estou a recebê-lo em boas condições sinal 5». A voz do rei Hussein chegou a um jovem radioamador, Laurie Margolis, de Ilford, próximo de Londres, instalado ontem à noite diante do seu emissor-receptor de ondas curtas.

Nada surpreendido — não é a primeira vez que Laurie Margolis contacta com o soberano jordano, rádio amador como ele — o jovem estudante de electrónica respondeu: «boa noite majestade. Suponho que tem a sua família em Londres neste momento. Se puder ser-lhe útil, gostaria de ajudá-lo». E o surpreendente diálogo prossegue: «Obrigado, amigo Laurie. Fico-lhe reconhecido e agradeço muito a sua gentileza. Espero que tudo corra pelo melhor e eles pareçam encontrar-se bem por aí (a esposa Mouna, os seus dois filhos e a sua filha).

«De qualquer maneira, envie-me um cartão de «QSL» para a caixa postal 1055 em Amã, Jordânia. «Vou enviar-lhe também o meu «QSL» com por cento». (Na linguagem dos radioamadores, o «QSL» é um cartão trocado por duas estações para confirmar o contacto estabelecido). «Espero comunicar de novo consigo muito em breve». «Desejo-lhe boa sorte e que tudo lhe corra bem». «O moral é bom. Deus o abençoe e muito obrigado».

Pouco antes o rei Hussein, entrando em contacto com outros rádio amador, Gordon Vince, de Brixworth (Northampton), declarou: «De vez em quando há algum tilroteto aqui é um momento triste. Mas nós, estamos a pôr a casa em ordem e em breve tudo se comporá».

NIXON E PAULO VI FALARÃO DA CHINA

ROMA, 18. — (F. P.) — O Médio Oriente e, sobretudo, a China figuram, pensam os observadores, na agenda do encontro que o presidente Richard Nixon terá, no dia 28 deste mês, com Paulo VI.

Nunca anteriormente um presidente dos Estados Unidos visitou por duas vezes um Papa, acrescentam eles. Nixon, tendo já saudado Paulo VI no dia 1 de Março de 1969, não era obrigado pelo protocolo a vê-lo novamente este ano. Mas parece que o Papa será um interlocutor pelo menos tão «válido» como os outros chefes de Estado que o chefe do Executivo norte-americano visitará. A Santa Sé está muito menos «marcada», segundo parece, do que a maior parte dos outros Estados.

Quanto à Ásia, atribui-se ao Sumo Pontífice a intenção não só de evocar a guerra do Vietnam, mas, também, de lançar um apelo à Pequim, com vista a

um desanuviamento com a China, no discurso relativo à Ásia, que pronunciará no dia 29 de Novembro em Manila.

Droga a mais Morreu Jimi Hendrix

LONDRES, 18 — (R.) — O cantor «pop» Jimi Hendrix morreu hoje no hospital em consequência de uma dose excessiva de drogas, anunciou um informador.

Hendrix chegou ali ainda vivo, mas em estado de coma, pouco antes do meio-dia, e faleceu sem recuperar os sentidos, apesar de todos os esforços feitos para o reanimar.

Neto de um índio Cherokee, Hendrix era natural de Seattle e contava 24 anos.

O INCÊNDIO NA SERRA DA LOUSÃ

LOUSA, 18 — Bombeiros de três corporações, auxiliados por militares da guarnição de Coimbra, davam, esta tarde, combate ao incêndio que está a devastar uma zona florestal próxima do Estoril, em plena serra da Lousã. Pensa-se que o fogo possa ser dominado por todo o dia de amanhã.

COLÓQUIO EM VILA REAL SOBRE DESENVOLVIMENTO

VILA REAL, 18 — Após várias reuniões no Governo Civil deste distrito, foi constituída a comissão executiva do Colóquio sobre Desenvolvimento Regional que vai realizar-se em Dezembro.

A comissão, de que é presidente o arquitecto Carlos Santelmo Gomes, é constituída pelos srs. dr. Nuno Botelho, dr. Rui Machado, Rogério Reis, eng.º Eugénio Varejão, Fausto Carvalhais, dr. Agostinho Bizarro e rev. António Maria Cardoso.

Com o colóquio pretende-se chamar a população do distrito a participar no desenvolvimento da região. A primeira sessão está marcada para o dia 6 de Dezembro, em Chaves, sendo debatidos problemas relacionados com o turismo, comunicações e transportes. No dia

seguinte, o colóquio «desloca-se» à Régua para debater aspectos do comércio, indústria e promoção socioeconómica. O colóquio termina no dia 8, em Vila Real, com um debate sobre agricultura, leitura das conclusões e cerimónia de encerramento.

O colóquio está aberto a todas as pessoas que desejarem enviar as suas comunicações, até ao dia 10 de Novembro, para a Junta Distrital de Vila Real.

TABACO FURTADO

Foi assaltada, na Avenida Brasil, a Pastelaria Tabul, propriedade do sr. Francisco da Silva Félix. Os ladrões levaram tabaco no valor de quatro mil escudos.

Entregou credenciais o novo embaixador do Irão em Lisboa

O dr. Hassan Pakravan, novo embaixador do Irão em Lisboa, entregou, esta manhã, ao Presidente da República, no Palácio de Belém, as cartas diplomáticas que o acreditam como representante do seu país no nosso.

Do Palácio das Necessidades para o de Belém, o dr. Hassan Pakravan seguiu em cortejo automóvel, acompanhado pelo dr. Nuno Barroso, subchefe do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Dentre do cerimonial do costume, e na presença do dr. Rui Patrício, titular daquele departamento governamental, o sr. almirante Américo Thomaz apresentou o embaixador à Casa Militar e Civil da Presidência da República.

Freguesias do concelho de Coimbra pedem água canalizada

COIMBRA, 18 — São muitas as povoações dos arredores de Coimbra, pertencentes ao concelho, que pedem que lhes seja fornecida a água necessária para a sua vida. Muitas prontificam-se até a contribuir com algum dinheiro no sentido de «ajudarem» a Câmara Municipal a dar-lhes aquilo a que, afinal, têm direito. A lista junta-se, agora, a Pampilhosa, havendo, até, um morador da localidade que pede que se organize uma subscrição, para a qual ofereceu já a importância de mil escudos. Estes pedidos vêm confirmar que a

Câmara Municipal viveu dezenas de anos a fazer muito pouco em benefício das populações rurais, devendo, também, dizer-se que, quanto a obras na cidade, pouco se viu.

Claro que, quando um Município leva anos sem acompanhar o ritmo do alargamento da cidade e o desenvolvimento das suas povoações rurais, e acorda da letargia, encontra-se a braços com enormes problemas, que nem sempre são fáceis de resolver. E este do abastecimento de água a todas as povoações rurais do concelho é, sem dúvida, dos mais importantes.

CONCURSO COMPRE 1 AUTOMÓVEL POR SEMANA

GRUNDIG Candy FAGOR PERPETUUM EBNER PROGRESS

E HABILITE-SE A MORRIS 1000



Realizou-se na passada sexta-feira, dia 11, num dos «Stands» da firma A. M. ALMEIDA, S. A. R. L., e na presença de um representante desta firma, a entrega de um magnífico automóvel MORRIS 1000, ao Ex.º Sr. Alberto Fernandes Raposo, do Carém, feliz contemplado do 6.º sorteio semanal do já famoso Pó-Pó CONCURSO, o qual adquiriu na firma FRINEVE, LDA, de Lisboa, um rádio de mesa GRUNDIG-RF-110. Na fotografia, um delegado das firmas promotoras do concurso, NACIONAL RADIO, S. A. R. L. e Sociedade de Representações SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA, S. A. R. L., entregando as chaves do carro ao premiado, na presença do Ex.º Senhor JOAQUIM ALVES, sócio-gerente da FRINEVE, LDA, agente oficial das conhecidas marcas que habilitam ao sorteio semanal de um automóvel: GRUNDIG, CANDY, FAGOR, PROGRESS e PERPETUUM EBNER.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por necessidade de melhorar alguns elementos da rede em serviço, será cortada a corrente no próximo Domingo, nos seguintes locais:

- 3.º Sector — Concelho de Lisboa: Rua do Borja, 131 — Pátio. (Das 8 às 12 horas).
- 5.º Sector — Rua Poço dos Negros entre a Rua das Galvotas e Rua de S. Bento, Rua Caetano Palha entre a Rua Poço dos Negros e Rua Poais de S. Bento, Rua das Galvotas entre a Rua Fernandes Tomás e Rua Poço dos Negros e imediações. (Das 8 às 12 horas).
- 6.º Sector — Rua Augusta de 207 a 251. (Das 8 às 12 horas).
- 1.ª Zona — Concelho de Cascais: MURTAL: Penedra Alto dos Arcos. (Das 8 às 15 horas).
- 2.ª Zona — CARCAVELOS: Estrada da Torre, Quinta das Palmeiras e Lombos. (Das 8 às 15 horas).
- 3.ª Zona — Concelho de Sintra: VILA VERDE: Largo da Sociedade e parte Sul da Vila. (Das 8 às 15 horas).
- 4.ª Zona — Concelho de Ma-
- 5.ª Zona — Concelho de Alenquer: ALDEIA GAVINHA / ARNEIRO / PAIOL / BARBAS / VALE BENFEITO / FREIXIAL DE CIMA / FREIXIAL DO MEIO / PENUZINHOS / CORTEGANA / ATALAIA / LABRUGEIRA / VILA VERDE DOS FRANCES / CABANAS DE TORRES / POCARICA / OLHALVO / MONTEGIL e linha de A. T. entre S. SEBASTIAO e LABRUGEIRA. (Das 7 às 14 horas).
- 6.ª Zona — Concelho de Sobral de Monte Agraço: FREIXIA. (Das 7 às 14 horas).
- 7.ª Zona — Concelho de Torres Vedras: S. DOMINGOS DE CARMÕES / BOLIQUERO / CARREIRAS / ZIBREIRA / CARVOEIRA e linha de A. T. entre o Sobral de Monte Agraço e S. Sebastião. (Das 7 às 14 horas).
- 8.ª Zona — Concelho de V. F. de Xira: ALDEIA DO SOBRALINHO / VERDE DA RIBATEJO / VERDE DA RIBATEJO. (Das 7 às 14 horas).

Administração de Propriedade BANCO DO ALENTEJO

ESTA ESTRANHA LISBOA

GROTESCOS & GROTESCOS

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

Sim: de um grotesco atroz. Em poucos dias, somei pequenos horrores como mãos sem dedos, como bocas sem voz, como penteados de sebo.

Primeiro numero da farsa real. Cenário: as imediações do Chiado, na madrugada morna do Verão cor-de-rosa. Ou já na antemãhã. Passa uma adolescente de mini-saia, quase túnica. Uma sólida matrona de estrato social indefinido talvez da infraburguesia com propósitos de ascensão (antiga vendedeira de galinhas enriquecida, por exemplo) e discoteca, nas horas vagas a contra-revolução do mundo da moda — e dos costumes — pelo mar e na órbita da sua rua, invectiva a jovem de pernas morenas, lisas e esgalgadas.

Sua atrevida não tem vergonha de... (o resto não se diz aqui, para não melindrar os ouvidos sensíveis).

A pequena (caixeirinha de loja de modas?, dactilógrafa?, modelo?, estudante irregular?) riposta, com genica, mas sem recorrer ao mesmo vernáculo.

E pronto, a bomba moralizadora cai-lhe em cima isto é novela-a-paralaxe-a, torce-lhe os pulsos maritimos.

— Daqui não sai sua descarada. Há-te pedir desculpa.

Chega o exército masculino, forma-se um coro dividido. Há montes lúbricos, brados de amor há também partidários daquela febre de truz. E a mini-saia trabalhadora, mas audaz, de um vermelho vivo, é machucada cariciada, cusida. Não lhe tocam de luva branca não mexem-lhe com alcatrão e de raiva. Até que a nobrezinha se agacha, á beira do atarazal de nervos e a coberto de um falso alarme («Vem aí a polícia!») consegue escapar-se por entre a maralha dos corpos assanhados e rancorosos.

Resta o frio atroz da misoginia insultuosa e pornográfica. E a face amonética da pequena Lisboa, caricatura da alta Lisboa, mais solta e mais mesquinha nos seus disfarces, apuando a fugitiva.

Segundo episódio. Um estaminé da Baixa. O profanista inconsciente da cama a minúscula munda é um mocetão britânico, enorme, cheio de caracóis como folhas de ouro leve, dorso atlético moldado por uma camisola de malha estam-

pada. Jeans brancos, sandálias. Está escolhendo um anel de pechibaque, ao gosto pop. E a assistência casual ri. Ri, mas é um riso afrentoso. Muito seguro de si, um sujeito trintão mas já deformado pela vida sedentária, de mento azulado (barba dura, é claro) e pousadeira ancha, grunhe para o grupo que o aprova:

— Isto agora é tudo igual, eles e elas. Já viram este... (fica também no tinteiro a suposição do homenzinho flácido).

Um rapazinho débil esboça o gesto de apontar um pontapé às pantorrilhas musculadas do inglês, mas como este, fortuitamente, descansa uma das mãos no cinturão cravejado, emenda o arremedo não sem uma precipitação que dir-se-ia de recelo.

Facto pitoresco, o capataz daquela ágora de censura oral que ali vai alastrando, mau grado a sua indignação contra o anel florido do estrangeiro, usa no dedo um cachucho de respeitáveis dimensões, com um brilhante imponentíssimo.

Não resisto á tentação.

— Já imaginou esse seu adorno no dedo de uma mulher?

Atônito, o cavalheiro engravado recupera por fim a fala:

— Isto é um anel de homem, é másculo!

Retiro-lho do dedo, sem violência, no lapso de espanto que se segue e enfi-o rapidamente no anelar da airosa vendedora, onde o cachucho fica a nadar, mas torna-se obviamente feminino.

O homem, muito homem, cobre-se um instante de vergonha e dúvida, antes de reagir.

— Dê já cá isso! — E depois:

— Claro que no dedo de uma mulher é diferente. — Mas fique sabendo que é um anel muito másculo. (Mira-o e remira-o, a certificar-se da verdade absoluta da sua asserção). Muito másculo!

— Que tristeza! — comenta, a esgueirar-me para a porta, num tom sibilino, que o irrita e o deixa impotente. — Que tristeza!

Terceiro episódio. A bicha suada, enfadada, agressiva, quase dolorosa, para um autocarro, em hora de ponta. Ecos de conversas morbosas, bolorentas. Cansadas. E eis que um cotovelo bético avança, atropela a silhueta unissexo de uma rapariga alta, de calças de xadrés, cabelo re-

puxado, com um monho, olhos orientais, muito fendidos, o busto escondido num casaco já um pouco informe, a atirar para «hippy».

— O senhor podia ser mais delicado. A é me magoou. Que pressa, caramba!

O tipo, acintoso.

— E depois que comichoso! Quer alguma coisa? está a provocar? ou quê?

Ela, coitada, em apuros, recorrendo ao chavão:

— Não é assim que se trata uma senhora.

— Ah! Não? E você é senhora? Ou menina? Julgava que fosse um rapaz. Agora parecem-se tanto uns com os outros...

Já dentro do autocarro, que se move como uma lagarta na enxurrada baça, murada, amarelenta da Avenida sem amor, a jovem olha de frente para o seu contendor, em altivo deslante e abre o casaco, que lhe revela o firme contorno sob uma malha púida.

Ele, então, resmoneia, sempre na sua, mas de certo modo rendido (é um caso patológico): — Parecem-se tanto... É impossível distingui-los. Impossível! Impossível!

Agora é noite. Avenida Cinco de Outubro. Um automóvel utilitário costeia a grande fritura de luz e som da Feira Popular, me'e por um ramal de silêncio, abranda, o motor pára, o rádio cala-se. Quando um casal se extrai pálido dos assentos, no resplendor vago do candeeiro, surge de debaixo de uma árvore o espectro da miséria: um crânio rapado (foragido de um asilo de alienados?) a boca torta, o olhar doente, a espreita, o passo de fetro, o espaço do medo recíproco. Um ébrio? um bandido? um louco? O par hesita, recua, avança. O homem fecha, com estrondo, a porta do carro e, quando o mendigo, cambaleante, dele se acerca e por fim o aborda e lhe pede... apenas um cigarro (mas quem sabe se não premedita um ataque, o seu rosto exorbatado, cor de chumbo, é tão sinistro!), responde que não, não tem cigarros e fá-lo já desabridamente, com a violência do pânico. Mais um passo em frente a que o vagabundo se arroie e o senhor automobilista, talvez generoso e talvez mesmo progressista, agrido-o, nesta noite de asco e desencanto.

NOTA

UMA SOCIEDADE QUAL?

UM DIPLOMATA NORTE-AMERICANO tomou a palavra numa instituição norte-americana, perante um auditório predominantemente norte-americano, para falar acerca da evolução da sociedade norte-americana. O que, tudo junto, parecia ser de molde a excluir o registo e tentativa de análise do acontecimento neste local que é deliberadamente reservado a temas que, sem serem de categoria a chamar-lhes de trazer por casa, se tenham entretanto produzido, como poderá dizer-se, de portas adentro. E essa é o caso. Foi o embaixador norte-americano em Lisboa que falou no Clube Americano de Lisboa sobre aspectos da evolução da sociedade contemporânea.

Diz o embaixador Ridgway B. Knight que a América é hoje a cobaia da história, o que parece de aceitar, pois considera o seu país como representando já um modelo de sociedade pós-industrial. Que sociedade é essa? Que tratos é que está a soltar a cobaia? Quem os não sente naturalmente os vê, ou perto de si ou á distância, pois bem se pode dizer que tão vinculados são os seus traços que mesmo quem está de longe não pode deixar de ver. O sociólogo, como o amante de fenómenos, naturalmente se hão-de deslumbrar com o espectáculo extraordinariamente variado desta época de transformação. O grave é que não se pode ser apenas espectador. Quem não é intérprete pelo menos será comparsa.

Claro que este nosso tempo assiste (assiste e sofre) a uma extraordinária transformação de tudo, com tudo posto em dúvida e posto em causa, tocos os padrões tradicionais relegados para o armazém das velharias. Isto acontece pelo mundo fora. E na sua maioria os mesmos fenómenos registam-se e observam-se por toda a parte, quer dizer, por todos os países onde se pratica, ao menos nos seus contornos muito gerais, um certo tipo de civilização. Os mesmos fenómenos e os mesmos problemas existem na Europa e nas Américas, no Sul e no Norte, nos católicos e nos protestantes, a Ocidente e a Leste, nos países capitalistas e nos de economia socialista. Porquê?

Porquê esta generalização do fenómeno? Porque, com todas as pequenas variantes que caracterizam o que possa caber realmente de variedade naquelas enunciações de localizações diferentes, o que se torna necessário concluir é que, nesses casos, apenas se trata de pequenas adaptações locais de uma evolução paralela da mesma civilização, que é a nossa. E o mal é aí mesmo que tem de ser diagnosticado, precisamente como a fadiga de uma civilização, que atingiu certos alvos, certas finalidades, certos padrões de técnica e até de bem-estar, a partir dos quais os problemas passam a ser outros. Já não é procurar novos meios, é saber utilizar aqueles que estão ao nosso alcance.

O próprio facto de ser a América a área onde esses problemas atingem uma expressão mais aguda não pode ser entendido de outra maneira. Tendo ido mais longe, tendo atingido mais depressa os pontos que porventura serão de limite, é aí que a crise se denuncia mais cedo, é aí que ela assume expressões mais violentas. Quantos depoimentos se podem ler sobre a sociedade americana de hoje? Naturalmente alguns deles serão exagerados, outros tendenciosos. Mas a análise crítica que deles se fizer, num esforço de objectividade que sempre se deverá tentar, deixa mesmo assim o espectro de um quadro terrível, que não se pode ignorar nem há meio de iludir.

Talvez os Estados Unidos estejam, como julga o embaixador, «a dar o ruidoso nascimento a uma sociedade mais evoluída». Estão com certeza, afinal. Mas qual o sinal dessa evolução? Qual o sinal, quer dizer, em que sentido? Evolução há sempre, mesmo nas sociedades julgadas estáticas. A História ensina-nos o que foi a confusão no mundo em alguns momentos de rutura. Essa é a lição. Mas não é a papel químico. Quando a evolução normal passou a fazer-se ao ritmo que hoje lhe conhecemos, concentrando-se num decénio a força de fenomenologia de um século, é preciso ver qual é a velocidade que atinge um carro de tal força. Não há travões que resistam.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

COZINHA VELHA

QUE LUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.ºs clientes que amanhã, sábado, dia 19, a nossa «SALA COZINHA VELHA» se encontra reservada para um LANCHE DE CAsAMENTO.

Também se encontra reservada a nossa «SALA DOURADA» para um BANQUETE, pelo que neste dia, não poderemos servir, os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Nos restantes dias, agradecemos que a reserva de mesas para os Jantares sejam feitas até às 19 horas.

MÓVEIS

Nórdicos e todos os estilos.
Estofos — Colchões — Matracas

FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

MOFEL

MÓVEIS PERLIM, LDA.
Rua de S. Bento, 243
Telef. 676269

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhadas, Rotunda da Beiriz, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 h. 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Beiriz, Carvalhadas, na gare do Aeroporto em Pedra Rubra, a partir das 20 horas.

TELEVISORES

Desde 98\$80 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 98\$80 Mensais, oferta da Dispensa JOVICA

ESQUENTADORES

Desde 98\$80 Mensais, com montagem incluída

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Oferta de 24 pacotes SKIP

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Oferta de 16 embalagens SUN

SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de B. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

Tauromaquia

Festival do passado e do presente

Festival do passado e do presente este que Leopoldo Nunes promoveu, ontem, no Campo Pequeno, com elementos do toureiro de ontem e de hoje e a benefício da Sopa dos Pobres da terra do ilustre jornalista, Montemor-o-Novo. Quem dá aos pobres empresta a Deus, que com juros pagará ao promotor e aos seus generosos colaboradores, toureiros de ontem e de agora, os primeiros de recordações, e os segundos de esperanças. E de recordações e de esperanças viveram os que ontem, completando a obra, encheram a arábica tijoleira que é a nossa praça vermelha de onde os touros saem vivos para o matadouro.

Três bons touros do sr. marquês de Rio Maior para três cavaleiros: José Mestre Batista, que lidou admiravelmente, e bem cravou farpas compridas e curtas, com ovações, mas sem que ele, tão desconcertante, acesse a volta à arena, porque foi fechar um contrato, e se esqueceu — disse-nos; Luís Miguel da Velga, aquele menino-prodígio, que toureia cada vez melhor, com mais arte e graça, e sempre por todos calorosamente aclamado, com entusiasmos e repetidas voltas à arena e apoteose no centro; e Frederico da Cunha, muito bem, perfeito, sem estridências, calmo, com aplausos e volta à arena.

O Grupo de Amadores de Montemor-o-Novo, pegou bem os três touros, que tinham força na cabeça, e deram voltas à arena. José Rodrigues, Armando Félix e José Letras.

No intervalo, e na arena, ofertas de brindes aos lidadores que, antes e depois, todos brindaram a Leopoldo Nunes, e os pegadores também.

Quatro bravos novinhos de Cabral de Ascensão, o primeiro, o mais difícil, foi para Manuel dos Santos, o generoso cedente da praça e glória dos nossos passados matadores, cá e no México, linda terra do seu amor e glória, para onde hoje mesmo seguiu em avião a reunir-se a sua esposa. Bem bandarilharam Tinoca, uma vez por cada lado, para igualar, e Barreto, e bem usou Manuel da muleta, sendo chamado e aplaudido.

«Antônio» repetiu a lição que lhe admiramos no festival do Peru, sério como bom castelhano, perfeito «maestro» com capa e muleta. Bandarilharam Francisco Corba e João Inácio, e o «maestro», ao som da música, foi ovacionado e deu volta à arena.

Amadeu dos Anjos com um novinho à sua medida, moveu a capa sem se mover e com sua rara habilidade prodiga-



José Falcão, o nosso em acção

lizou circulares repetidos, ao som da música e com merecidas voltas à arena.

O último foi para o nosso matador em foco, na actualidade, José Falcão, que brindou ao dr José da Cunha e bem, toureiro completo com a capa e as bandarilhas ao som da música com a muleta, simulando a morte na sorte de receber. Grandes homenagens em triunfais voltas à arena. Depois deste triunfo lá voltou para Espanha e França, e também pelas Américas o nosso melhor em acção na actualidade.

EL T. PEREZ

Corrida em Elvas

ELVAS, 18 — Na segunda e na terça-feira, sempre às 17 horas, decorrem na praça de toiros (desmontável) corridas com a participação, no primeiro dia, dos cavaleiros David R. Telles, Moreno Pidal e Sommer Andrade e, no segundo, David R. Telles e José M. Cortes e espadas José Júlio e Armando Soares. Os forçados são os Amadores de Évora, capitaneados por João Nunes Patinhas.

ABC Cineclube

O ABC Cine-Clube de Lisboa promove, esta tarde (18 e 40), no Cinema Lys, mais uma sessão para os seus associados, exibindo «A flor da betura do pântano», de Sidney Pollack, com Nathalie Wood e Robert Redford.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

NAQUELA DIFÍCIL FRONTEIRA...
...ENTRE O CALOR DA PAIXÃO...
...E A FRIA DETERMINAÇÃO DA VINGANÇA!



**Amor quente,
Amor frio**

"BLOW HOT, BLOW COLD"

COM GIULIANO GEMMA • BIBI ANDERSSON • ROSEMARY DEXTER • GUNNAR BJORNSTRAND
PRODUÇÃO DE: TURI VASILE REALIZAÇÃO DE: FLORESTANO VANCINI WARNER BROS.

EXCLUS. ASTORIA FILMES

COLOR

**HOJE
ESTREIA**

NOS
CINEMAS

SÃO LUÍZ
As 21.30
ALVADE
As 21.45

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

TODAS AS NOITES
AS 21.45 HORAS
Sábados e Domingos
também às 16 horas

**SÁBADO, AS 16 H.
TARDE POPULAR**

com a mesma tabela
das noites de quinta-feira
BALCÃO: 10\$, 15\$ e 30\$00
PLATEIA: 30\$00 e 50\$00
Os jovens dos 17 aos 24 anos
têm, nas tardes de sábado e
nos 2 espectáculos de domingo,
50% de desconto nas
normas habituais

A APENAS

25 DIAS

da sua apresentação no
FESTIVAL INTERNACIONAL
DE TEATRO DE MADRID
e divertidíssima sátira

A RELÍQUIA

ÇA DE QUEIROZ

AR REFRIGERADO
M/ 17 anos

NO TEATRO TELEF. 717017
MONUMENTAL

HOJE, às 21.45 (ADULTOS)
EM 32.ª SEMANA
UMA DELICIOSA COMÉDIA
apresentada por
Vasco Morgado
com a querida actriz
LAURA ALVES

POBRE MILIONÁRIA

No elenco: Rui de Carvalho,
Canto e Castro, Armando
Cortez, Carlos José Teixeira,
Fernanda Alves, Luis Pinhão,
Guida Maria, Carlos Paulo e
António Semedo
Plateia, 30\$00 — Balcão, 50\$00
Domingos, à tarde, às 16 h.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
MAIS AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACROSS LIVING
MACHINES DE 21 ANOS

Les Ballets de PIERRE FRANCK

em
Folies Royales

produção de
PIERRE FRANCK
e **PERRY McCANN**

conjunto vocal
ingles

BROTHERLY LOVE

ILES ROSETTI

comediantes da acrobacia

NATALINA JOSE com António Luis Gomes e Raul Silva

JIRINÁS COMBO
"FORMA 5" com Vitor e Paul
FERRER TRINDADE
e sua orquestra

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE
AS 23.30 H MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR À 1.00 H
MAIORES DE 21 ANOS

RITA REAMUR SO NO WONDER BAR

No cinema
As 17 e 21.30
O PREÇO DE HERANÇA
(M. 17 anos)

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS
R. DA ESCOLA POLITECNICA, 259



VENDAS - SERVIÇO - PEÇAS



O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalha Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Boafim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua do porto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



• NO TIVOLI

TÍTULO: «O homem das Pistolas de Ouro» («Warlock»).

REALIZAÇÃO: Edward Dmytryk, 1959 (E. U. A.).

ARGUMENTO: Robert Allan Aurthur, seg. romance de Oackey Hall.

FOTOGRAFIA: Joe MacDonald (cor de de luxe e cinemascopo).

MÚSICA: Leigh Harline.

INTERPRETES: Richard Widmark, Henry Fonda, Anthony Quinn, Dorothy Malone, Dolores Michaels, Wallace Ford, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Fox Films.

Datado de 1959, «O Homem das Pistolas de Ouro» pertence ao grupo de filmes que, tendo o Oeste por cenário, procuraram renovar o género durante toda a década de 50, enriquecendo para tanto os esquemas clássicos com algumas tentativas de aprofundamento psicológico e um outro prolongamento de ordem político. O Western americano conheceu então uma época de certa notoriedade, acabando por entusiasmar massas intelectuais que desde sempre viam nele apenas um entretenimento de flotas e passaram depois a olhá-lo como um envolvimento metafórico que servia as intenções políticas e sociais de alguns cineastas inquietos, homens que dentro do convencionalismo da produção norte-americana não conseguiam expressar por outros métodos as ideias que pretendiam comunicar. Com isto perdeu o western um pouco do seu lirismo mítico dos primeiros tempos e ganhou um outro fôlego sociológico. Data desta época a grande reabilitação do índio (que passou a ser compreendido, não como uma ameaça, mas como uma vítima) e inaugura-se também aqui o ciclo do paternalismo branco frente às outras raças que

esmalta o continente americano.

«Warlock» é, deste período, um clássico que entrelaça uma revivência mítica com as novas procas psicológicas e uma outra insinuação política. Warlock é uma pequena povoação que vive aterrorizada pelo grupo de vaqueiros dos McQuown que tiraniza a região. O chefe é um grande proprietário e a sua vontade dita leis. Os sheriffs que se lhe procuram opor são sistematicamente eliminados. A população de Warlock vive angustiada e chega ao limite da sua resistência. Resolve então contratar um pistoleiro profissional para defender a sua causa. O pistoleiro será Baisdell, o homem das pistolas de ouro (Henry Fonda), que chega acompanhado por um jogador profissional, Morgan (Anthony Quinn), vivendo ambos uma existência ambígua, com ressonâncias de homossexualismo. A ordem regressa então a Warlock, mas é uma ordem ilegal imposta do exterior por um estranho, cujo poder crescente começa a aterrorizar os cidadãos. Surge então Gannon, um antigo bandoleiro, dissidente do grupo dos McQuown, que resolve aceitar o cargo de sheriff e impor a lei em Warlock, funcionando como pêndulo entre o poder dos vaqueiros e o do pistoleiro profissional.

O argumento desta película extremamente curiosa é da autoria de Robert Allan Aurthur (que se estreou há pouco como realizador, em «O Homem Perdido») e a direcção pertence ao veterano Dmytryk, um homem sem grande génio, mas de *métier* mais do que suficiente para arrancar uma narrativa vigorosa e apontamentos de belo recorte plástico e emotivo. Quatro grandes actores protagonizam este western que, pela utilização do cinema-mascone e pelo recurso ao nome das vedetas, pretendia concorrer (vitoriosamente) com o pequeno *écran* de TV. Por tudo isto «Warlock» é um filme de decisivo interesse histórico e inestimável qualidade, mesmo tendo em conta os onze anos que sobre ele passaram.

LAURO ANTÓNIO

O CLUBE PALCO OFERECE SETE CONTOS E MEIO PARA UMA PEÇA INÉDITA

Um prémio de 7500\$00 acaba de ser instituído pelo Clube de Teatro Palco (com a colaboração das Publicações Europa-América) para galardoar um original dramático em língua portuguesa. Como tal haverá um concurso, com limite de entrega às 18 horas do dia 31 de Janeiro do próximo ano, e está mesmo já constituído o júri — Bernardo Santareno, Urbano Tavares Rodrigues, Rogério Paulo, Fernando Gusmão e Fernando Luso Soares.

Objectivo do prémio: «promover o aparecimento de obras dramáticas em Portugal». Realmente não têm surgido muitas, e das

que se publicam há uma larga percentagem de textos «para ler», não para encenar.

Aliás o original premiado será também para ler, pois a Europa-América comprometeu-se a fazer dele, no prazo máximo de seis meses, uma edição a 2500 exemplares. Oxalá o júri consiga descobrir a tal peça também para encenar. Calhava bem e o Palco mereço-o.

Para além do incentivo criado o clube de teatro pouco mais (e já é muito!) pretende do concurso presente. Limita-se a fazer uma leitura das peças distinguidas, independentemente da sua publicação.

O CONGRESSO QUE TOCA

FANHÕES, 15 — Bandas de música e filarmónicas civis do concelho de Loures vão reunir-se num congresso. Será a primeira sessão de trabalhos conjunta destas agremiações e dela se espera solução para uma série de problemas com que se debatem os músicos locais.

sicós locais.

Várias entidades, entre as quais o próprio chefe do distrito, foram convidadas a participar numa reunião prévia já no próximo dia 10 de Outubro. Organizadores de todo este programa: os Bombeiros Voluntários de Fanhões.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Conde, R. Vasco da Gama, 12.

teatro



UMA PRODUÇÃO DE
JOSÉ MIGUEL

- * poema original de PAULO DA FONSECA CÉSAR DE OLIVEIRA ROGÉRIO BRACINHA
- * músicas dos maestros JOÃO NOBRE JOÃO VASCONCELOS
- * direcção de montagem PROF. MANUEL LIMA
- * colaboração dos notáveis artistas plásticos CARLOS BOTELHO FRANCISCO RELÓGIO FERNANDO BENTO
- * maestro director JOÃO VASCONCELOS

- * direcção e encenação CAMILO DE OLIVEIRA
- * coreografia BARRY SCRAY
- * figurinos JUAN SOUTULLO
- * execução dos ATELIERS PAIVA
- * sob a direcção de JOSEFINA SOARES
- * maquetas do prof. MANUEL LIMA, HERNANI LOPES, MANUEL VIANA, JOSÉ MANUEL, REBOCHO e JUAN SOUTULLO
- * cenografia de JOSÉ MANUEL e REBOCHO.

* a atracção nacional
CONJUNTO SEM NOME

«Ballet Santiago Dancer's»

«Ballet» Internacional do ABC

- * com as esbeltas bailarinas Jacqueline, Mira, Leslie, Brigitte, Eunice, Rosemary, Terry, Fátima, Clarisse, Milu, Méta, Deolinda, Magda e Stela.
- * os bailarinos Barry, Fernando, Nuncio e Carlos

ESTA NOITE

às 20,45
às 23 horas

EMPOLGANTE ESTREIA DA REVISTA

ALTO LÁ COM ELAS

com os populares actores



CAMILO

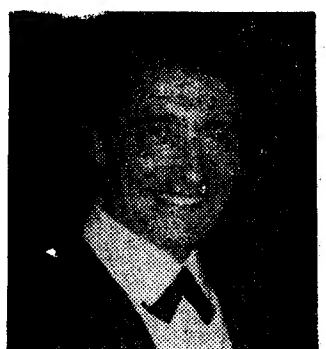


IVONE



* a escultural

IO APOLLONI



* a voz de ouro de

TONY DE MATOS

LINDA SILVA * ORLANDO FERNANDES
no «compère» VÍTOR ESPADINHA

MARIA TAVARES * NINA FLORES * MARILIA GAMA
LINA MORGADO prémio Beatriz Costa * MARIA DO CÉU

- * maquilista-chefe Carlos Graça
- * som e luz Alfredo Abrantes
- * ponto Alvaro Rosa
- * assistente de contra-regra António Pereira
- * chefe de bilheteiras José Frago
- * relações públicas Alberto Cardoso

TODO O LUXO DE PARIS
NUMA GRANDE REVISTA PORTUGUESA

BILHETES A VENDA PARA OS PRIMEIROS ESPECTÁCULOS
Domingo: «Matinée» às 16 horas

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL «O SÉCULO»

REVELA-SE TODOS OS DIAS O MAIS ACOLHEDOR LOCAL DE DIVERTIMENTO DE LISBOA

ALI HÁ DE TUDO: DIVERTIMENTOS / «STANDS» DE EXPOSIÇÕES / RESTAURANTES / RETIROS, ETC.

— Transportes fáceis, directos e assegurados —
ABERTURA ÀS 19 HORAS — ENTRADA: 2 ESCUDOS

«O VISON VOADOR» está agora no CAPITÓLIO

MAIORES DE 17 ANOS

HOJE, ÀS 21.45 HORAS • SÁBADO, ÀS 21 HORAS E ÀS 23 HORAS • DOMINGO, ÀS 16 HORAS E ÀS 21.45 HORAS • TELEF 32 74 93

VIDA MUSICAL

Nova audição de alunos dos cursos da Costa do Sol

No Pavilhão de Congressos do Estoril apresentaram-se ontem, à noite, dezasseis alunos dos profs. Paul Schillhowsky e Liselotte Egger, em mais uma audição escolar dos

IX Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol.

Para executar obras de Gluck, Cherubini, Mozart, Verdi, Bizet, Beethoven, Schubert, Schumann, Brahms, Strauss, Wolf, Abadós, Monbon Nian e Granados, com acompanhamentos de Rosalín Revan, Nathércia Couto e do próprio prof. Schillhowsky, exibiram-se Maria Augusta Calado (Brasil), Manuela Castanhinha (Portugal), Manuel Cid (Espanha), Rafaela Reyna (Venezuela), Rainer Rotschwar (Alemanha), Vasco Gil (Portugal), José Mendes dos Santos (Portugal), Heiga Zimmermann (Alemanha), Marianne Etzweiler (Suíça), Lúcia Afonso (Portugal), Carmen Zingra (Brasil), Julia Rodriguez (Espanha), Luís Filipe Brunner (Portugal), Helena Pina Manique (Portugal) e Francisca Martín Gomez (Espanha).



José Miguel com o prof. Manuel de Lima e um dos autores

O ABC estreia hoje «Alto lá com elas»

O Parque Mayer já tem revista. Chama-se «Alto lá com elas», é mais uma obra acabada da parceria Fonseca, Oliveira & Bracinha e sobe à cena no renovado ABC esta noite, em princípio às 20 e 45 — mas nisto de estreia pode acusar um bocadinho que nin-

guém repara. Aliás, há uma segunda sessão, prevista para as 23 horas, que deverá começar a meio da noite.

Coube assim ao empresário José Miguel inaugurar a nova época de teatro musical. «Alto lá com elas», musicada por João Nobre e João de Vasconcelos, com encenação e direcção de Camillo de Oliveira, apresenta um bom e experiente elenco: o mesmo Camillo, Ivone Silva, a vedeta italiana Jo Apoloni, o cancionista Tony de Matos, Linda Silva, Orlando Fernandes, Vítor Espadinha (no «compêter»), as jovens actrizes Maria Tavares, Nina Flores, Maria Gama, Lina Morgado (prémio «Beatriz Costa») e Maria do Céu, a «atração nacional» Conjunto Sem Nome, dois «ballerinas» internacionais e, ainda, «girls» portuguesas.

Com montagem dirigida pelo prof. Manuel Lima, maquiagem de Hernâni Lopes, Manuel Viana, José Manuel, Rebocho, Juan Soutullo e, também, do prof. Manuel Lima, direcção coreográfica de Barry Scray, figurinos de Juan Soutullo executados sob direcção de Josefina Soares nos prestigiosos Ateliers Paiva e direcção musical do maestro João de Vasconcelos, a super-revista «Alto lá com elas» promete um desfile de boas piadas e bonitas mulheres.

EQUIPHOTEL (PARIS)

De 8 a 15 de Outubro Viagem Organizada por

CAPRISLANDS TURISMO LID

Por ocasião da maior Feira Europeia de Equipamentos Moteleiros e seus similares

PREÇO... € 150\$00

Incluindo:
— Passagem aérea de ida e volta
— Transporte dos Hotéis ao Aeroporto e vice-versa
— Hotéis de 1.ª superior em quartos com banho e pequeno almoço.
— Visita de Paris em autocarros

INSCRIÇÕES ATÉ 19 DE SETEMBRO
TAMBÉM TEMOS PARA SI CRUZEIROS
De 12 Dias — A MADEIRA, CANARIAS E CASABLANCA
De 6 Dias — FIM DO ANO NA MADEIRA
Facilidades até 12 meses

SENSACIONAL!

A PARTIR DE HOJE, no **EUROPA** às 21.30 h.

3.ª SEMANA

DE UM FILME PORTUGUES DE ABSOLUTO NIVEL INTERNACIONAL!

UMA SATIRA VERDADEIRAMENTE SATANICA!



AS TROPÍAS DO AMOR SOB A ÉGIDE DE UM MAFARRICO... SIMPÁTICO!

os Avisos de Salinas

COM EASTMANCOLOR-TECHNISCOPE

MADALENA IGLÉSIAS
AMÉRICO COIMBRA
CRISTINA GALBO
ARTUR FERNANDEZ

Real. JOSÉ LUÍS MERINO
Exc. DISTRIBUIDORES REUNIDOS Maiores 12 anos

Em complemento: «ALMADA NEGREIROS — VIVO HOJE»

6.º AVISO! MUITO IMPORTANTE:

MADALENA IGLÉSIAS actuará em «fim-de-festa» nos espectáculos nocturnos de HOJE, AMANHÃ e DOMINGO, acompanhada do Conjunto de JORGE MACHADO.

C. M. L.

ESTUFA FRIA

Amanhã, às 21.30 horas

ESPECTÁCULO GRATUITO

«O BAILE DOS MERCADORES» — de João Osório de Castro — com Madalena Sotto, Adeline Campos, Leonor Pereira, Luís Filipe, António Machado, Ricardo Aliberty, Alfredo Jorge, Duarte Nuno, Beatriz de Almeida, Graça Vitória, Andrade e Silva, Henrique Viana, Fausto Correia Leite, Jorge Vale, Carlos Daniel e Augusto de Figueiredo

Pela COMPANHIA DE TEATRO POPULAR

Dirigida pelo Actor Augusto de Figueiredo

Distribuição de Bilhetes:

Restauradores, das 18 às 20 horas
Estufa Fria, às 21 horas.

M/17 anos



BALÃO VERMELHO GRANDES SALDOS DE INVERNO

AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 14 — Tel. 4179

CURSOS TÉCNICOS DE

DECORAÇÃO • PINTURA ARTES DECORATIVAS CERÂMICA • ESMALTAGEM

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS

ESCOLA PAIXÃO

AV. ALMERANTE REIS, 50, 3.ª B. — TEL. 527.26

todas as tentações à flor da pele na perturbante Chicago de 1900

adultos

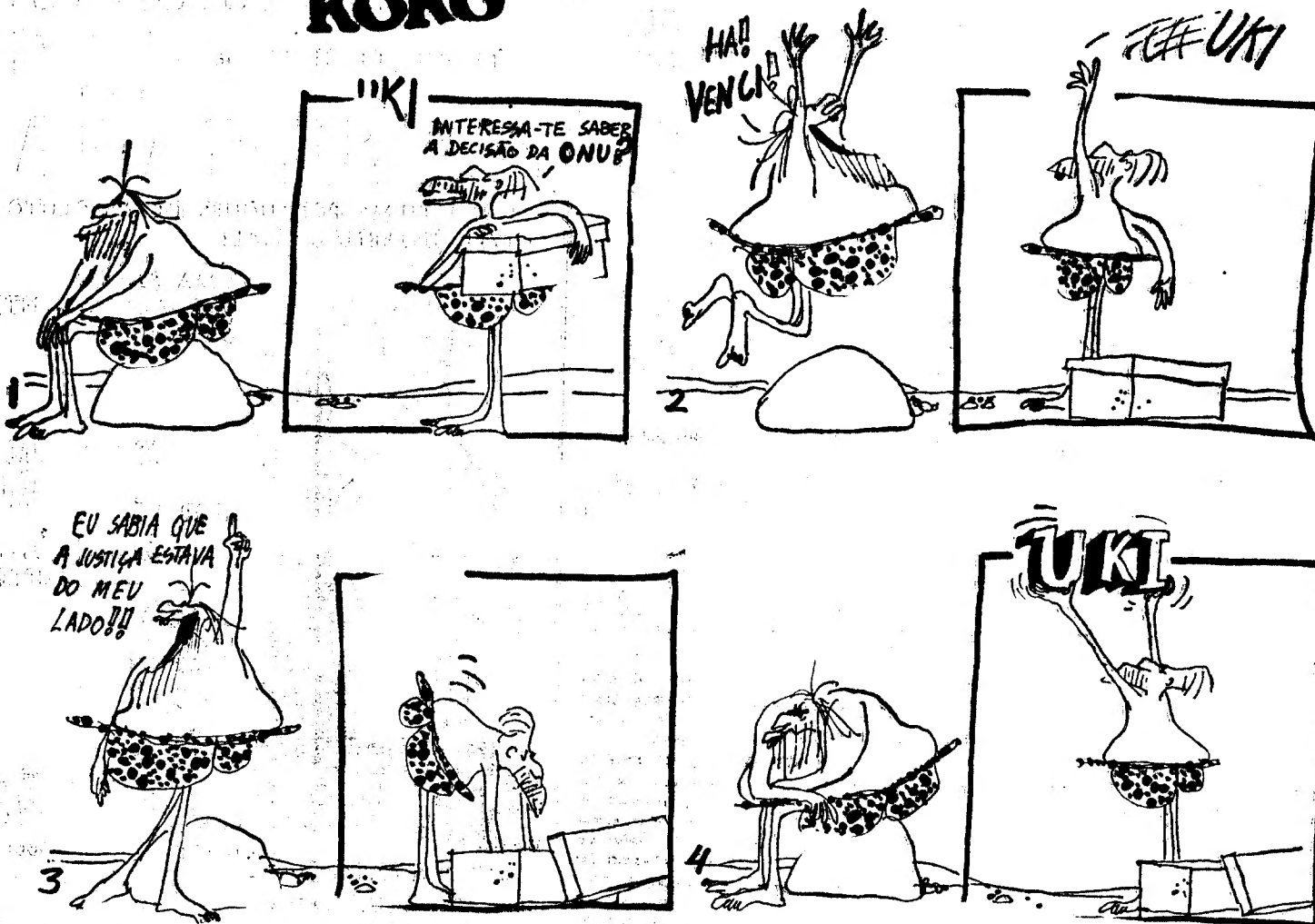
MERCOURI

BRIDGES KEITH KENNEDY

2.ª SINFONIA

ROMA

koko



PROMOÇÃO TURÍSTICA DE PORTUGAL NO CANADÁ

No Hotel Banff Springs, no Parque Nacional de Banff, ao norte de Calgary, na província de Alberta, a Canadian Pacific Airlines leva a efeito, de 1 a 26 deste mês, uma grande promoção turística do nosso País, em que participa numeroso grupo de agências de viagens.

Como convidados daquela companhia, partem amanhã, às 14 horas, de Lisboa para Montreal os srs. dr. Alvaro de Sousa, chefe da repartição de Relações Públicas da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, e sua esposa; José Augusto Louro Carrasco, chefe da secção de Propaganda do mesmo organismo e esposa também o industrial de turismo José Teodoro dos Santos, em representação do Hotel Estoril-Sol. Aos participantes serão apresentados filmes, slides e diverso material de promoção impresso.

AUTOMÓVEL (IC-90-88) ROUBADO

Por lapso, foi indicada erradamente a matrícula do «Austin Cooper» do nosso camarada Avelãs Coelho roubado no fim-de-semana passada, no Aeroporto de Lisboa. Disse-se que a matrícula era IC-90-83. Na realidade, a verdadeira é IC-90-88.

O carro é de cor amarelo-areia, tem rodas mais largas, volante de competição e uma pequena amolagadeira na porta do lado esquerdo.

ora dia-a-dia-nos...

— Pensa na vida antes de adormecer?

Convém, todas as noites, fazer o balanço do dia que se viveu. Só assim é que se dá um passo em frente.



● **Palavras de António Rodrigues, mecânico de automóveis:**

— Um bocadinho. Penso um bocadinho...
— So um bocadinho?
— Bem, isso vai com a idade. Quantos mais anos mais se pensa. Daqui a uns anos, talvez pense um bocadão. Agora, que sou novo, penso só um bocadinho.



● **Por último, declarou-nos a menina Isabel, aluna do quarto ano comercial:**

— Penso um bocadinho. Mas como tenho sempre muito sono, às vezes nem sequer penso um bocadinho... Olhe: sonho — é o que é.
— Claro...

● **Disse-nos o empregado de escritório António Nelson:**

— Penso. Isto é: olho para o tecto...
— Olha para o tecto...?
— Sim. O tecto é branco e não distrai. Assim, uma pessoa põe-se a pensar na vida...
— Encontram soluções?
— Assim, assim.



TRÊS MORTOS NUMA ADEGA

ESTÁ A MELHORAR A SOBREVIVENTE DO CASO DE INTOXICAÇÃO EM PINHEL

COIMBRA, 18. — Continua internada no Centro de Reanimação dos Hospitais da Universidade, mas em estado que já se não considera muito grave, a sobrevivente do trágico caso de intoxicação, por vapores contidos numa cuba de vinho, que vitimou dois homens e uma mulher em Atalaia, Pinhel. Médicos lutam para salvar a vida de Armandina Castelo, esposa do proprietário da adega onde se deu o desastre e precisamente um dos três mortos.

Havendo decidido limpar uma cuba com a capacidade de 600 almudes, recentemente esvaziada, o sr. Américo Marques Castelo, de 59 anos, dono de uma venda de vinhos naquela localidade, entrou no recipiente e foi pouco depois vitimado pela emanacão tóxica de anidrido carbónico ali acumulado, não sem antes gritar por socorro. Em rápida sucessão foram também morrer na cuba um cunhado do taberneiro, António Lou-

renço Pereira, de 45 anos, agricultor, e a septuagenária Aurora Gaspar.

TAGIDE

Boite

Serviço de Restaurante

★

Aberto até às 5 horas

TAGIDE

BOITE UTILIDADE TURÍSTICA

LG. BIBLIOTECA PÚBLICA, 18-20

TELS. Boite Restaurante 3 5328
Cabine 36 21 23

O ROUBO DOS 700 CONTOS DE JÓIAS:

AINDA POR LOCALIZAR DOIS DOS SUSPEITOS

Evaristo de Sousa, mecânico, de 26 anos, e António Esteves Igreja, ambos residentes no Bairro da Liberdade, são considerados pela P. S. P. de Cascais dois dos três presumíveis autores do roubo de Oitavos — 700 contos em jóias.

— Os dois indivíduos ainda não foram localizados — foi esta a informação ali colhida às 12 horas.

Para já, e como ontem no-

ticiámos, há um único detido: Alfredo Garcia Moura, condutor de um carro «chippy», que abordava automóveis es-

tacionados na zona de Cascais, na companhia dos outros dois. Foi ele que informou a P. S. P. da identidade

Entretanto, a Polícia Judiciária e a P. S. P. de Cascais prosseguem nas investigações.

Admissão ao Instituto Comercial de Lisboa

As provas escritas dos exames de admissão ao Instituto Comercial de Lisboa têm início na próxima 2.ª-feira, às 10 horas, devendo os can-

didados da alínea a) (três disciplinas) apresentar-se, para o efeito, na Escola Industrial Marquês de Pombal, sita no antigo Campo das Sa-

lésias, à Rua Alexandre de Gusmão, e os da alínea b) (sete disciplinas) na sede do Instituto, na Rua das Chagas.

ARNALDO TRINDADE & CA., LDA.

PORTO — LISBOA

Novos telefones da sua sede no Porto:

381341 a 381348

380898 e 27036



ALFACINHA

(Aux fines Herbes)

Todas as grandes capitais têm uma «saison» e a minha não escapa a esta regra. Sou, já o tenho dito, natural do enclave de Arroios, pequeno país conquistado pelos cristãos e submetido desde a fatídica data da conquista às mais abjectas humilhações, como seja a de ter sido entalado entre um Arieiro repleto das mais «fines herbes» e uns Anjos que cheiram a princípio do século que tresandam. Ora não há dúvida de que na minha cidade de Arroios já se começa a sentir o início da «saison»: no interior de certas mercearias já se acende a luz antes das sete e já vi, com estes olhos que a terra há-de comer, uma senhora entregue ao trabalho de sacudir animadamente um casaco de inverno à janela. Tudo isto é francamente animador, tanto mais que esta minha cidade de Arroios reflecte, normalmente, o que se passa em Lisboa, a grande metrópole que preside aos destinos do País. O facto de já se sentir o início da temporada em Arroios leva, assim, a crer que a mesma vá ser animada em Lisboa ou, melhor, que nas mercearias de Lisboa já se começa a acender a luz antes das sete e que as boas burguesas da grande capital já começaram a sacudir os seus casacos de Inverno a fim de interromperem as deliciosas refeições a que as traças se entregavam desde Julho. Vem tudo isto a propósito das montras das boutiques de Arroios que apareceram, ultimamente, cheias de vestidos, penderucalhos, minis, midis, lenços e mais adereços utilizados pelas burguesas ricas para ver se alguém dá por elas. Estou em crer que dentro de dias as madames e

as mademoiselles de Arroios vão iniciar a sua «saison»; isto é, que as ditas vão continuar a revelar-se emancipadas e modernas descendo e subindo o Chiado mascaradas com estes adornos penosamente adquiridos por uns desgraçados que só assim conseguem calá-las e dar-lhes a sensação de que existem. Como é evidente, esta fatioteirice imbecil que os jovens de todo o mundo estão rapidamente a ridicularizar e a tornar obsoleta, assenta na ideia de que estas madames todas têm onde usar as fatiadas, isto é, que existe uma «saison» e que as madames finas vão ter a oportunidade de usar o guarda-roupa em locais adequados ao mesmo. O pior é que os grandes «happenings» da vida destas mascaradas madames são extremamente provincianos e que as ditas, para terem ocasião de envergar os seus uniformes boutiqueiros, não têm outro remédio senão ir até à Versaillles ou à Benard comer um pastelinho de Belém ou frequentar uma ou outra estreia num cinemazito qualquer. Haverá quem as não tenha visto a passear as raposas nos foyers dos cinemas? Haverá quem as não tenha visto, de vison, papando uma torradinha numa pastelaria fina? Quando a gente pensa que estas madames levaram horas a vestir-se e a pintar os olhos para acabarem à mesa dum pastelaria ou num foyer dum cinema, vêm-nos as lágrimas aos olhos. É que não é justo. Esta gente merecia ter onde se pavonear. O que vale é que começou a «saison», pelo menos em Arroios, e que nas mercearias já se começa a acender a luz antes das sete...



AS INSPECÇÕES MÉDICAS DAS ALUNAS DO LICEU RAINHA DONA LEONOR

As alunas que vão frequentar o Liceu Rainha Dona Leonor devem apresentar-se à inspecção médica nos dias e horas a seguir indicados:

3.º ANO — dia 22 — às 9 e 30: de Adelaide Maria Malho e Mesquita a Ana Maria Canto dos Santos; e às 11 e 30: de Ana Maria Dias Moura a Anabela Castanheira Leitão. Dia 23 — às 9 e 30: de Anabela Pereira Neves a Fernanda Maria Amaral Garrett; e às 11 e 30: de Fernanda Maria Correia da Fonseca a Isabel Maria Mendes Cabrita. Dia 24 — às 9 e 30: de Isabel Maria Mendes Medeiros Ferreira a Margarida Maria dos Reis Fábão e Silva; e às 11 e 30: de Margarida Maria Salvador Marques Murt a Maria Cristina de Carvalho Pires Gonçalves. Dia 25 — às 9 e 30: de Maria Cristina Dias dos Santos Ferreira a Maria Fernandes Rodrigues; e às 11 e 30: de Maria Filipa Fernandes Maldonado Rodrigues a Maria João Antunes Santos Esteves. Dia 26 — às 9 e 30: de Maria João Ferreira Real a Maria de Lourdes Sousa Fernandes; e às 11 e 30: de Maria de Lourdes Trindade Prisal a Maria Paula Tavares

da Horta e Silva. Dia 29 — às 9 e 30: de Maria Paula Ventura de Oliveira a Maria da Conceição Amorim Queiroz; e às 11 e 30: de Maria Henriques Paulino ao fim.

4.º e 5.º ANOS — dia 30, às 9 e 30.

6.º e 7.º ANOS — dia 30, às 11 e 30.

Só são submetidas a inspecção médica as alunas que vão frequentar o Liceu pela primeira vez, estando afixadas no átrio as listas respectivas.

As alunas devem saber as doenças que tiveram e outros dados com interesse para a sua saúde.

Apenas 18 rapazes no exame de admissão à Escola do Magistério Primário de Coimbra

COIMBRA, 18 — Na Escola de Magistério Primário desta cidade, realizaram-se as provas escritas do exame de admissão àquele estabelecimento de ensino. Presidiu o respectivo director, sr. dr. Francisco de Sousa Loureiro, e o júri foi constituído pelos professores arquitecto Plácido dos Santos e D. Maria de Lurdes Rodrigues de Pinho Leão.

Compareceram a prestar provas 178 candidatos à primeira matrícula naquele estabelecimento de ensino, sendo 18 do sexo masculino e 160 feminino, cujos resultados devem ser tornados públicos no próximo dia 26, iniciando-se as provas orais no dia 28.

Embaixador do Brasil

O Presidente da República recebe, na segunda-feira, às 11 horas, no Palácio Nacional de Belém, em audiência solene, para entrega de credenciais, o embaixador do Brasil.

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO DOS BANCÁRIOS

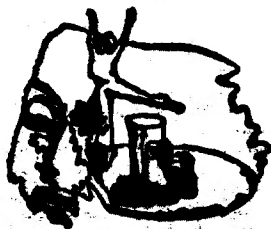
O «Diário do Governo» (II série) de hoje publica as declarações de voto dos prof. drs. Pessoa Jorge e Mário Pinto proferidas na decisão do tribunal arbitral constituído para a resolução do dife-

rendo, quanto ao Contrato Colectivo de Trabalho (então já homologado e em vigor), entre o Grémio dos Bancos e os Sindicatos dos Empregados Bancários, que, respectivamente, representavam.

18.ª COLEÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 18 de Setembro de 1970



RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211

JANTARES
DANÇANTES
AOS SABADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Premiado pelo S. N. A

NO RESTAURANTE
NO SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM

AZEITÃO

ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 23 82 44

LOCAL APROPRIADO PARA
ALMOÇOS E JANTARES

JANTE NA TARANTELA

EM AMBIENTE FAMILIAR

Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA
LANCHES DE CASAMENTOS

RESTAURANTE TATU

Campo Grande 88
Telef. 76 51 88

AMANHÃ
FEIJOADA A BRASILEIRA
DOMINGO
ARROZ A VALENCIANA

o mais típico restaurante
de Algarve é

A Toca do Caracol

em ALCANTARILHA

(a 2 km de Armeção de Pêra)
— Cozinha regional —

TONY DOS BIFES

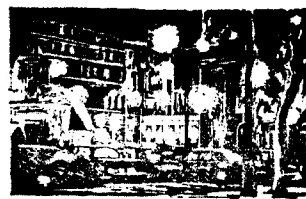
AMANHÃ
FEIJOADA A PORTUGUESA

SEGUNDA-FEIRA
DOBRADA A TONI

ENCERRADO AOS
DOMINGOS DURANTE
O MÊS DE SETEMBRO

PROGRESSO

Restaurante e Snack-Bar
e Pastelaria
R. Barão Salgueiro, 2
Telef. 401 5
Aos domingos especialidade
de coelho
ENXOFADO DE ENXOFAS
E COELHO A CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES
DE CASAMENTO



O cançonetista espanhol Raphael e o intérprete francês Gerard Sotto têm actuado no Algarve, perante plateias quase exclusivamente constituídas por turistas. Os dois nomes dos palcos radofónicos estão em negociações para um «show» — em palco de Lisboa — onde cada um se exhiba no desempenho de dez composições. O (agora loiro) Raphael vai, também gravar em disco quatro melodias da autoria de Gerard.

NOVOS ROSTOS NO PALCO

Vieram de Évora, sua terra natal, seduzidas pelo sonho de pisarem um palco. O imán foi um anúncio, em que se pediam «girls» e bailarinas. A ideia concretiza-se: «...E o Zé faz tudo», a revista que Giuseppe Bastos e Vasco Morgado vão apresentar no Teatro Variedades, marcará a estreia de dois novos rostos: Quinita e Dolores.

Quinita (nascida a 22 de Março de 1952) pesa 50 quilos, tem 1 e 60 de altura e admira os Beatles, Alain Delon e Richard Burton. Dolores Gonçalves Borges completou 19 anos a 18 de Março. Mede 163 centímetros, pesa 51 quilos e é «fan» de Adamo e Raquel Welch. Quinita canta o fado e Dolores quer ser «manequim». Uma e outra são caras novas dos palcos.

* aceite o nosso CONVITE *

DEZENAS DE LEITORES PREMIADOS SEMANALMENTE

Os leitores do «Diário de Lisboa» o interesse por «Aceite o nosso convite», iniciativa que proporciona — sem o menor dispêndio — ensejo de ouvir cantar o fado, dançar ou presenciar belos «shows» nos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa. Sintra e Costa do Sol.

Algumas horas no ambiente acolhedor de restaurantes típicos e «boites» horas muito agradáveis são oferecidas a vá-

rias dezenas de concorrentes.

Com efeito, semanalmente, realizamos um sorteio entre todos os concorrentes (e são milhares de participantes) onde se designam os premiados. Estes, com um acompanhante (parente ou amigo) terão ao seu dispor uma noite verdadeiramente inesquecível em qualquer dos seguintes estabelecimentos: Addagio, Adega Machado, Arabita de Alfama,

Archote Club, Baiuca, Bonaparte Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hippopotamo, Kaverna, Lar Português, Lord Maxime, Márcia Condesa, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop-Fado, Solar da Madragoa, Snob, Tágide, Taverna do Embucado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fragata Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho, Sanzala, Luso e Guitarra de Alfama.



O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Julia Pires, Lina Maria Alves, Natalina Duarte, Flora Pereira, Susana da Conceição, Iolanda, António Proença, Vítor Ramos. Cons. mín. 50\$00. Beca de Espírito Santo 1. Tel. 863299.

TAVERNA DO EMBUCADO

Encaja João Ferreira Rosa, V. Cante da Câmara, João Braga, António Rosmaninho, António de Mello, Carlos Toca, Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leão. Encerra aos domingos. Consumo mín. 90\$00. Beca dos Cortumes, 10. Tel. 860816.

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martins, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragosa e Juliana Maria Toca. Alberto Vitor e António Pessoa. P. de Alegria, 58. Tel. 367093. Encerra à segunda-feira.

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Maria Emilia, Ana Madalena e José Teixeira Toca. António Parreira e José Inácio. Rua da Esperança, 174. Tel. 661915. Cons. mín. 50\$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduardo Maria, Natália dos Anjos, Lúcia Mascarenhas, Rossana Lima, João Nunes, e Arthur dos Santos. Toca. Hermenegildo Lopes e José Meixões. Rua da Vigária, 60. Tel. 866811.

FOLCLORE

Encaja Aminda Vitor, Fernando Guerra, Julieta da Silva, Lúcia Ribeiro, Mariana Rosa, Américo Lima, António Chaim, Fernando Ribeiro, José Maria Nogueira, Aveiro Rodrigues, Fernanda Matos e Corpo de baile constituído por 9 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves. Cons. mín. 120\$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Telef. 35007-323406. Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Ina Odemira, Alcindo de Carvalho, Emilia Reis, Luís Braga e Benedita Cruz. Toca. Amândio Ferreira e Joaquim Lopes. Danças do Grupo Folclore de Vila Franca de Xira. Condições do Minho por J. Barros. Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilbérto Rol, 24. Telefones 676655-67341.

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amândio, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Toca. Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aquarelas de Portugal». Rua das Gáveas, 57. Tel. 34006. Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Mónica Campos, Maria Eva, Beatriz Fragosa, Adriano Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Luciano Gonçalves, Toca. Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto.

Cons. mín. 40\$00. Travessa de Espere, 8. Telefone 35464. Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

Encaja Inês da Silva, Fernando Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fado de Coimbra), Pedro Caldeira, Cabral (Igitarra), Fernando Azeiteiro. Conjunto privativo de Danças Regionais dirigido por António Cunha. Trav. da Quelma, 10-16. Telef. 362889-328503.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Mourão e Francisco Martins. Toca. João Alberto e Manuel Martins. Cons. mín. 50\$00. Travessa de S. Miguel, 22. Alfama. Telefone 868552.

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares. Toca. Domingos Camaninho e Joaquim do Vale. Cons. mín. 50\$00. R. dos Taipas, 14. Tel. 327256.

A KAVERNA

cantam: Tina Santos e Celeste Maria. Toca. Amândio Maia e José Maria Carvalhinho. Cons. mín. 90\$00. Travessa dos Flóis de Deus, 37. Tel. 35593.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Amândio Miranda, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Toca. António Bessa e Fernando Res. Cons. mín. 50\$00. Rua da Borraca, 133. Telef. 36960 e 30532. Encerra às Terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Toca. Sara Correia e Agostinho Dias. Cons. mín. 30\$00. Rua das Trindades, 67. Tel. 669857. Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado, Ivete Pessoa, Nazaré Maria José.

Coimbra por João Queiroz. Ina Melodia. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Toca. Jorge Fontes e Américo Silva. Cons. mín. 70\$00. Rua do Norte, 91. Telef. 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

Encerra aos domingos. Cons. mín. 40\$00. Rua da Adife, 9. Tel. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sabreira. Toca. Acácio Gomes e Miguel Silva. Cons. mín. 40\$00. Rua da Rosa, 219. Tel. 368579.

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Lúcia Mascarenhas e José Manuel Osório. Toca. António Bessa e Fernando Res. Encerra ao domingo. Cons. mín. 35\$00. Largo do Penheiro, 7 (Alfama). Tel. 868505.

RESTAURANTES, BARES — «BOITES» E «DANCINGS»

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Tel. 48384. — Mário Simões e o seu conjunto. Encerra aos domingos.

POP-FADO

R. Ferreira Lage, 58-60. Tel. 561949.

MAXIME

Conjunto e o Reação e Maximiano. «Shows» turísticos e Varie-

dades internacionais. P. de Alegria, 58. Tel. 53366.

ARCHOTE-CLUB

Discos e Rua do Filipe de Vilhena.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas e Amândio Duarte de Leal, 78. Tel. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 1. Campo Grande. Tel. 790177. Encerra às 3.30.

BAIUCA

R. da Borraca, 56. Tel. 34704.

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A. Tel. 323098.

GALERIA REAL

Estreita de S. Pedro e SINTRA. Tel. 981661. Encerra à meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente das E. U. A. R. de S. Miguel, 70 (Alfama). Tel. 372761-6-D.

FLOR DE LIS

Bar M. 17. Rua da Azeiteira, 18 (Barro Alto). Tel. 367136. Encerra às 3 horas.

TAGIDE

Variedades internacionais e Largo

de Biblioteca, 18-22. Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178. Tel. 33723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. Matinées todos os dias. Encerra ao domingo.

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo re-

tamento de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Rua Carlos Reis, 51-A. Tel. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Logo a autorização e variedades internacionais. Telef. 264521-264526-264596-264621-264946.

FORTE VELHO

Paga 5. João de Antão. Tel. 261837.

NATAL TRISTE PARA AS CRIANÇAS POBRES

BONECAS ESPANHOLAS RETIDAS NA FRONTEIRA

Será verdade que estão a entrar pela fronteira norte bonecas de contrabando? Será que irão á ruína os bonecreiros de Alicante? Será que se pode vender por 60 escudos uma boneca que chia e fecha os olhos? Será que vai acabar em bem a «guerra de las muñecas»? Será, será?



Pedro Feist: «Não se desconhece que, na fronteira Norte, há contrabando de bonecas»

A notícia vem de Madrid. O recorte é do «ABC» de 30 de Agosto. Mas a «guerra das bonecas» começou antes. Pois, a verdade, é que já se fala da paz. E, até, ao nível das negociações diplomáticas:

«El problema de las muñecas españolas retenidas en la frontera de Portugal se ha suavizado ya en parte y está en vías de solucionarse definitivamente», ha declarado un portavoz autorizado del Ministerio de Comercio español.

España y la industria de fabricación de juguetes nacionales están muy interesadas en que las negociaciones que se están llevando a cabo lleguen a su término y el problema quede totalmente zanjado. Portugal ha sido hasta ahora un mercado muy interesante. En 1969 las exportaciones de muñecas a dicho país alcanzaron un valor aproximado de 30 millones de pesetas, cifra que, aunque no tiene demasiada importancia en el comercio exterior entre España y Portugal, sí supone una partida importante de las exportaciones de muñecas españolas.

Por último ha indicado Lisboa, y que como cada el portavoz que se están realizando gestiones ante las au-

toridades comerciales muestra del buen espíritu reinante en dichas negociaciones, se ha autorizado la entrada en Portugal de parte de las muñecas retenidas en la frontera».

Há pois (houve com certeza) um problema que envolve bonecas de importação, fronteiras, comércio e, pelo menos 30 milhões de pesetas (cerca de 12 600 contos).

As crianças, a quem as bonecas se destinam, ainda não sabem nada. Serão talvez as últimas a saber. Isto se, no Natal, não tiverem brinquedos. E que estas bonecas espanholas, de que se fala, são as de brincar. Mas a coisa é mais séria na verdade, do que uma simples brincadeira...

BONECAS SEM LICENÇA

Quais são os antecedentes (lógicos) desta «guerra das bonecas»? O sr. Vaz Simões, dono da «Quermesse de Paris» e grande importador de bonecas dá-nos a sua versão:

— Sabe, durante muitos



Braços robustos, pernas roliças, mas caras bonitas — eis o toque «auténtico» das bonecas que Portugal importa de Espanha

e as espanholas. As alemãs são boas, bonitas, mas caras. As espanholas são — vá lá — assim-assim mas baratas. Por outro lado, as espanholas fizeram moda. O público comprador (um á parte: os pais, naturalmente) gosta do recorte, do formato, do estilo (outro á parte: das formas carnudas, opulentas, maciças) das bonecas espanholas. Daí a sua procura. Pode mesmo dizer-se que a boneca espanhola saturou o mercado. É muito comercial (último á parte: sempre foi assim).

E o sr. Vaz Simões indica números com precisão: — Olhe, uma boneca espanhola que chia e fecha os olhos pode vender-se por 64\$00. Uma que anda é vendível por 103 a 106\$. Como vê, baratas. As italianas vão para o dobro. Por isso, nestes últimos cinco anos, as espanholas (bonecas) tomaram conta do nosso comércio.

BALANÇA COMERCIAL

O próprio sr. Vaz Simões nos indicou outro importador que podia (talvez) le-

mercial luso-espanhola. E a boneca pesa, decisivamente, nesse caso. Deu-se uma concentração do mercado da boneca em Espanha. Pode mesmo dizer-se que há fabriquetas em Onil, na zona industrial de Alicante, que trabalham, em bonecas, exclusivamente para Portugal. É que, com evidente prejuízo do comércio especializado não há quem não importe bonecas de Espanha: ambulantes, oportunos, droguitas. Há verbas, na ordem dos muitos milhares de contos, só destinadas a importar bonecas.

E, por outro lado, relatando dois casos que a este se prendem, o sr. Pedro Feist indicou:

— Parece ser certo que entraram em Portugal, vindas de Espanha, muitas bonecas facturadas a preços reduzidos, o que, é evidente, significa descaminho de direitos. As entidades competentes são forçadas a actuar. Outro caso: não se desconhece que, na fronteira Norte, há contrabando de bonecas. Outro desvio de direitos. Tudo contribui para a chamada «guerra das bonecas».



Vaz Simões: «O caro não se pode vender barato»

anos, todas as bonecas que vinham para Portugal eram italianas ou francesas. E essas eram (ainda são) as melhores, mais elegantes, mais bem acabadas. Até que entraram na corrida as bonecas alemãs

vantar um pouco mais a ponta do véu. Mostrar melhor, por dentro, uma «boneca espanhola».

O sr. Pedro Feist é, na verdade, objectivo:

— Há um grande desequilíbrio na balança co-

Uma última questão: Que prejuízos advirão imediatamente, da falta das licenças de importação.

— Para já, este ano: não há «stocks» de bonecas para o Natal e já devia haver.

DIMINUAM-SE OS I A FIM DE C AO EXTERMÍNIO

A Civilização e a amiga fidalga da fauna silvestre. Para obstar ao seu total extermínio, caminho que em época remota levaram muitas espécies hoje desaparecidas da Terra, há necessidade imperiosa de lhe dispensar eficaz protecção, evitando a sua devastação. Nem sempre, porém, assim se tem procedido como sobejamente o atestam os factos. Uma vez as medidas proteccionistas da fauna chegam tarde; outras nunca chegam ou são tomadas tardiamente quando já não podem produzir quaisquer efeitos. Lembremos, a propósito, que há escassos 3 ou 4 anos apenas, ainda se envenenava a atmosfera com produtos tóxicos em alto grau, que causavam a morte rápida a todos os seres animados de vida, sedentários nas zonas onde era espalhado profusamente, às arbores, em extensas áreas, para combater o bicho da azinheira, a árvore ultrapassada há dezenas de anos, visto hoje se lhe encontrar pouca utilidade. Poderá argumentar-se que o seu fruto constituía um óptimo alimento para certas espécies de gado, como o suíno, por exemplo, e para combustível, quer como lenha ou como carvão. Ambos esses destinos estão, porém, falhados há muitos anos. O porquê exige um salário igual ao da execução de qualquer outra profissão e a epizootia que vem atacando, há anos, os animais desta espécie causa danos que levam a retrair a sua criação, apesar do elevado preço que a sua carne atinge no mercado. Convenhamos, porém, que em muitos países que nos têm vendido, em anos passados, centenas de toneladas de carne de suíno, a azinheira é totalmente desconhecida na sua flora. E, no entanto, criam suínos que chegam para seu consumo e ainda para venderem ao estrangeiro. Quanto à lenha e ao carvão estão estes combustíveis condenados a ser substituídos pelo gás e pela electricidade logo que as condições económicas das classes menos abastadas se encontrem á altura que merecem quem produz riqueza que outra não há como o trabalho.

Pois, sabendo-se os danos mortíferos causados pelo emprego, em larga escala, de pesticidas, tanto ao homem como aos restantes seres animados de vida, ainda continua a espalhar-se o produto venenoso às toneladas, poluindo gravemente a atmosfera e matando aves, insectos, etc. E quando se reclamou contra o envenenamento de tudo e de todos e contra a mortandade causada nos animais, alguns bastante compulsores, a que não escapou a fauna cinegética e aliada dos campos, comprovada com fotos das vítimas, logo o departamento responsável pelos mortifícios e da poluição do ar que aspiramos veio declarar que os benefícios auferidos pelo arvoredo, já então condena-



O calor começa a apertar e as... descansar, mas a caça continuará. E

do a desaparecer, eram bastante superiores aos prejuízos verificados com a morte dos animais vítimas de envenenamento premeditado. Que dirão esses «cientistas» à opinião dos outros cientistas que nos avisam de que se não tivermos juízo e cautela morreremos todos intoxicados.

E quanto ao grave risco da poluição do ar, das águas e dos alimentos, nem uma palavra que acalmasse os espíritos assustados com as perspectivas de morrerem envenenados. Nem era preciso.

E as azinheiras, que tanto carinho mereceram ao departamento oficial respectivo, estão a ser substituídas por outras árvores mais rendosas e mais adequadas ao surto de progresso que atravessamos e se deve seguir a passos de gigante, mau grado a marcha atrás com que se pretende entravá-lo. E as azinheiras, repetimos, que não são substituídas por outras espécies ou são simplesmente arrancadas ou conservam-se, ainda, incompreensivelmente, a ocupar terreno muito dele de óptima qualidade que bem poderia ser destinado à produção de cereais, por exemplo.

A proliferação abusiva de coutos veio agravar consideravelmente a es- da fauna nos terrenos livres

A caça, porém, monopolizada como está sendo, contra os interesses sagrados da Grel, bem comum de todos nós, está a ser usufruída ilegítimamente por certos grupos de classes que, mesmo juntamente com o produto da renda dos terrenos não

regia, fazer... Há r... topóli... tentad... mente... rantes... idade... a ser... exclusi... certa... alarde... poderi... venatú... perda... das p... salvass... se aviz... zação... tegesse... tulção... para r... e arti... servas... outras... nulção... terdiçã... caçar... cles s... mesmo... da fau... tudo... do usc... ção de... interdi... cles n... por ex... prát... do per... poderi... açamb... pelos... verdade... al tarme... ular... fruição... que é... deu as... tantes... sustar... fauna... factore... constai... te gatu... teio de... culos e... dos e... de de... tros r... com e

DIAS DE CAÇA OBVIAR DAS ESPÉCIES



As codornizes colam-se ao terreno. Os caçadores vão para. E este ano é que é de aproveitar: há muitas codornizes

lega, ao que parece, para fazer face às suas despesas. Há muitos anos que o monopólio da caça era sonho tentador das classes erradamente chamadas preponderantes. Tal como sucedeu na Idade Média a caça passaria a ser passatempo favorito e exclusivo divertimento de certa gente. E então vá de alardear que só os contos poderiam salvar a riqueza venatória nacional da sua perda ou extinção em grandes áreas territoriais. Medidas proteccionistas que a salvassem da sua ruína, que se avizinha, poucas. Fiscalização das normas que a protegessem, quase nula; instituição de reservas nacionais para repovoamento natural e artificiais, através de reservas volantes, umas, fixas, outras, por exemplo; diminuição dos dias de caça; interdição parcial ou total de caçar certa ou certas espécies só raramente, incluindo mesmo o número de animais da fauna que não a ser abatido diariamente, proibição do uso de armas de repetição de mais de 2 ou 3 tiros; interdição de caçar as espécies migratórias na bebida, por exemplo, que serve para a prática de abusos, matando perdizes às centenas, etc., poderiam ter evitado o acambramento da caça pelos ricos em detrimento, verdadeiramente vexatório e altamente atentatório do seu direito de todos à usufruição deste bem comum que é a caça. Não se entendem assim apesar dos constantes apelos no sentido de sustar a crise de animais de fauna que, devido a vários factores, como o aumento constante de praticantes deste salutar desporto, do amolho dos terrenos durante séculos consecutivos abandonados e maninhos, da facilidade de transportes aos centros rurais mais recônditos com o uso do automóvel e,

ainda, com o surto epidémico denominado «campionites», que ataca «ferozmente» centos de indivíduos, chegou-se a uma situação que ameaça exterminar, totalmente, nos terrenos livres, os animais da fauna venatória. E nos contos comerciais, saliba-se, a abundância de caça é apenas teórica.

E tanto assim é, não tenham ilusões aqueles que matam animais aos milhares nas «capoeiras» que, afirmam sofisticadamente, toram instituídas a esmo para salvar a riqueza cinegética do seu extermínio, isto é, para protecção e fomento das espécies venatórias, que ainda bem recentemente a Comissão Venatória Regional do Centro, com sede em Coimbra, exercendo jurisdição em 81 concelhos, de acordo com o parecer das suas Comissões concelhias, alarmada com a escassez de caça, solicitou superiormente que a prática do acto venatório, na sua área seja permitida apenas dois dias semanais — 5.ª feiras e domingos, além dos feriados de carácter nacional. E mais ainda: que seja proibida durante duas épocas venatórias a caça à lebre.

Esta medida, altamente proteccionista de uma riqueza em franco declínio por toda a parte, vem sendo tomada em Espanha.

Em anos anteriores em 25 das suas províncias era permitida a caça às espécies menores, incluindo as aquáticas, três dias da semana. Pois na época presente, que se inicia em 11 de Outubro e finda a 7 de Fevereiro, em 26 das suas províncias, a Espanha só permite a caça às quintas-feiras e aos domingos e dias de feriado nacional. Naturalmente entendem os nossos vizinhos e quanto a nós muito acertadamente, que a caça não deve ser profissão de uns tantos milhares de indivíduos

refratários ao trabalho útil e digno.

E não que não temos abundância de caça vamos continuar a poder caçar os 7 dias da semana? Não esqueçamos que os contos ocupam, no Sul, e em parte importante do Centro, especialmente na região latifundiária, área considerável, contribuindo poderosamente para as concentrações maciças de caçadores nos terrenos livres, além de que nada nos contribuem para melhoramento da densidade de animais da fauna naqueles terrenos, pois até por vezes sucede serem estes batidos descaradamente para o conto antes de iniciadas as caçadas-açougueiras.

As espécies migratórias também carecem de protecção

As espécies cinegéticas não indígenas ou migratórias, as mais caçadas entre nós são a codorniz, ave semi-indígena das quais muitos milhares de exemplares estão acambradas ao nosso País, sendo vulgar, especialmente no Sul, encontra-la com relativa abundância em pleno Inverno. A abertura da sua caça é festejada pelos adeptos desta modalidade de caça; a narceja, igualmente peça de caça preferida por muitos caçadores, pela dificuldade que o seu tiro apresenta; a rola, ave que está escasseando seriamente, de ano para ano, devido à sua caça nos passados anos, no Sul de Espanha, em pleno mês de Abril, época do defeso, a chegada da ave à Península, onde a mortandade atingia foros de loucura, chegando, em certos dias, a ser mortas 60 mil rolas, praticada pelos caçadores abastados (pudera, havia de ser pelos pobres...) que, diariamente, pagavam até 1000 pesetas pela ocupação de um esconderijo ou aguarado. Entre nós a caça à rola tem milhares de adeptos. Basta afirmar que há caçadores que percorrem 500 ou mais quilómetros de automóvel (a espingarda mais mortífera da caça) para, às vezes, chegarem ao fim da caçada com meia dúzia destas aves. Claro que nos «santuários», mas não em todos, destinados segundo o Regulamento da Caça a «fomentar e a proteger as espécies cinegéticas» a mortandade é incomparavelmente superior. Os tempos porém, das caçadas de 300 rolas, num só dia, já vão bastante distanciados. E foram estes morticínios de aves, na Espanha agora proibidos, merecem da atitude do nosso delegado no Conselho Internacional de Caça que contra o «genocídio» apresentou o devido reparo, já que ele era prejudicial à espécie e aos caçadores portugueses.

Em Portugal, a situação agravar-se-á substancialmente, de ano para ano, se continuar o «regabofe» de se poder caçar diariamente tanto esta como as restantes espécies cinegéticas. Temos ainda o pombo, cuja caça conta também elevado número de simpatizantes, menos porém que a da rola, especialmente na Beira Baixa e Alentejo, devido, sem dúvida, à alimentação preferida pela ave, a bolota de azinho e sobre como a sua caça é permitida simultaneamente à da rola, pelos mesmos processos e nos mesmos terrenos, a mortandade do pombo, que entre nós nidifica pois por cá ficam milhares deles, a sua caça é preferida pelos caçadores-açougueiros. Estes aguardam-nos de preferência nas bebidas, onde os fuzilam levemente, tanto ao pousarem na árvore situada junto da água, onde esperam descer-se, quer quando estão bebendo, para o que preparam os carneiros que ninguém encontra, nas passagens das aves para a co-

mida, com antecedência, os respectivos abrigos ou aguarados que desempenham a função de fortins. E chamam caçar a esta forma de destruir a espécie para vender, é que o valor do pombo é triplo do da rola. E esta «come» muito chumbo. Que o digam aqueles que estocicamente dispararam 100 tiros para matar duas rolas. Quando alinhas na passagem têm «picos», enquanto o pombo é metralhado com um tiro certeiro na bebida, às vezes já com o bico na água, que não tem tempo de engulir. A matança sempre cai alguma rola, morta enquanto poisada ou na água

que se serve de «banheira» e alguma outra ave de pé e uico de cor «vermelha». E por que parece que além de outras medidas proteccionistas da fauna como a de caçar apenas 2 dias semanalmente, interdição que deve ser extensiva a todos os terrenos, coutados ou não, tanto mais que os contos se destinam, afirmam sofisticadamente algumas pessoas a proteger e fomentar as espécies. De resto será pura e refinada mistificação a não aplicação aos contos desta medida proteccionista.

Uma medida que nos parece dever voltar a adotar-se no

sentido de poupar estas duas aves, a rola e o pombo ao morticínio a que se encontram expostas pelos carneiros, seria a proibição de caçar nas bebidas. Não há nada que justifique o sacrifício da rola e do pombo na bebida. Temos, acaso, abundância excepcional, destas aves para permitir a sua destruição maciça? Onde está a ética desportiva dessa caçada-açougueira? Quais as dificuldades a vencer pelo caçador como desportista? Não será antes de considerar esse matador magarefe?

NABAIS DA CUNHA

PARA ANILHAR PARDELAS

ORNITÓLOGOS NAS SELVAGENS

O Núcleo de Estudos Ornitológicos da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto realiza a terceira campanha de anilhagem da ave marinha conhecida pelo nome vulgar de pardela ou cagarra, nas Ilhas Selvagens, descobertas por Diogo Gomes, navegador ao serviço do Infante D. Henrique.

Naquelas ilhas, desertas, sem água e sem árvores, vive e nidifica grande número de aves marinhas, que estão a ser estudadas pelo referido Núcleo. A realização desta terceira campanha, como das duas anteriores, nas quais se anilharam 5500 cagaras, é possível mercê da cooperação dada pela Armada. O ministro da Marinha pôs à disposição da campanha o navio «Ribeira Grande» que transportará ao Funchal e dali às Selvagens

os colaboradores da mesma.

Na campanha participam o prof. Santos Júnior, director do Núcleo de Estudos, o prof. Raimundo Vicente, da Faculdade de Ciências de Lisboa, os drs. Christian Jouanin e Francis Roux, do Museu de História Natural de Paris, o sr. Gunther Maul, o sr. Alexander Zino, arrendatário das Ilhas Selvagens, e o guarda da Reserva Ornitológica de Mindelo, sr. António de Jesus Pereira.

A campanha decorre até 26 deste mês. A Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, pela sua secção de Caça e Pesca, e a Câmara Municipal do Funchal, pelo pessoal do seu Museu, prestam igualmente valiosa colaboração.

Em três linhas

Foi confirmada a nomeação do sr. dr. João António Fernandes Varregoso no cargo de professor efectivo no 8.º grupo de disciplinas do Colégio Militar.

Eduardo Adeodato Melo Pimentel Trigo, professor de Educação Física foi exonerado, a seu pedido, com público louvor, do cargo de comissário nacional-adjunto para a educação física da Organização Nacional Mocidade Portuguesa.

Vem no «Diário do Governo» a lista actualizada dos países membros da Comissão Europeia para o Controlo da Helio Alfoxa cujo Acto constitutivo foi aprovado na 7.ª Sessão da Conferência da

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, reunida em Roma em 1 de Dezembro de 1953.

É superior provincial da Província Portuguesa da Congregação da Missão do rev. Augusto César Alves Ferreira da Silva.

A matrícula no curso superior de Medicina Legal, faz-se na secretaria do respectivo Instituto, de 1 a 15 de Outubro.

O sr. dr. Homero Rodrigues Lousada, delegado do quadro das delegações do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência na Horta foi nomeado presidente da Direcção da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Portalegre.

Pode ser requerido, em provimento interino o lugar de escriptorário-dactilógrafo de 2.ª classe da Conservatória do Registo Civil de Anadia (2.ª classe).

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OUVRE SÁRIA DA MODA é na RUA DA PRATA 257 com mais de meio século de existência.

Cofres de aluguel
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Curso de Preparação de Decoradores DA FUNDAÇÃO RICARDO ESPÍRITO SANTO SILVA

Criado no ano de 1957 em cumprimento do Decreto-Lei N.º 39 190

ENSINO TEÓRICO E PRÁTICO FORMAÇÃO CLÁSSICA E MODERNA

Os melhores mestres. Treze anos de êxitos comprovados em Portugal e no estrangeiro

Para alunos de ambos os sexos e de todas as idades. Três anos de ensino de Desenho à Vista, Desenho Industrial, Estilos e Mobiliário, História de Arte, Geometria Descritiva, Perspectiva, Desenho de Modelos, Introdução à Arquitectura, Desenho de Perspectivas, Decoração, Luminotecnia, Adereços, Encadernações, Pratas, Porcelanas, Rudimentos de Marcenaria e estágios nas oficinas.

Matrículas e mais informações na Rua de S. Tomé, 98

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Amanhã: Um cartaz de «estrelas»



Rudolf Nureyev e Zizi Jeanmaire

O «SHOW» DE ZIZI JEANMAIRE

Amanhã, pelas 22 e 35, a R. T. P. apresenta um dos maiores cartazes musicais da Europa: o «show» de Zizi Jeanmaire, que inclui — na verdade — um autêntico «cast» de «estrelas».

Com efeito, nos 50 minutos de programa, figuram (além da titular, obviamente) também o fabuloso mimo Marcel Marceau, o bailarino Rudolf Nureyev, Alain Delon, Manfred Mann, Serge Gainsborough e o costureiro Yves St. Laurent.

Um programa, portanto, que pode proporcionar inesquecível espectáculo visual. A não perder, claro.



«SHANE»: O Trivial

Um título pouco atraente («Um longo relatório») para mais um episódio da série «Shane», película com historietas do Oeste sem outra aspiração que não seja entreter os apaixonados por «cow-boys».

Realizado por Alex March e interpretado por David Carradine, Jill Ireland, Tom Tully e Chris Shea, «Um longo relatório» vai para o ar cerca das 22 horas. Parece que o sr. Tom, patrão de Shane, vai debater-se com um tremendo problema de consciência. Parece, é claro. Mas não vale a pena fiarmo-nos nas aparências.

II Canal

«OS ESTOIRA-VERGAS» (com Jerry e Dean)

No segundo «canal» exhibe-se esta noite a longa-metragem «Os estoura-vergas», com Dean Martin e Jerry Lewis, filme já apresentado há onze meses nos «ecrãs»-TV através do «canal» primário.

Trata-se de uma das últimas películas rodadas pela famosa dupla. Depois disso, Dean Martin passou a ser produtor de «shows» musicais, aparecendo muito episódicamente na grande tela. E Jerry Lewis, tornado realizador e produtor cinematográfico, montou empresa própria.

PROGRAMA DE HOJE

1. PROGRAMA — As 12 e 45: Abertura e des. animados; 13: Feminino singular; 3 e 5: Filme de série, «Jura»; 3 e 45: Telejornal; 14: Minidecoração; 4 e 5: Logo à noite; 14 e 20: Convite para jantar; e fecho As 9: Abertura e TV juvenil; 9 e 30: Telejornal; 19 e 45: Nós as mulheres; 20 e 10: Cortes TV; 20 e 25: Ponto de vista; 20 e 55: Em foco; 21 e 30: Telejornal; 22: Série do Oeste; 23: Música coral; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 36: Meditação e fecho. 11. PROGRAMA — As 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de cinema — «Os Estalos Vergas»; e 23 e 30: Fecho

AMANHÃ — 1. programa — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série «Casamento por conveniência»; 13 e 45: Telejornal; 14: Dó lá si; 4 e 25: Fecho. As 7: Reabertura e reportagem do exterior; 19: Série juvenil «Kyppe»; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: ...E a vida continua; 20: TV 7; 20 e 30: Telejornal, edição especial da reportagem dos cerimónias do doutoramento «Honoris Causa» do Presidente do Conselho; 21 e 30: Telejornal; 22: Folhetim «Os Cavaleiros do Céu»; 22 e 30: Variedades — «Zizi Jeanmaire Show», programa em que participam além de Zizi, Serge Gains Bonze, Yves St. Laurent, Manfred Mann e Marcel Marceau, 23 e 35: Marcha do Mundo, meditação e fecho.

TUDOR

pilhas para força motriz

Amanhã: «Casamento por conveniência»



E O PETER NÃO SE DECIDE...

Patricia Harty (aquí) é uma das artistas que interpretam a série «Casamento por conveniência», que pode ser vista amanhã, pelas 13 e 15, em mais uma etapa desampliada de qualquer solavanco.

Ao lado de Patricia estão outros dois jovens: Michael Callan e Jack Collins. As andanças de Peter vão dando pano para mangas.

«Os homens, os livros e as coisas»

ANTÓNIO GEDEÃO É TEMA-TV

cente dos liceus D. João III e Camões.

Nascido em 1906, António Gedeão é autor de vasta bibliografia, com destaque para «Movimento poético» (1956), «Teatro do mundo» (1958), «Máquina de Fogo» (1961) e «Linha de Força» (1967), volumes de poesia. Assinou também uma obra teatral: «RTX 78/24».



António Gedeão, aliás Rómulo de Carvalho

«NÓS, AS MULHERES»

«Nós, as mulheres» inclui hoje, nos seus 30 minutos de programação, uma passagem publicitária dos modelos de Inverno criados por Philippe Venet e os temas «A Criança, essa desconhecida» (em que a sr.ª D. Maria Olívia Magalhães falará sobre «O desenvolvimento da linguagem») e «Trabalho feminino», (sobre que dissertará a sr.ª D. Adelina Odete Fernandes Marques).

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 491 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: O Orfão da Covilhã; 16 e 30: Portugal nos Trópicos, por Mário Príncipe; 16 e 50: Conjuntos instrumentais; 17: Transmissão do Campo da F. N. A. T., de uma reportagem da final dos Jogos Desportivos do Trabalho; 18: Continuação da reportagem; 18 e 45: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Música; 20 e 20: Melodias por engu-

tras; 20 e 40: 13.º Episódio do folhetim «A Pedra de David»; 21 e 05: Canções portuguesas; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paula Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Fernando Pinto e António Rocha; 22 e 50: Música ligeira; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16: Folclore do Mundo — Cantos judeus espanhóis do século XVI, cantados por Sara Garby, com acompanhamento de guitarra por Tean-

Jonald; 16 e 25: Curiosidades musicais — Música para trompete do período Barroco (séc. XVII-XVIII); 17 e 10: Música de Câmara; 18: Música Portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 19 e 45: O violoncelista Jonas Starker — Dança Ritual do Fogo (Falla) — Inter-médio — Andaluza (Granados). Ao piano, Leon Pommer; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Improvisação N.º 4, op. 90, em lá bemol maior (Schubert), por Jörg Demus; 20 e 30: Música de Câmara — Divertimento (Beia-

Bartók), pelo Conjunto de Câmara de Boston, sob a direcção do maestro Harold Farberman; 21: Música sinfónica; 22: Teatro do Século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa — «Olfar Silhekraus», de Henrik Ibsen; 22 e 50: Solo de piano — Nocturno n.º 7, em do sustenido menor op. 74 (Gabriel Fauré), pela pianista Kathleen Long; 22 e 50: Fecho. 3.º Período Cultural FM 2 — 94,3 mc/s — As 23: A ópera em três actos «Rigoletto» (Verdi); 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 655 kc/s — As 19 e 10:

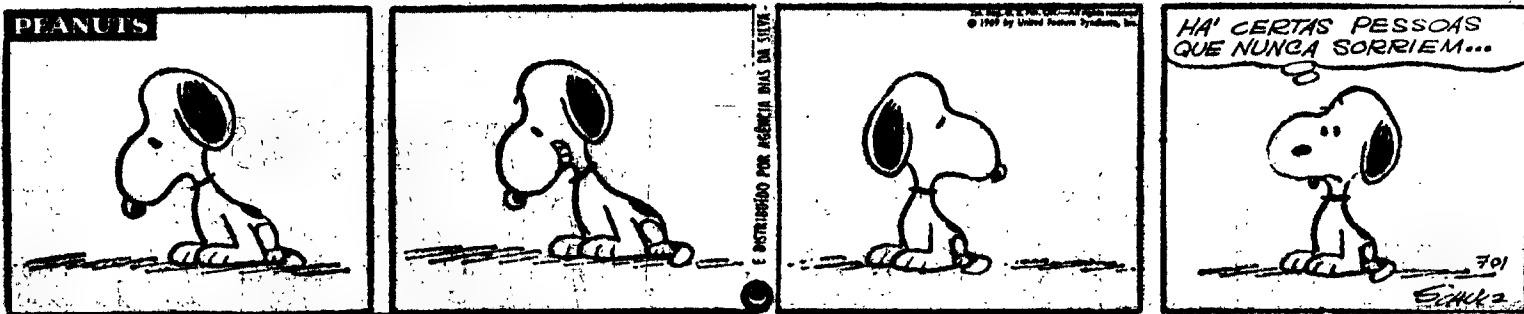
Abertura; 19 e 12: Jazz; 19 e 30: Discoteca R. U.; 19 e 45: Fecho.

RADIO CLUBE — 210,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 08: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30:

(Continua na página seguinte)

Os Peanuts

PEANUTS



Carol Day



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 18 de Setembro de 1940 publicava:

«LONDRES, 18—O primeiro Lord do Almirantado anunciou na Câmara dos Comuns, no meio de aplausos gerais, que ao condutor de frota de «destroyers» americanos cedidos à Grã-Bretanha será dado o nome de «Churchill» e aos restantes contratorpedeiros nomes comuns a povoações da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos da América do Norte. Esta substituição de nomes das novas unidades adquiridas para a Marinha britânica é consequência de um acordo realizado entre os dois países, o qual mereceu a sanção final do rei Jorge VI.»

RÁDIO

(Continuação da pág. anterior)

Quando o telefone toca: 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: B. X.; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Telenôva.

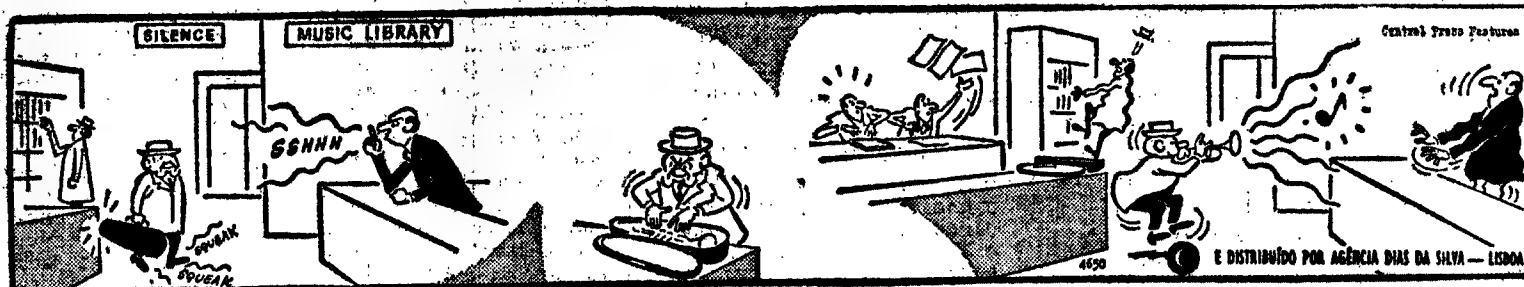
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 2 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 G6-1; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Elio e o seu mundo; 18 e 45: Matinée; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunção; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Norte da dia; 21 e 05: 56-Rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novos de alegria; 22 e 30: Corrosel-3; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Temas TV; 18 e 30: Terça e bênção do Batista dos Mártires; 19 e 05: Transmissão da extração da Lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Península; das 7 e 8 e das 10 e 12 e das 19 e 30 e das 17 e 19 e 30 e das 22 e 2; Clube Radiofónico de Portugal; das 12 e 14 e das 14 e 30 e 17.

Aventuras do Tio Carlos



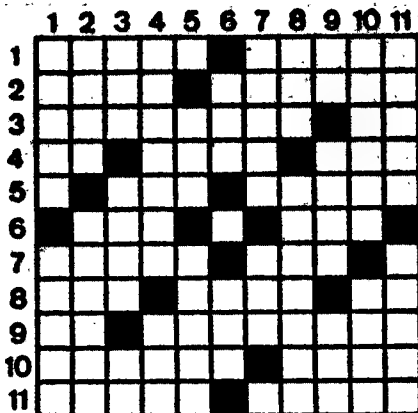
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5660

HORIZONTAIS: 1 — Trilha. Encobrir. 2 — Tomar oco. Escavar. 3 — Retardava. Ribeiro da Ásia Russa. 4 — Preposição. Habite. Patrão. 5 — Ler. Borrifas. 6 — Tomba. Contração da preposição em com artigo indefinido um. 7 — Carrinho sem rodas puxado por uma ou mais pessoas e em que se transporta gente. Fieira. 8 — Para barlavento. Um dos estados do Brasil. Cidade da antiga Colômbia. 9 — Canhão de Manila. Tostara. 10 — Calcular. Lavram. 11 — Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Armadilha.

VERTICAIS: 1 — Domínio. Acampamento. 2 — Ergam. Unir. 3 — Figura que simboliza o povo americano. Atravessa. Pertences. 4 — Perfume. Cento e seis em romano. 5 — Grande quantidade. Descer. 6 — Oceano. Tempo do verbo ser. Prefixo que designa ar. 7 — Existir. Suspiros. 8 — Ela. Meter em latas. 9 — Nota musical. Chuva. Cincho. 10 — Aromatizar. Rio da Rússia. 11 — Apelido. Têce.



Resolva completamente este problema? Resolva agora, em segundo posatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5659

HORIZONTAIS: 1 — Selim. Salva. 2 — Amura. Orel. 3 — Anobas. 4 — Já. Atiro. Pó. 5 — Sus. Ave. Mas. 6 — Rum. Bar. 7 — Falar. Peras. 8 — Sarem. 9 — Aba. Mad. Ama. 10 — Colma. Ralar. 11 — Árias. Asada.

VERTICAIS: 1 — Salas. Fraca. 2 — Em. JURA. Bar. 3 — Lúa. Sul. AN. 4 — Irra. Mas. Mú. 5 — Morta. Ranas. 6 — Oiro. Ró. 7 — SOBRE. PEDRA. 8 — Anão. Bem. As. 9 — Lás. Mar. Ala. 10 — VA. Para. Mad. 11 — Arco. Siara.

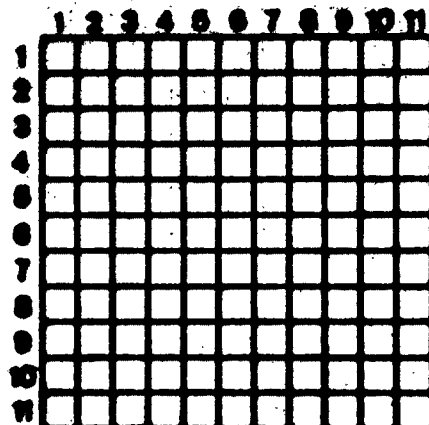
PROVERBIO: Juro até, sobre pedra vé.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9503

HORIZONTAIS: 1 — Mau cheiro. Assevera. 2 — Freguesia do concelho de Belmonte. Ecoa. 3 — Ása do nariz. Pronome reflexo. Letra grega. 4 — Ladrão do mar. Nome de peixe (pl.). 5 — Agora. Rolaria. 6 — Aves semelhantes às pom-bas. 7 — Aborrecer. Nome de astro. 8 — Aguçam. Lupa para serviço de mesa. 9 — Preposição. Prefixo de privação. Esmurram. 10 — Passado. Sacrificia. 11 — Escrever em prosa. Saudáveis.

VERTICAIS: 1 — Animal da classe dos ar-anídeos. Ofereço. 2 — Rachar. Nome de letra. 3 — Liza. Isolado. Caminhar. 4 — Sufixo que designa pequenez. Esmagado. 5 — Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! De Roma (pl.). 6 — Pegam. 7 — Destroços. Senhor em inglês. 8 — Costumadas. Preposição. 9 — Basta. Prasiódio (s. q.). Tamancos. 10 — Progenitor. Pedra preciosa. 11 — Mira. Sacerdotes budistas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9502

HORIZONTAIS: 1 — Fama. Fania. 2 — Amial. Arada. 3 — Mossa. Calar. 4 — Apo. Ama. 5 — Ida. Adl. 6 — Avora. Arom. 7 — Oá. Eis. Or. 8 — Murtosa. 9 — Sras. Orei. 10 — Teias. Ade-la. 11 — Assis. Cepas.

VERTICAIS: 1 — Fama. Acosta. 2 — Ama. Ivó. Res. 3 — Riada. Mais. 4 — Raspar. Uel. 5 — Alão. Aer. SS. 6 — Ito. 7 — Faba. Aso. AC. 8 — Aremar. Soda. 9 — Rolada. Ares. 10 — Ida. Irio. Ela. 11 — Aaro. Aréas.

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA
Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — LISBOA

Externato Sebastião da Gama

CICLO PREPARATÓRIO — 2.º CICLO
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
Avenida Almirante Reis, 106-1.º Esq. — Telef. 5 16 76
(Frente à Cervejaria Portuguesa)

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE/DSM

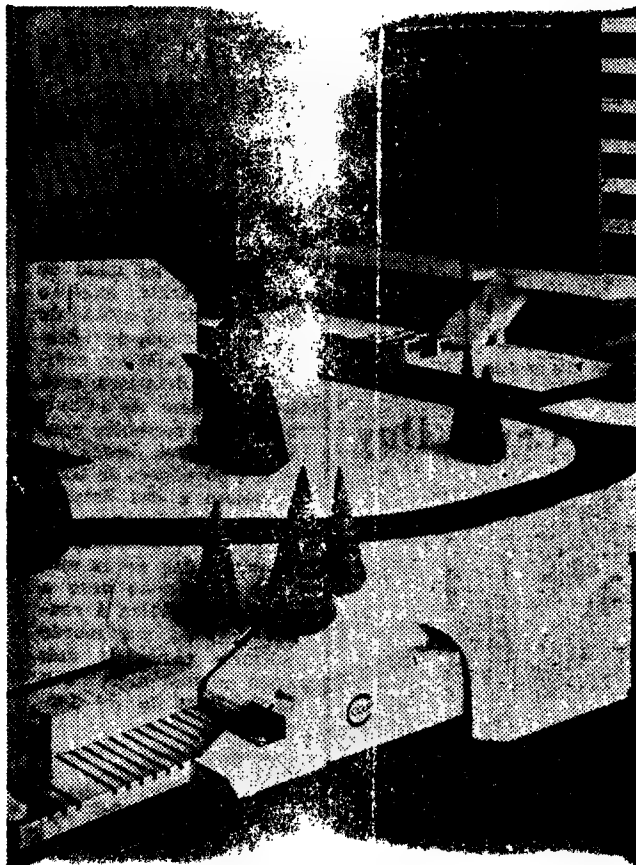
Faz-se público que, na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontra (m) aberto (s) o (s) Concurso (s) Público (s) seguinte (s):

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
28 PAE/70	Viaturas Auto TP 4 ligeiras, mistas e sobressalentes	15.000\$00	17 NOV. 70	15.30 h.
29 PAE/70	Viaturas TG Classe 1 ton. (tipo furgão) e sobressalentes	40.000\$00	20 NOV. 70	15.30 h.

O (s) respectivo (s) Caderno (s) de Encargo (s) pode (m) ser consultado (s) todos os dias úteis das 14 às 18 horas e aos sábados das 10 às 12 horas.
As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

O Presidente da COMPAE 70/DSM, Int.º

José Manuel Teixeira Gomes
Coronel Eng.º do Exército



TRANSPORTE AUTOMÁTICO DE PASSAGEIROS — Entra-se na cabina, disca-se o destino e a cabina põe-se em movimento. Isto é uma maneira de viajar automaticamente nos dias de hoje. A invenção vem da Alemanha Ocidental. Numa paragem o passageiro entra na cabina de um ou dois lugares e disca, como no telefone. Pouco mais tarde um veículo de transporte leva a cabina para o seu destino ou para o ponto de mudança. O passageiro continua sentado e a cabina segue por faixas para outro veículo que segue numa faixa a superfície ou subterrânea. Quando a cabina chega ao destino ouve-se um gongo. A foto mostra a máquina de tal sistema apresentada na Exposição de Transportes em Essen

Congresso de Teologia em Bruxelas

(Continuação da 1.ª página)

americanos por fora do Congresso, lembrou-lhes as declarações que fez o ano passado, nas quais manifestou o desejo de que o Papa passe a ser eleito pelo sínodo dos bispos.

A 12.ª Orientação tem a seguinte redacção: «É preciso denunciar a discriminação que se pratica em relação às mulheres na Igreja, como ainda muitas vezes na sociedade. É tempo de se encarar seriamente o lugar das mulheres nos ministérios».

Entre as outras orientações adoptadas, uma declaração que o compromisso radical para a libertação do homem exigida pelo Evangelho requer uma análise concreta das nossas sociedades e da própria Igreja, das suas estruturas, dos seus ritos e das suas práticas.

Uma outra exprime a solidariedade aos padres exilados ou prisioneiros em vários países.

Todos os cristãos que exercem uma função na Igreja são convidados a tomar posição concreta nas opções que o Evangelho exige nesta matéria.

A Teologia é definida como «a reflexão que os cristãos operam em relação à sua fé e à sua experiência cristã num sentido e numa cultura determinados. Deste modo, apenas as comunidades cristãs integradas na vida do Mundo actual e responsáveis perante a sociedade poderão ser o lugar para a elaboração da Teologia do futuro».

Os teólogos estão ao serviço da mensagem cristã. Devem aprofundar o problema numa confrontação livre entre si. A autoridade eclesial nunca deveria fazer pesar uma suspeita sobre um teólogo sem uma

troca de vistas com ele, dentro do respeito de um processo conforme com os direitos do homem e a liberdade do cristão.

«O Evangelho de que a Igreja presta testemunho no Mundo não pode ser expresso sem ter em conta a própria contribuição do Mundo. O teólogo deve, portanto, ter em conta as diversas culturas, as ciências e as artes, o que implica um pluralismo lógico».

«A mensagem cristã é o próprio Jesus Cristo. O senhor crucificado, ressuscitado e actualmente vivo é a base de toda a pregação e de toda a acção da Igreja de Cristo».

Se a mensagem de Cristo tem um significado permanente para a Igreja, para alcançar os homens de hoje exige sempre ser no-

vamente expressa em formulações verdadeiramente novas.

A orientação relativa à liberdade declara que «a dinâmica da liberdade cristã implica necessariamente, hoje mais do que nunca, a crítica social de que depende o exercício da liberdade. As comunidades cristãs devem tomar partido a favor da liberdade nas diversas sociedades de que são solidárias... Devem portanto analisar cientificamente e discernir espiritualmente a sua solidariedade, nomeadamente com as potências opressivas».

«A missão da Igreja é anunciar a salvação oferecida por Deus à Humanidade inteira. Se o cristianismo não quer tornar-se uma seita, deve reconhecer nas filosofias e nos humanismos do nosso horizonte cultural um dado indispensável para a pregação e a teologia cristã».

O rev. P. Schillebeeckx (Holanda), na alocução de encerramento, declarou-se satisfeito por constatar que a pluralidade das opiniões parece admitida pelos teólogos. Que os teólogos de diversas tendências tenham podido assim exprimir-se, surge aos olhos dos religiosos como uma novidade na Igreja, novidade que não deixará de ter repercussões.

INCIDENTES EM REGGIO

REGGIO DI CALABRIA, 18. — (F. P.) — A emoção é grande nesta cidade depois dos graves incidentes de ontem, à noite, que fizeram dois mortos: um manifestante atingido por uma bala e um agente da Polícia, vítima de uma crise cardíaca.

Actualidade internacional

NASSER PROPÕE UM PLANO DE PAZ

(Continuação da 1.ª página)

de conta: A efusão de sangue, que pode dar-se se a situação não for modificada; A segurança do povo e da pátria jordana; As responsabilidades e os direitos das autoridades oficiais da Jordânia; O direito indiscutível da resistência palestina de manter a sua luta e manifestar a vontade do povo palestino; A manutenção de um mínimo de eficácia na frente oriental, diante do inimigo.

4 — O bom nome da resistência, e de toda a nação árabe, foi comprometido por provocações. Mas os elementos sinceros da resistência palestina não devem ser responsabilizados por tais maneios. A protecção da resistência, mesmo contra alguns dos seus próprios elementos provocadores, é um dever sagrado.

5 — Os três Estados apreciam a ponderação de que o rei Hussein deu provas

durante muito tempo, mas desistem que alguns dos seus últimos actos ultrapassem os limites permitidos no plano nacional e no plano árabe. Deste modo, os três presidentes pedem-lhe que trave os acontecimentos, a fim de se evitar um conflito mais grave entre o Exército jordano e as forças da resistência.

6 — O prosseguimento destes recintos faria da frente Oriental contra o inimigo uma frente de guerra civil entre árabes.

7 — O agravamento pode abrir o caminho a aventuras internacionais prejudiciais para a luta árabe.

8 — Pedimos, em primeiro lugar, a suspensão das

hostilidades com vista ao início de negociações sérias que lancem as bases da acção futura. A decisão de unificar todas as organizações da resistência palestina sob uma única direcção deve ser prevista, pela primeira vez, a possibilidade de se estabelecerem relações sólidas com as autoridades jordanas.

Pouco provável uma intervenção militar norte-americana

WASHINGTON, 18. — (R.) — Seis aviões gigantes da Força Aérea americana encontram-se na Turquia prontos a levantar voo para uma possível evacuação dos americanos residentes na Jordânia, enquanto o Governo de Washington acompanha de perto a situação naquele país mergulhado na guerra civil.

A preocupação pela segurança dos cidadãos americanos aumentou quando ontem a Embaixada americana em Amã foi atingida durante os combates o que forçou os seus funcionários a refugiarem-se nas divisões interiores. Outras notícias indicavam que outros pontos da Jordânia teriam havido feridos entre os americanos.

A possibilidade de uma intervenção militar americana não se encontra inteiramente excluída, mas

os observadores diplomáticos consideram-na pouco provável, a menos que haja uma ameaça directa contra as vidas dos americanos.

A SRA. GOLDA MEIR EM WASHINGTON

WASHINGTON, 18. — (R.) — A sr. Golda Meir, chefe do Governo israelita, chegou a noite passada a Washington para entabular conversações com o presidente Nixon, sobre o Médio Oriente, conversações que hoje se realizam.

Golda Meir chegou de Nova York rodeada de extraordinárias medidas de segurança.

As entidades israelitas só anunciaram a chegada a Washington da sr. Golda Meir depois dela estar instalada numa «suite» de um hotel.

nos que vivem na Jordânia e que são mais de 400.

Entre os 54 passageiros de aviões que continuam como reféns dos guerrilheiros, há 38 americanos e recusa-se que venham a ser utilizados pelos seus captores como escudo para se protegerem dos ataques do Exército jordano.

O secretário da Defesa, Melvin Laird disse ontem que os seis aviões de transporte enviados para Adana, na Turquia, poderão ser utilizados para a evacuação dos americanos e confirmou que unidades da Sexta Esquadra se aproximaram do Médio Oriente.

O informador oficial da Secretaria de Estado interrogado sobre a possibilidade de uma intervenção militar americana disse que de momento não estava prevista, mas acrescentou: (Não posso, porém, fazer uma declaração rejeitando totalmente essa possibilidade».

De prevenção as forças inglesas em Chipre

NICOSIA, 18. — (F. P. e R.) — Estão de prevenção as forças inglesas com base em Chipre, em virtude da actual situação na Jordânia, sobretudo nesta cidade de fonte competente.

As autoridades militares da base de Akrotiri, que é a base inglesa mais importante fora do território da Grã-Bretanha, suprimiram todas as dispensas.

Segundo as mesmas fontes, os aviões militares com base na ilha estão prontos a descolar a qualquer momento.

Entretanto, fuzileiros navais britânicos vão ser transferidos por via aérea de Singapura para o Mediterrâneo, a fim de se juntarem ao porta-helicópteros «Albion», em manobras militares.

O «Albion», que chegou a Chipre há dois dias, vai efectuar hoje um desembarque de «comandos» transportados em helicópteros, na região de Dhekelia, onde fica uma base militar britânica.

Um informador disse que o «Albion» efectuará outras manobras no Mediterrâneo, acrescentando que elas já se encontravam projectadas há algum tempo.

Moscovo parece lamentar a luta interárabe

MOSCOVO, 18. — (F. P.) — A falta de comentários e até de informações na imprensa soviética sobre os acontecimentos da Jordânia confirma a impressão que tinham

os observadores de que a U. R. S. S. lamenta a luta interárabe em Amã e desejaria a manutenção no poder do rei Hussein, pelo menos na fase histórica presente.



JACQUES CHABAN-DELMAS, o primeiro-ministro francês faz a sua campanha para o lugar de deputado por Bordéus junto dos cozinheiros de um restaurante. Chaban-Delmas tem como principal opositor nesta eleição parcial o antigo director de «L'Express», Jean-Jacques Servan-Schreiber

CONTINUAM OS COMBATES EM TODA A JORDÂNIA

O DIA DE HOJE É DECISIVO — DIZ AL FATAH

BEIRUTE, 18 — (R.) — Ao romper do dia recomparam os combates em Amã quando as tropas do rei Hussein voltaram a atacar as posições dos guerrilheiros que resistiram ontem à ofensiva em larga escala desencadeada por unidades blindadas do exército jordano.

O comandante supremo Marechal Majali anunciou pela rádio que as suas forças continuavam as operações destinadas a restabelecer a ordem na capital e o recolher obrigatório anunciado ontem continuará a vigorar por período indefinido.

O comandante supremo jordano repetiu a sua oferta aos «comandos» de os deixar sair da capital a salvo e dirigirem-se para o vale do Jordão, a fim de lutarem contra Israel. Esta oferta porém já tinha sido rejeitada ontem à noite pela Comissão Central Palestina que anunciou estar disposta a resistir até à última gota de sangue.

A Rádio «Voz da Palestina», órgão da Comissão Central, informou que a artilharia jordana desencadeou às 4 e 30 da manhã uma intensa barragem contra os campos de refugiados de Al Hussein e Wahdat e ainda contra o bairro de Jebel Hussein onde fica situado o quartel-general do comando palestino.

A artilharia também voltou hoje a bombardear as posições dos guerrilheiros em Zarka, uma cidade a 25 km de Amã onde se travaram também combates violentos.

Um informador da Al Fatah em Beirute disse que a barragem da artilharia jordana se destina a cobrir o avanço dos tanques e acrescentou que o dia de hoje será decisivo.

O aeroporto de Amã continua encerrado bem como a fronteira com a Síria pelo que não há comunicações entre a Jordânia e o exterior. Em Amã a energia eléctrica continua cortada.

Segundo informações aqui recebidas eleva-se já a muitas centenas o número de mortos e feridos causados pela luta de ontem iniciada, mas muitos continuam sem assistência porque os médicos não podem chegar aos locais onde se encontram que são varridos pela metralha.

Julga-se que a luta prossegue igualmente no norte da Jordânia que a Comissão Central Palestina anunciou ter sido «libertada».

Entretanto, os Governos da Síria e do Iraque continuam a apoiar verbalmente a luta dos guerrilheiros, mas não há qualquer indicação de que os 12 000 soldados iraquianos e os 2000 soldados sírios estacionados na Jordânia tenham participado nos combates.

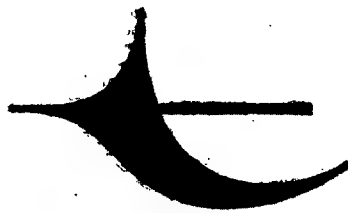
No auge da luta, ontem, a Comissão Central Palestina anunciou terem sido tomadas todas as medidas possíveis para proteger os 54 reféns que continuam em poder dos guerrilheiros desde o assalto aos três aviões desviados para a Jordânia na semana passada.

POR 100\$00 ESCUDOS

PROTEJA-SE CONTRA SALTEAMENTO EM PLENO VÔO

Se o avião em que seguir for desviado da rota por salteamento pagamos-lhe 3.500\$00 por cada dia de cativo até ao máximo de 10 dias.

Se for viajar
consulte-nos imediatamente!



COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE

LISBOA Avenida da Liberdade, 242 Tel. 538866 • PORTO Rua Cândido dos Reis, 105 Tel. 26572 • AEROPORTO DE LISBOA Tel. 71047

Rossio, 3-2.º — Telef. 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

DESPORTO

EXPLOÇÃO NO «NACIONAL»

ENCONTRO ENTRE GRANDES EM ALVALADE E NAS ANTAS

Por capricho do sorteio, a segunda jornada do «Nacional» caracterizar-se-á pelo impacto. Dois jogos entre «grandes». Quatro equipas que, por realidades anteriores ou promessas recentes, alimentam as esperanças dos respectivos adeptos com vistas à conquista de um só título...

Poderá, talvez, considerar-se que os confrontos Sporting-Benfica e F. C. Porto-Belenenses vão surgir algo prematuramente. Efectivamente, em plena fase da arrancada, e com todas as gentes do futebol de olhos

ludo a postos. Das quatro equipas intervenientes nos dois grandes jogos (ou «apenas» jogos grandes) da tarde de domingo, apenas o Belenenses terá de percorrer trezentos quilómetros para descer ao relvado. As outras três ficam-se pelas suas zonas habituais de trabalho e preparação — circunstância que, a olhar «a todas», não pode considerar-se de somenos importância no que respeita à chamada vantagem de tranquilidade.

O Benfica, com um jogo esgotante na passada quarta-feira mas já regressado da Jugoslávia, prepara-se de modo especial — já que há necessidade de se apresentar O. K. em Alvalade e, simultaneamente, de recuperar do esforço produzido em Ljubljana (jogo e viagem). Tem o «plantel» que todos conhecem — e tem Eusébio.

Hagan sabe que o Sporting irá ser difícil, do mes-



DAMAS — Um guarda-linha de extraordinários recursos, extremamente difícil de bater. O seu duelo frente aos avançados benfiquistas é aguardado com grande expectativa

mo modo que Fernando Vaz sabe que o Benfica não será fácil. Entretanto, os «leões», para quem o jogo de anteontem, frente aos malteses do Floriana, se revestiu da feição de um treino não

muito «puxado», continuam a preparar-se calmamente, metódicamente, para, com Mosquera ou sem Mosquera



ABEL — Os adeptos «azuis-e-brancos» querem que ele alinhe — e, se tal acontecer, isso será mais um problema para Mourinho e os seus pares

ra, mas com Damas & C., conseguir um resultado que lhe possibilite a manutenção do primeiro lugar na tabela classificativa.

Trabalho («especializado», coerente) é palavra de ordem na Luz e em Alvalade. Entretanto, o Belenenses viaja. Segue para o Porto, de comboio, decidido a provar, nas Antas, a «legalidade» da sua candidatura ao título. Meirim já afirmou que o público da «cidade invicta» irá ter ensejo de apreciar uma grande equipa — e não será, talvez, ocioso recordar que foi nas Antas que Meirim iniciou, no ano findo, e então ao lemo da nau varzinista, o sensacional cruzeiro que viria a concitar as atenções gerais sobre a equipa po-veira.

A tarefa dos «azuis» será extremamente difícil. Para os «portistas», a vitória impõe-se — mas o Belenenses levará algo para dizer, e di-lo-á.

A força psicológica (e física... e futebolística) da equipa de Meirim constitui argumento a considerar. Veremos até que ponto...

Por seu turno, a turma

postos no que uns fazem e outros poderão fazer, o Campeonato dispensaria, para já, esse reforço de expectativa proveniente de dois encontros de alto nível numa só jornada. Mas está feito, vai acontecer — e os adeptos da bola vivem, desde há dias, intensamente, toda a azáfama de preparativos que se verifica nos bastidores das equipas intervenientes...

... E, para além destes dois jogos, haverá mais cinco. Cinco «prejudicados» por dois — mas sete ao todo, em qualquer caso.

de «Doc» e Teixeira, estagiando em Espozende desde hoje, conservar-se-á naquela zona de veraneio até poucas horas antes do desafio. Nóbrega, o valoroso extremo «azul-e-branco», já se encontra totalmente recuperado da lesão que o afastou da equipa, e está presente, enquanto Leopoldo e esse excepcional jogador que dá pelo nome de Rolando estão previstos (um deles) para o lugar de defesa-esquerdo.

Entretanto, tal como em Alvalade, também a lotação das Antas se encontra praticamente esgotada. A procura de bilhetes é grande — mas muitos entusiastas terão que viver o jogo do lado de fora...

Os outros jogos

Há outros jogos, repetimos. As atenções da esmagadora maioria não estão lá — mas encontra-se presente o interesse, a atenção e o entusiasmo das equipas participantes.

Académica - Setúbal, por exemplo, constitui um embate que, sem o Sporting, Benfica, Belenenses e F. C. Porto em «diálogo» entre si, seria considerado jogo grande. Os sadinos, vitoriosos em Lausanne, tentarão prosseguir a sua caminhada vitoriosa. No entanto, Coimbra não é fácil... Que o diga o Sporting, quando sofreu a única derrota do último «Nacional» em «casa» dos «estudantes». Prognóstico difícil e extremamente reservado.

Outro jogo de interesse: Varzim-Farense. No seu campo, os poveiros irão dizer que estão, «também», neste Campeonato — enquanto os algarvios, bem moralizados pelo triunfo frente ao F. C. Porto, estão dispostos a provar que o mesmo não foi casual. Encontro para ver.

A C. U. F. recebe o Lei-

xões. Equilíbrio à vista. Emoção. E dúvidas, muitas dúvidas quanto ao resultado...

... As mesmas dúvidas que se encontram no Bessa, onde o Barreirense se desloca à procura da vitória que o Boavista quer para si. Nenhuma das turmas foi feliz na jornada inaugural — e uma delas continuará a não o ser. Resta saber qual...

Finalmente, o Guimarães recebe o Tirsense. Os vimaranenses, depois do êxito obtido no jogo a contar para a Taça Europeia das Felhas, parecem encaminha-los para uma fase mais consentânea com o seu valor — a tal fase que o Belenenses de Meirim não consentiu que se mostrasse no Restelo. Em contrapartida, o Tirsense entrou no



QUARESMA — Um «capitão» apto para o cargo — e um jogador em quem Meirim confia. Será obstáculo de tomo para os avançados de «Mr. Doc»

«Nacional» com o pé direito, e desejará prosseguir. Natural favoritismo do Vitória, mas... o Tirsense irá contrariá-lo fortemente.

Em resumo, uma jornada em que as dúvidas atingem a mesma dimensão do interesse. Futebol é assim — e futebol de Campeonato ainda mais.



EUSEBIO — Uma das grandes esperanças benfiquistas para o jogo de Alvalade. Um golo — um golo à Eusébio — poderá ser a resolução do problema

NOTÍCIAS DO BASQUETEBOL

● Gonçalves será o novo treinador da equipa feminina do Nacional, e Julio Moraes voltará a este clube para orientar as equipas masculinas.

● Os jovens e hábeis jogadores «Beto», do Nacional, e José Carlos, da Académica, estão a ser pretendidos pelo Sporting, que procura a valorização da sua equipa senior.

● Tal como Pombo e «Beto», outro jogador do Nacional, Alfredo, pretende mudar de «ares», estando já com um pé no Belenenses. No entanto, ao seu actual clube caberá a última palavra.

● O ex-treinador do Luso do Barreiro, Patão, será o novo técnico do Barreirense.

● O Benfica continua sem treinador. No entanto, em contacto com a secção dos «encarnados» estes declararam estar para breve a solução do problema. Levantando um pouquinho a ponta do véu diremos apenas que a preferência pela «importação», tal como no ano passado, continuará a prevalecer.

T. Z.

AOS QUE SE DESLOCAM A INGLATERRA

A C. P. informa que tem disposição dos turistas nacionais e estrangeiros que se desloquem à Inglaterra e desejem levar o seu carro, um novo serviço combinado para o transporte de automóveis através do Canal da Mancha.

Peça informações e folhetos nas Secções de Informações, nas Agências de Viagens autorizadas e Empresa Geral de Transportes

PELÉ O QUE MAIS GANHA

SAO PAULO, 18 — (A. N. I.) — «Pelé», já considerado o «rei do futebol», é agora o atleta mais bem pago de todo o Mundo — anuncia o diário «O Estado de São Paulo».

Passa a ganhar 16 000 dólares por mês (uns 460 contos), segundo o novo contrato com o seu clube, o Santos. O ordenado é de 3000 dólares, mas há as «luvas», o prémio de 2500 dólares por cada jogo no estrangeiro e de 900 por cada jogo no Brasil, havendo ainda os prémios de vitória ou de empate.

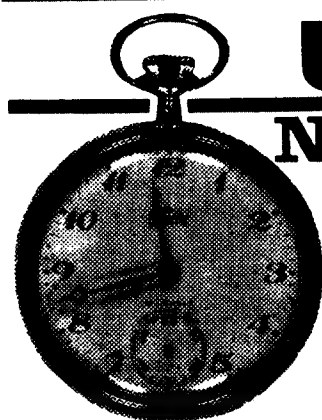
Ginástica no Queluz

Inscrições

O Clube Atlético de Queluz prepara, com entusiasmo, o próximo ano lectivo das suas classes de ginástica.

O novo ciclo de actividades, com a sessão de abertura marcada para o dia 10 de Outubro próximo, será inaugurado no dia 12.

As aulas funcionarão em três dias por semana, havendo classes infantil mista (4 aos 6 anos), meninas (7-9 e 10-13), senhorinhas (a partir dos 14 anos), rapazes (7-9, 10-13 e 14-17), senhoras e homens.



ÚLTIMA HORA NO TOTOBOLA

Em Lisboa: nas dependências do Banco Nacional Ultramarino no Rossio e Praça de Londres e no Auto Banco Pinto & Sotto Mayor na Rua Duque de Palmela e Avenida da Liberdade No Porto: na sede do Banco Português do Atlântico na Praça D. João I

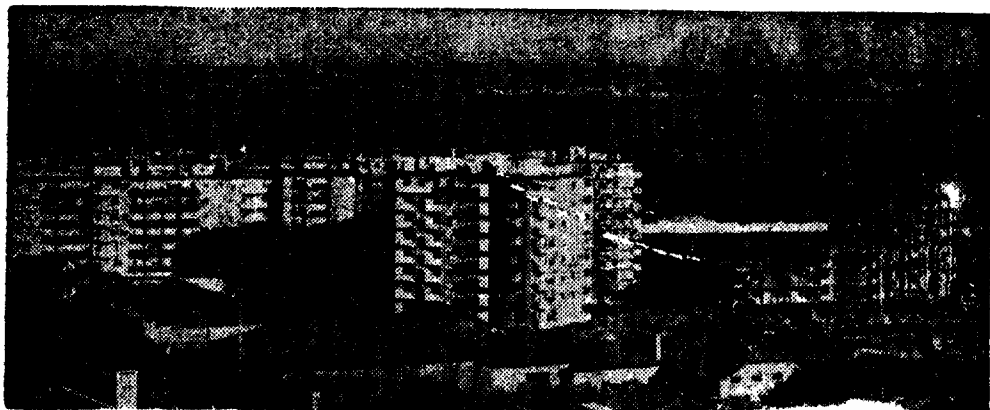
Os horários das Agências de ÚLTIMA HORA são das 13h30 às 16h30

Cada bilhete, contenha seja qual for o número de apostas, é onerado com a taxa de ÚLTIMA HORA de 1500

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Faça férias todo o ano!

numa zona de grande turismo
a poucos quilómetros de Lisboa



Nó de ligação à marginal e conjunto de piscinas para construção imediata

Apartamentos e andares desde 190 contos

**50 MIL CONTOS DE
PROPRIEDADES À
VENDA PARA ESCRI-
TURAS IMEDIATAS**

J. PIMENTA, S.A.R.L.
**UMA CASA PARA
QUALQUER CASO**

**250 MIL CONTOS
DE PROPRIEDADES
EM CONSTRUÇÃO
PARA VENDA**



Informações:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 45843/47843.

QUELUZ: Rua D. Maria I, 38. — Telef. 95 20 21/22

SEBOLLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 78

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias
Tel. 2 43 35 11

CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 38 — Telef. 28 25 75
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Angola, o soldado n.º 127540/69; José Francisco Fernandes de Sousa, natural de Sobrado, concelho de Valongo, filho de António Joaquim Marques de Sousa e de Maria Rosa Ribeiro Fernandes, e o primeiro cabo n.º 008146/69 Manuel Ferreira Bidarra, natural de Valhelhas, concelho da Guarda, filho de José Augusto Bidarra e de Leontilde de Jesus, Ferreira.

EXCURSÃO A SERRA DO CARAMULO

Domingo, 27 de Setembro

Comunica-nos a C. P. que realiza no dia 27 de Setembro, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa à Serra do Caramulo, incluindo viagem em comboios de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B e ainda um percurso turístico rodoviário às principais localidades da região. Almoço na Pousada de Santo António, em Serém do Vouga.

PREÇOS

Modalidade 1 280\$00
Modalidade 2 (inclui jantar no comboio) ... 340\$00

Bilhetes a venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), na Empresa Geral de Transportes, Rua do Arsenal, 124, nas Agências de Viagens autorizadas e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

Propriedades

— VENDAS — Quintinha CASAS

**LOTES
TERRENOS
EM LOURES
400 Contos**

Para construção de prédios de 10 inquil, de habitação, magnífica situação e vista panorâmica.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45, 2.º-Esq.
Telef. 36 74 44 - 32 31 72
LISBOA

**Contacto
H. NUNES**



PUBLICIDADE

Telef. 847260

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca créditos, parte de prédios ou construção. TRATA LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.ª -Dt. (junto à Figueira). Telef.: 32 54 87 e 37 06 18.

Vende-se com facilidades de pagamento a 20 km de Lisboa, tendo uma moradia de construção moderna e diversas divisões, água própria, etc. Área total, 3 hectares aproximadamente, muito bem localizada.

Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 194-2.º — Telef. 536111/2/3.

para alugar

Procure V. Ex. nos escritórios, onde temos sempre variados andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telef.: 36259-34755.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

PRÉDIO VENDA NOVA

Construção de cimento armado, revestido a mármore, composto por 3 pisos, 6 sq., hab. com 5 div., bons acabamentos.
Preço — 1.450 contos.

MOSTRA E TRATA:

«A CONFIDENTE»

Rossio, 2-2.º — Telef. 26 95 84/5/6 - 32 83 33/3 - 26 17 56

ANDE 1.000 KM. E PAGUE SÓ 250\$00

**ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA
AUTO-ARGUS. INTERNACIONAL**



P. Olegário Mariano, 6-D — Telef. 563843
Av. da República — FARO — Telef. 05-23928

Automóveis

ALUGUER: VENDAS:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS SI CONDUTOR:

- 534657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769846 — LUCAR — Av. Barbosa da Silva, 1
- 42899 — Iaxis Universo, Lda. — Av. República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Azeite, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 714391 — OLIVATO — Av. de Madrid, 16-B

**Contacto
H. NUNES**



Telef. 847260

PUBLICIDADE

www.ww.ww.

Sociedade Estoril

Venda de bilhetes para os domingos

Ass. sábados na estação de Cas do Sodré das 15 às 22 horas.

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório livros de escrita e agendas de vários modelos a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ



Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

Carreira

Coruche-Portalegre

A Empresa JOÃO CÂNDIDO BELO & C.ª, LDA., com sede em Vila Fresca de Azeitão, informa os s.ºs Ex.ºs Clientes que inicia em 11 do corrente uma carreira entre PORTALEGRE e CORUCHE com ligação para LISBOA, com o seguinte horário:

Partida de PORTALEGRE às 05 e 15 e chegada a LISBOA às 12.40 horas; e partida de LISBOA às 13 e 35 e chegada a PORTALEGRE às 19 e 30 horas.

Esta carreira serve entre outras localidades Crato, Alter do Chão, Seda, Bonavilla, Avia, Pavia e Moura.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda em tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua do Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Salgadas, a partir das 20 horas.

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

● PORTO
 Alirio de Barros Suts.,
 R Costa Cabral, 240 (Tel
 405593) * Beavista, R da
 Boavista, 601 (Tel 25443
 863 (Tel 400699) * Gen-
 eral, Rua de Santo António,
 203 (Tel 21684) * Centu-
 mil, Rua de Contumil, 50
 (Tel 45755) * Cerujeira,
 Rua S R do Lameiro, 473
 (Tel 51928 * Garantia,
 Rua Fernandes Tomaz, 696
 (Tel 24645) * Lemos *
 Filhos, Ltd., Praça de Car-
 los Alberto, 31 (T 213091
 * Maia, Rua, do Campo
 Alegre, 92 (Tel 64450)
 * Peninsular, Rua Chã,
 00-102 (Tel 20707) *
 Pinheiro Manso, R S João
 de Brito 25-29 (T 60692)
 * Sá, Rua Vite Fomoso,
 81 (Tel 40427) * Serpe
 Pinto, Rua de Serpe Pinto,
 645 (Tel 48696) * Fox,
 Rua Senhora da Luz, 387
 (Tel 680'27)

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.
Telef 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal



O tempo

**INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL**

SITUAÇÃO GERAL: AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco e o céu estava limpo, por influência de uma massa de ar tropical seco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa, 34,5°; mínima: Montalegre e Braga, 12,9°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 21°; Faro, 24°; Funchal, 21°; Lisboa, 20°; Penhas Douradas, 20°; Portalegre, 23°; Porto, 18°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera 23,2°; na água do mar, 16,6°.

**PREVISÃO GERAL
ATE AS 24 HORAS
DE AMANHÃ:**

Céu limpo e vento fraco, predominando de leste. Pequena subida de temperatura.

Amanhã
Nascer às 07 e 21
Ocoso às 19 e 40

DIÁRIO
Dia 22 Dia 30 Dia 8 Dia 14

MARES:

PRELA-MAR: Hoje — 5 e 57 (4,3 m); 8 e 18 (4,3 m); Dia 19 — 6 e 37 (4,1 m); Dia 20 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 21 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 22 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 23 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 24 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 25 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 26 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 27 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 28 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 29 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 30 — 7 e 20 (3,9 m); Dia 31 — 7 e 20 (3,9 m).

NOVO EMBAIXADOR DO CANADÁ EM LISBOA

OTAWA, 18 — (A. N. I.) — Paul Beaulieu, de 57 anos, foi nomeado embaixador do Canadá em Portugal.

Desempenhava actualmente as funções de embaixador do seu país na capital francesa, onde vai substituí-lo o deputado e até agora ministro da Defesa Nacional do Canadá, Leo Cadieux, de 62 anos.

**1 Kg.
EM
BARRAS
DE
OURO**

1.º prémio do concurso
VIGORMALTE
+ 9 VALIOSOS PRÉMIOS
entregue as senhas até
10 de Outubro
Sorteio em 30 de Outubro

JORNALISTAS BRASILEIROS NO ALGARVE

FARO, 18 — Visitaram hoje esta cidade os jornalistas brasileiros que se encontram no nosso País para uma curta estadia.

O GOVERNADOR DE ANGOLA EM LISBOA

A fim de tratar de assuntos de interesse para Angola junto do ministro do Ultramar, chegou esta manhã a Lisboa o sr. tenente-coronel Rebocho Vaz, governador geral daquela província.

Acompanhavam-no a esposa e o chefe de gabinete. A aguardá-lo, estiveram no aeroporto (entre outras) as seguintes individualidades: dr. António da Fonseca, chefe do Gabinete do ministro do Ultramar, em representação deste; dr. António Ascensão, chefe do gabinete do ministro da Saúde e Assistência, em representação daquele membro do Governo, e o general António Spínola, governador e comandante chefe da Província da Guiné.

NOVA ORGÂNICA DO SERVIÇO DE VALORES POSTAIS NO ULTRAMAR

Um decreto do Ministério do Ultramar, hoje publicado no «Diário do Governo», dá uma nova orgânica ao Serviço de Valores Postais.

Entre as atribuições deste Serviço, contam-se a organização de exposições filatélicas dos C. T. T. do Ultramar, aquisição e distribuição de cupões-resposta emitidos pela Secretaria Internacional da União Postal Universal e elaboração e distribuição de autógrafos de boas-festas, impressos de vales postais e ordens postais, de envelopes comemorativos do 1.º dia de circulação de novos selos e de carimbos comemorativos de datas ou factos que devem ser assinalados.

Assaltada a estação dos C. T. T. de Campolide

A estação dos C. T. T. de Campolide recebeu, esta madrugada, a visita de dois cavalheiros de chave falsa.

Resultado: a chefe da estação, de manhã, deu pela falta de 1600 escudos. Uma testemunha ocular afirma que os dois assaltantes se meteram num taxi, cerca das 2 e 30, chamado por um cúmplice.



PETER USTINOV E FRANÇOISE HARDY mostram um dos melhores desenhos do concurso promovido pela Unicef entre as crianças de todo o mundo. A autora do «guache» é uma jovem austriaca de nove anos, Eva Schwarzenbacher.

MARCELLO CAETANO EM COMPOSTELA

CONCERTO NA CAPELA DO HOSTAL DOS REIS CATÓLICOS A ABRIR A HOMENAGEM AO PRESIDENTE DO CONSELHO

O prof. Marcello Caetano partiu, esta manhã, para Santiago de Compostela, em cuja Universidade vai receber o grau de doutor «honoris causa» pelas Faculdades de Direito e de Ciências Políticas, Económicas e Comerciais.

Acompanham o prof. Marcello Caetano sua filha, sr.ª D. Ana Maria Caetano, e o ministro da Educação, prof. Veiga Simões e esposa. Da pequena comitiva fazem ainda parte os chefes de Gabinete da Presidência do Conselho e do Ministério da Educação Nacional, drs. Quesada Pastor e Alberto Machado, respectivamente.

O programa da homenagem que a Universidade de Santiago de Compostela vai prestar ao Chefe do Governo português começou a

ser cumprido esta tarde, com um concerto de «Música em Compostela», na Capela Real do Hostal dos Reis Católicos. Amanhã, ao meio-dia, no Paraninfo Universitário, realiza-se a cerimónia do doutoramento, à qual assistem representações das três Universidades portuguesas. Segue-se a inauguração de uma exposição sobre «Obras e realizações do Ministério da Educação na Galiza», no

salão da Biblioteca Geral, e almoço, oferecido pela Reitoria da Universidade compostelana, no Salão Real do Hostal dos Reis Católicos. Ao fim da tarde, no decorrer de uma cerimónia no Palácio Municipal, será imposta ao prof. Marcello Caetano a medalha de ouro da cidade.

O Banco de Fomento em Santarém

Na segunda-feira, às 18 horas, serão inauguradas, na Rua Guilherme de Azevedo, 18-22, em Santarém, as instalações da delegação de Santarém do Banco de Fomento Nacional.

CONVOCADOS 32 FUTEBOLISTAS PARA AS SELECÇÕES NACIONAIS

Foram convocados para as seleções A e «Esperanças» de futebol, que vão defrontar a Dinamarca, os seguintes jogadores:

EQUIPA A — Damas, José Henrique, Hilário, Pedro Gomes, Humberto Coelho, Rui Rodrigues, José Carlos, Peres, José Maria, Simões Pedro, Eusébio, Torres, Guerreiro Jacinto João e Lourenço.

«ESPERANÇAS» (menos de 23 anos) — Bento, Fonseca, Artur, Barros, Rebelo, Alinho, Bastos, Murça Quinto, Carlos Serafim, Vítor Martins, Diniz, Vítor Baptista, Diamantino, Raul Aguiar e Néné.

A Federação marcou, também esta manhã, os campos que faltava indicar para os jogos da «Taça» do próximo domingo:

No Estádio Municipal de Nelas: Penalva do Castelo-Chaves.

Campo do Giestal em Vila Pouca de Aguiar: Sp. Clube de Vila Pouca-Felresense.

Molmenta da Beira: Desporto e Recreio-Lamego. Lisboa (campo do Oriental): Casa Pia-Algés.

RENATA MANN SUBMETIDA

A TRATAMENTO

Renata Mann, a senhora alemã presumível assassina de sua própria filha (Sabina, 4 anos), continua a ser submetida a testes psiquiátricos no Hospital Júlio de Matos.

Entretanto, Gehrard Mann, marido de Renata, foi novamente ouvido pela P. J.



O HOMEM E A MÁQUINA — «Uma fotografia é para mim, simultaneamente, o reconhecimento, numa fracção de segundo, não só da significação de um facto mas da organização rigorosa das formas apercebidas visualmente que exprimem esse facto». Esta é a opinião do conhecido fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson que a partir de hoje expõe, no Palácio Foz, o seu mais recente trabalho que intitulou «O Homem e a Máquina». A exposição — de que publicamos esta foto — é organizada pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo e da Companhia IBM Portuguesa e estará patente ao público até ao dia 28 do corrente.

Novo documento do Secretariado para a Unidade dos Cristãos

Do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Metropolitana foi fornecida à Imprensa a seguinte informação:

«Sob o título «Reflexões e sugestões sobre o diálogo ecuménico», o Secretariado para a Unidade dos Cristãos acaba de divulgar um documento que enviou às conferências episcopais.

«Este documento, embora prolongue o directorio já antes publicado pela Santa Sé para aplicação da doutrina do Concílio Vaticano II em matéria de ecumenismo, não goza da mesma autoridade. O directorio é um texto normativo, aprovado pelo Santo Padre. O documento agora divulgado é um simples instrumento de trabalho, que visa ajudar as autoridades eclesásticas na aplicação do decreto do Concílio às circunstâncias e possibilidades concretas de cada situação particular. A sua autoridade reside unicamente no facto de ser fruto da longa reflexão e experiência de muitas pessoas comprometidas no diálogo ecuménico.

«Elaborado à luz dos documentos conciliares, das declarações do Papa e da experiência adquirida, este texto contém orientações pastorais válidas para um diálogo sincero que procura realizar a verdade na caridade. Compõe-se de uma introdução e de seis capítulos que tratam da natureza e finalidade dos fundamentos e condições, do método, dos temas e das formas do diálogo ecuménico.»

Dilema do «Mercado único português»

CARLOS CARVALHAS

O livro de Alberto Pinheiro Xavier «Portugal e a Integração Económica Europeia» tem o interesse de nos equacionar de forma sistematizada e compreensiva (mas dentro de uma determinada óptica), um conjunto de graves problemas que Portugal defronta e irá defrontar na presente década.

Apresenta-nos também com interesse diversas notas e bibliografia que nos dá uma boa cobertura do pensamento oficial e do pensamento integrado no sistema (parecendo-nos até que houve um certo cuidado em não deixar escapar alguns nomes).

Este livro merecia uma análise detalhada, mas uma tal análise não teria cabimento nas páginas de um jornal,

pelo que nos vamos limitar a alguns aspectos.

Na introdução começa por se afirmar que a Economia portuguesa se apresenta em face das economias da Europa Ocidental como uma das menos beneficiadas pelo progresso económico (...).

Ora aqui convinha saber como é que o progresso económico beneficia uns e não outros. Será devido à providência, ao fatalismo ou ao sistema? Hoje já ninguém parece negar o nosso atraso económico, é ponto certo, o que se foge é a alinhar as causas reais desse atraso. É o caso da afirmação anterior que as

Cont. na pág. 4



Em 25 de Julho último foi criada, em Peniche, a Cooperativa de Consumo Húmus. No próximo dia 26 inaugurará o seu posto de vendas. Alguns dos seus dirigentes debateram o significado daquela iniciativa para a conhecida vila piscatória. Tal discussão vale enquanto exemplo e estímulo a acções idênticas noutros pontos do País. (Ler na página 3).

- Que se passa no Instituto de Estudos Sociais? Foram suspensas as matrículas do 1.º ano

(Debate na pág. 5)

- Meio século de evolução social do mundo

(Artigo de Léon-Eli Troclet na pág. central)

- Que medidas adoptar para um crescimento harmonioso de Lisboa?

(Resposta do arq. e urbanista José Rafael Botelho na pág. 11)

- Emigração — uma terrível epopeia humana

(Artigo na pág. 12)

MESA REDONDA

UM ESTUDO À RADIOTELEVISÃO FRANCESA

A informação deve ser completa, exacta e livre

Influência, poder de persuasão, capacidade atractiva. Três expressões que sintetizam apenas as possibilidades e a força da Televisão nos tempos modernos. Uma espécie de veículo que conjuga os diversos canais de que outrora os homens se serviram (e servem) para adquirir conhecimentos, para aumentar o lastro cultural: o livro, o jornal, a revista, o teatro, o cinema. Sem substituir nenhum destes mananciais de novos horizontes, de arremetidas no Mundo do saber, da cultura e da arte, a TV condensa-os e oferece-os ao espectador numa bandeja de prata, num invólucro todo reluzente, enfeitado com o laço fascinante chamado imagem. O cidadão de relativa exigência intelectual não pode renunciar à leitura do jornal (aí encontra a informação tratada com pormenor e considerável profundidade), não pode deixar de consumir livros e revistas. Mas a Televisão apresenta-lhe também um arsenal de conhecimentos, de actualidade e de diversão, alguns animados até pelo condimento atraente e dominador da imagem. É não só a imagem. A imagem animada pela palavra e pela música. É preciso uma enorme autonomia de espírito, um forte poder interior,

para opor uma negativa consciente ao caudal impetuoso que jorra do pequeno aparelho. Do seu poder e daquilo que através dele tem gana para avassalar o espírito. A resistência é tanto mais difícil para os espíritos menos esclarecidos e menos preparados.

Não admira assim que se procedam a estudos pormenorizados e se procure determinar limites e fixar condições para que a actividade da Televisão não constitua atentado aqueles que se colocam sob a sua influência. Poderíamos referir diversos estudos levados a efeito em vários países. Hoje, porém, queremos limitar-nos às conclusões a que chegou a Comissão Lucien Paye, encarregada pelo Governo francês de estudar a reforma da Radiotelevisão em França. A referida Comissão (constituída por nove pessoas), não se limitou a elaborar uma lista de conclusões. Fez também uma série de propostas cuja concretização é aguardada com relativa curiosidade.

A Radiotelevisão francesa é monopólio do Estado e este, segundo a Comissão, só pode assumir as responsabilidades que daí lhe advêm desde que o «serviço prestado seja de qualidade e desde que os organismos de Rádio e Televi-

são provem a sua aptidão para seguir a evolução das necessidades do público, e das possibilidades da técnica». A Comissão advoga que «a estrutura e o funcionamento dos seus serviços (da Radiotelevisão) devem tornar-se mais eficazes e melhor adaptados à sua primeira tarefa: a elaboração dos programas». E neste domínio aconselha que se precisem as responsabilidades e se introduza a emulação «a todos os níveis da concepção e da realização». Este ponto de vista parece tanto mais importante quanto é certo que as grandes tarefas da Radiotelevisão continuam a ser as de «cultivar, distrair, informar e educar», o que reclama uma «abertura ao estrangeiro e a preparação do futuro» (...)

Serviço público em função da influência que exerce sobre a vida dos cidadãos e da importância das tarefas de interesse nacional que permite realizar, as responsabilidades da Radiotelevisão assumem um carácter particular no que respeita à informação propriamente dita, que deve ser «completa, exacta, medida, imparcial e livre». Para que possa respeitar a ética profissional e a que decorre do seu ca-

Cont. na pág. 5

ASSIM VAI MUNDO

Cancro

Realizou-se em Houston o Congresso da União Internacional contra o Cancro (U. I. C. C.), organização que abrange 72 países. Entre os especialistas estava presente o professor Nikolai Blokhin, a maior autoridade soviética sobre o cancro que, entrevistado, declarou: «Creio que, num futuro próximo, será descoberto que os vírus podem causar tumores nos seres humanos. Sabemos, já, que eles são responsáveis por alguns tumores nos animais». O cientista salientou que uma vez descobertos e identificados os vírus causadores do cancro, será possível imunizar as populações através de vacinas, à semelhança do que acontece na prevenção contra a varíola. O aparecimento de novas drogas e de novos métodos pode desempenhar um papel importante na luta contra o cancro: «sou cirurgião, mas tenho consciência de que, além da cirurgia, são preciosos outros métodos, como a Radioterapia, a quimioterapia, etc. Por outro lado, a combinação de várias drogas no tratamento parece dar mais resultado do que o emprego de uma apenas».

O professor Brokhin considera que o intercâmbio de cientistas da U. R. S. S., dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha contribuiria positivamente para a evolução das investigações sobre o curso.

A incidência do cancro está a aumentar, em todos os países, principalmente devido à poluição do ar. Na U. R. S. S., adoptou-se, neste sentido, uma lei destinada a prevenir o lançamento de elementos carcinogénicos, provenientes das fábricas, na atmosfera e na água e criou-se uma comissão especial com o fim de detectar a presença de produtos químicos nocivos à saúde e encarregada da inspecção dos alimentos.

O Congresso da U. I. C. C. reuniu cerca de 6000 pessoas mas o prof. Blokhin considera que «Os cientistas não aguardam os congressos para divulgar as suas descobertas».

Suspensão

A Confederação Francesa Democrática do Trabalho (C. F. D. T.), uma das maiores confederações sindicais francesas, decidiu suspender a sua participação nos trabalhos do VI Plano de Fomento daquele país. Tal decisão é devida à discordância da C. F. D. T. quanto à maneira como tem evoluído o conceito de desenvolvimento. Na carta dirigida ao Comissário Geral do Plano, afirma a referida confederação: «Enquanto que a planificação deveria traduzir uma política voluntarista em todos os domínios, para lá de generosas declarações de intenções, o VI Plano confirma e agrava a supremacia de um crescimento industrial cego, na medida em que é ditado apenas pelo desejo de lucro, as perspectivas do orçamento de 1971 apenas confirmam as nossas certezas».

Facilidades

A Rodésia desenvolve esforços no sentido de aumentar a corrente migratória. Nos cinco primeiros meses deste ano cresceu de 40% o número de europeus entrados no país, relativamente ao ano anterior (3030 no ano corrente e 2160 em 1969). Entretanto o Governo de Salisbury tem apelado

para a colaboração de industriais e comerciantes no sentido de ajudarem na fixação de imigrantes provenientes de países em que o inglês não é a língua oficial. O Gabinete pretende também que os empresários facilitem a actividade profissional das pessoas que ultrapassaram já a meta dos 40 anos.

Não se deve esquecer a enorme desproporção existente na Rodésia entre o número da comunidade branca e da comunidade negra.



Triângulo

De Edouard Bailby, uma informação acerca de Cuba: «Há actualmente 3000 técnicos soviéticos que trabalham em todos os sectores da economia, independentemente dos técnicos das democracias populares, do Vietnã do Norte e da Coreia Popular. Em contrapartida não encontramos um único técnico ou engenheiro da China Popular».

Algumas linhas adiante Bailby acrescenta (...) «a Imprensa cubana evita criticar a política interna ou externa da grande potência asiática. Evita igualmente, desde há alguns meses, terçar armas com Moscovo sobre o problema da guerrilha».

Reflexão

Não há dúvida que estamos numa fase de reflexão crítica. O que já se sabia tornou-se problema. Por exemplo: o conceito de socialismo. Leia-se este parágrafo de Victor Fay: «Quais são então os critérios do socialismo? Alguns creram que bastava colectivizar os principais meios de produção e troca para pôr fim ao capitalismo e abrir, se não a era do socialismo, pelo menos o período de transição para o socialismo. Examinado de perto este critério parece insuficiente e incerto: insuficiente, porque se deve precisar a noção e a extensão da propriedade colectiva; incerto, porque é preciso saber quem colectiviza e para quê, dito de outra maneira — qual é a diferença entre nacionalização, estatização e socialização?»

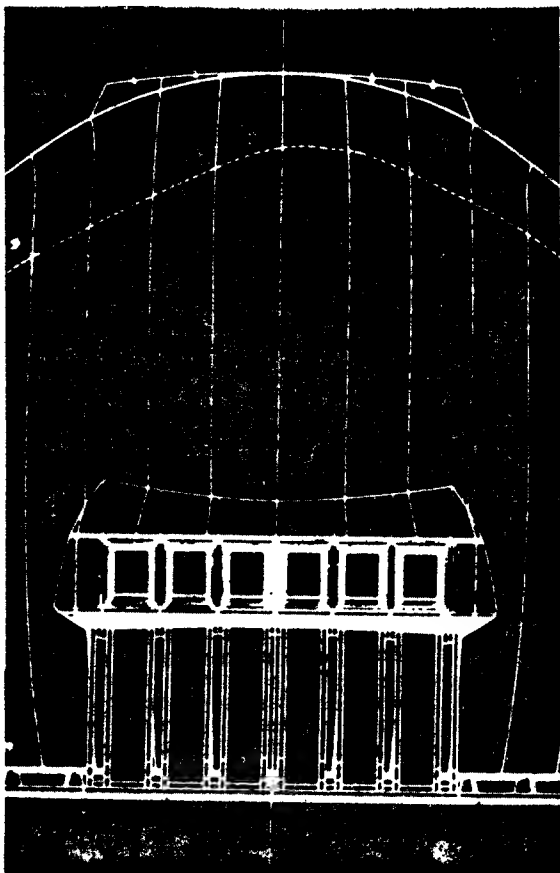
Desemprego

O número de desempregados aumentou nos Estados Unidos atingindo uma percentagem nunca igualada no último quinquénio: 4,4 por cento da população total. Os conselheiros de Nixon tinham previsto que o desemprego nunca ultrapassaria os 4,3 por cento em 1970. O desemprego parece ter subido ainda mais na última semana, coincidindo com a greve na General Motors.

ASSIM VAMOS NÓS

Participação

Notícias provenientes de Hamburgo dizem ter sido confirmada oficialmente a participação de firmas alemãs na construção da barragem de Cabora Bassa. O Governo de Bonn concedeu um crédito de exportação no montante de 500 milhões de marcos. O projecto Cabora Bassa, em Moçambique, abrange a construção de uma barragem a cerca de 500 km da foz do Zambeze.



Além disso estão projectadas duas centrais geradoras e uma rede de alta tensão. A albufeira terá 250 km de comprimento e uma largura máxima de 30 km. Produzindo diariamente 4000 MW, Cabora Bassa será a maior central hidroelétrica da África, muito maior do que a de Assuão, no Egipto.

Não só

Da página de Economia do «Diário de Notícias»:

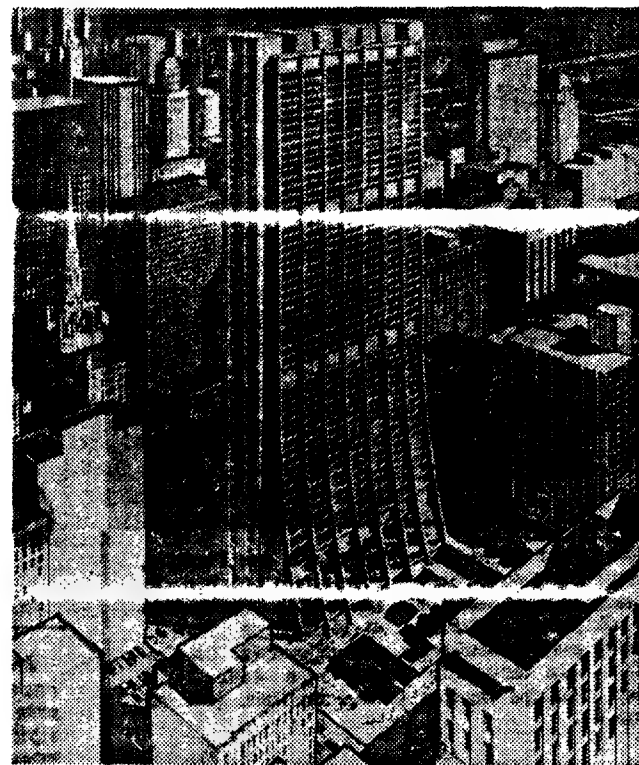
«O crescimento da produção industrial portuguesa, tal como vem expresso nas estatísticas internacionais da O. C. D. E., mostra-se, em contrapartida, altamente insatisfatório. Parte da insuficiência estará, por certo, na utilização de um índice reconhecidamente desactualizado e que, não tomando em conta várias e importantes indústrias instaladas recentemente em Portugal, subavalia o ritmo autêntico de crescimento industrial no nosso País. Há, assim, que rever e actualizar, urgentemente, os instrumentos de medida da produção industrial portuguesa».

Seria porém demasiado optimismo supor-se que todo o problema estaria numa deficiente cobertura estatística: a verdade é que a indústria nacional, apesar de continuar a expandir-se, não tem crescido, nos últimos anos, de forma a permitir pensar-se que nos estamos a aproximar dos níveis da Europa desenvolvida ou, até, que nos mantemos na mesma posição relativa das outras economias da Europa Meridional».

Crises

Armando de Abreu, num artigo do n.º 81 «Tempo e o Modo» sobre a crise da agricultura portuguesa, denuncia a palavra «crise», considerando-a uma palavra «écran» que não deixa ver que certos empreendimentos agrícolas em Portugal (arrozais do Vale do Sado, produção de maçã...) não estão em crise.

O autor prefere a decomposição da «crise» em crises que atribui — para sermos breves — ao crescimento de um modo de produção determinado».



Bancos

A revista britânica «The Bankers» estabelece a classificação dos dez maiores bancos do mundo. Nesta classificação cabe o primeiro lugar ao «Bank of America», de São Francisco: os dois bancos nova-iorquinos que se lhe seguem conseguiram já reduzir a diferença que os separa da primeira posição.

Os principais bancos (activo em milhões de dólares) são os seguintes:

	(activo em milhões de dólares)	
	1969	1968
1. Bank of America (E. U.)	25 563	24 163
2. First National City Bank (E. U.)	23 092	19 624
3. Chase Manhattan Bank (E. U.)	22 168	19 373
4. Barclays Bank (G. B.)	15 137	14 418
5. Manufacturers Hanover (E. U.)	11 965	10 577
6. Morgan Guaranty (E. U.)	11 448	10 474
7. National Westminster (G. B.)	10 642	10 518
8. Western Bancorp (E. U.)	10 617	9 887
9. Banca Nazionale del Lavoro (It.)	10 233	8 891
10. Chemical New York (E. U.)	9 739	9 077

25 de JULHO de 1970

NASCEU A

HÚMUS

Actuar num sentido colectivo

Mesa-redonda realizada na sede da Cooperativa Húmus, em Peniche, e na qual tomaram parte Luís Leonardo dos Santos, 47 anos, guarda-livros, presidente da direcção; Carlos Casimiro Marques Vital, 26 anos, estudante, presidente da assembleia-geral; José Maria dos Anjos Costa, 26 anos, estudante, vice-presidente da mesa da assembleia-geral e José Delgado, 38 anos, desenhador, gerente comercial da Cooperativa, que inaugura o seu posto de vendas no próximo dia 26. Helena Neves interveio como moderadora.

MODERADOR — Depois do período de apogeu que o movimento cooperativista conheceu em Portugal, sob o impulso de António Sérgio, as cooperativas atravessaram uma fase de declínio. Pessoalmente, não creio que a acção económica das cooperativas seja determinante para uma mudança das relações de produção. No entanto e discordando neste ponto de António Sérgio, que via nas cooperativas um fim, considero que estas instituições podem ser um dos meios importantes de transformação de mentalidades, na medida em que permitem desenvolver hábitos de associação e de vida colectiva que, no futuro, num regime de estruturação económica, necessariamente diferente, podem levar o indivíduo a uma participação consciente na vida produtiva da Nação. Dados os problemas de consumo para uma grande percentagem de população com débil poder de compra e, além disso, partindo do princípio que as cooperativas podem e devem ser centros de divulgação cultural, creio que há toda uma acção a conduzir, acção tanto mais urgente quanto mais analisamos o clima económico e educativo da maior parte das vilas portuguesas, para não falar já nas nossas aldeias... Gostava que falassem sobre o impulso que vos levou a criar uma Cooperativa em Peniche.

JOSÉ MARIA DOS ANJOS COSTA — Foram as características populacionais que nos pressionaram a formar uma cooperativa, convencidos que iríamos contribuir para a resolução ou, pelo menos, para a consciencialização dos problemas que nos afectam. Peniche é uma vila mais conhecida por razões que lhe são estranhas, do que por razões criadas pela sua população, e sendo um local geograficamente afastado (100 ou 200 km no nosso País são ainda hoje grandes distâncias), dos centros onde se vive uma vida cultural mais intensa, qualquer actividade aqui tem de ser organizada, desenvolvida em condições difíceis, pois há toda uma série de barreiras locais a vencer. Apesar dos condicionamentos a que estamos sujeitos, ou melhor, pela razão da sua própria existência, é que nos propusemos a criação desta cooperativa cujo objecto é «fornecer aos seus consumidores tudo quanto seja necessário à satisfação das suas necessidades». Pretendemos atingir a camada social que até hoje tem sido sistematicamente esquecida. Creemos que através de um organismo, que actue num sentido colectivo de conjugação de esforços, numa obra que se pretende de todos, poderão todos adquirir determinado número de bens de consumo, segundo um esquema de melhor qualidade e preço. Se não nos preocuparmos em viver o ideal cooperativista, seremos apenas mais um estabelecimento comercial.

Objectivo: A defesa dos interesses dos consumidores

CARLOS CASIMIRO MARQUES VITAL — Numa terra como Peniche em que tudo está por fazer uma só opção nos restava — a cooperativa deveria fazer tudo. E foi isso que ficou estabelecido nos estatutos.

Mas para que algum dia se possa fazer tudo é necessário começar por alguma coisa. As secções com que vamos abrir são essa alguma coisa e aparecem não só porque o capital que exigem e aparecem não só porque o capital que exigem é relativamente pouco, mas também porque o peso accentuado no conjunto dos actuais colaboradores, é bastante forte. O aparecimento sucessivo de novas secções dependerá exclusivamente do interesse e colaboração dos associados e das disponibilidades financeiras. A cooperativa, se o quiser ser, terá que sair do pantano do alheamento em que vive o fenómeno associativo no nosso País: ela será obra colectiva de todos os seus associados ou não será nada. Se não conseguirmos despertar em nós mesmos a consciência disso, e as pessoas continuarem à espera que messianicamente alguém por elas resolva os seus problemas, então, tudo isto não terá passado de mais um conjunto de boas intenções e, de boas intenções está o inferno cheio. Não pretendo com isto arranjar desde já justificações para um possível fracasso — se ele acontecer foi porque não con-

seguimos fomentar entre nós o sentimento de solidariedade e entreajuda, essência do cooperativismo. «Húmus» significará aquilo que conseguir ser. Claro que o nome é aquilo que menos importância tem, se é que tem alguma — a cooperativa, originariamente, era para se chamar CICARP.

Resumindo: a hora é de esperança!

LUÍS LEONARDO DOS SANTOS — A hora não é apenas de esperança. É de acção, de despertar a dignidade de homem enquanto comprador e consumidor. A Húmus está, em princípio, circunscrita às secções de livreria, papelaria, material didáctico, galeria, discoteca mas com perspectivas de se ampliar rapidamente. A subida do custo de vida, a evolução do preço dos produtos de consumo, cuja taxa de crescimento é notável, principalmente na alimentação, funcionam como factores que revelam a oportunidade e utilidade, que podem trazer ao conjunto da população, organismos deste tipo, cujo fim é o abastecimento dos indivíduos nas melhores condições possíveis. Para uma real satisfação das necessidades das

de nós adquiriram no CICARP será extremamente útil para a criação e desenvolvimento mamamente útil para a criação e desenvolvimento da Húmus.

O cooperativismo poderá resolver a «crise da pesca?»

MODERADOR — Pela náuse que fiz dos ficheiros referentes a 128 sócios, verifiquei, no que se relaciona com as profissões, que a vossa massa associativa é bastante heterogénea, no entanto, um ligeiro predomínio dos estudantes (25 %), seguindo-se, por ordem de representatividade, os empregados de escritório (13,2 %), os empregados bancários (10,1 %) e os marítimos (6,1 %). Ora, numa zona cuja economia se processa sobretudo em função da actividade piscatória, ou sectores a elas ligados, e dado que no concelho de Peniche 3600 indivíduos — 14 % da população — anda no mar, não vos parece esta percentagem (6,1 %) muito limitada? Pensam recorrer a formas de actividade especiais para atingir esta camada da população?

JOSÉ MARIA — Essas percentagens são baseadas nos actuais sócios, muitos dos quais transitaram do CICARP. Esperamos que daqui a algum tempo os números sejam diferentes e que revelem uma maior harmonia entre a composição dos sócios e a população. Não pretendemos atingir, especificamente, qualquer camada, mas é evidente que a realidade em que nos movemos, leva-nos a debruçar sobre a grande maioria da



«É extremamente urgente que se comece de facto a fazer um estudo sério das necessidades de cada região de forma a poderem criar-se os organismos que, de facto, correspondam às necessidades mais sentidas das populações.»

personas, temos de, a curto prazo, fornecer-lhes os géneros de primeira necessidade, ou, então, só atingiremos uma camada restrita, o que não nos interessa.

JOSÉ MARIA — Interessa-nos, de facto, atingir determinadas camadas da população — aquelas que, limitadas pelo seu fraco poder de compra e pelo alheamento em que vivem, precisam mais dos nossos serviços. Partimos do princípio que as pessoas, quando despertadas para novas formas de actividade, têm necessidade de ver «o ainda não visto», de comunicar entre si as inesperadas experiências. Em última análise é este o trabalho da cooperativa: nova maneira de viver consigo e com os outros. Muito há a fazer neste campo.

CARLOS VITAL — Numa palavra, é evidente que a formação integral dos nossos sócios deverá ser problema sempre presente no nosso espírito fundamentalmente nos aspectos que mais se ligam ao cooperativismo e às estruturas em que o consumidor se integra, o que, aliás, vem expresso nos nossos estatutos que falam na «defesa dos interesses dos consumidores». Por outro lado só um conhecimento tão exacto quanto possível da realidade que nos cerca, em todas as suas implicações, permitirá o desenvolvimento correcto da cooperativa e a cooperativa confunde-se com os seus sócios. Penso que a experiência que muitos

população. Para procedermos com conhecimento exacto das necessidades, efectuaremos sondagens e inquéritos que demonstrem as carências mais sentidas. Só com base numa prossecção deste tipo, podemos actuar eficazmente.

JOSÉ DELGADO — Existem, desde já, planos de iniciativas que, embora podendo pecar por não atenderem às necessidades primárias, nos parecem úteis. A título de exemplo, citarei a ideia de organizar excursões, seguindo o exemplo da Cooperativa Piedense, que levou os seus sócios ao «Vasco Santana» e ao «Maria Matos» ver o teatro que não se deslocava à Cova da Piedade.

CARLOS VITAL — Outro dos sectores a que a Húmus irá também dedicar a sua atenção, será a criança. Projectos há muitos — imagine que já ouvi falar em «jardim-escola»! Para já pensamos poder criar no nosso posto de vendas, um pequeno recanto onde se procurará, sempre que possível, pôr à disposição da criança os bens necessários ao desenvolvimento harmonioso das suas potencialidades. Estão em estudo várias actividades e esperamos poder entrar em contacto com outras cooperativas, nomeadamente a Ludus com quem, neste como outros sectores muito teremos a aprender.

Cont. na pág. 9

Portugal e a integração económica europeia

Cont. da pág. 1

deixa em suspenso, como se a sorte ou o acaso favorecessem uns e não outros. Já o secretário de Estado da Indústria, no seu discurso na inauguração do colóquio sobre política industrial, em 16-2-70, afirmou de forma clara que o nosso atraso, em relação aos países apresentados pelo eng.º Ferreira Dias, em «Linha de Rumo» não só se manteve como em alguns casos se agravou. Mas, sendo assim, porque não procurar as barreiras para as superar, porque não se recuperou em todo este tempo, e a quem se deve imputar a responsabilidade de tal atraso?

Em termos muito sintéticos e esquemáticos, vamos tentar colocar o problema da integração económica europeia que é o pólo principal deste livro, para depois nos debruçarmos sobre as conclusões.

Portugal aprovou em 20-9-59 o texto definitivo da Convenção de Estocolmo (E. F. T. A.) que iniciou a sua existência com sete países, em 3-5-60. A E. F. T. A. é uma zona de livre comércio, em que a Metrópole conserva plena autonomia tarifária em relação aos países que dela não fazem parte. Como o Ultramar está excluído, Portugal pode manter uma política preferencial dentro do espaço económico português.

Por outro lado o nosso atraso económico ficou salvaguardado pelo anexo G que veio dar tempo a uma reorganização e recuperação, permitindo-nos manter

as tarifas alfandegárias à importação de produtos industriais da zona E. F. T. A. Assim as mercadorias do anexo G só sofreram uma redução de 50% até 1-1-70 e, segundo o calendário agora aprovado, as reduções far-se-ão gradualmente, até 1-12-79. Portanto, devido ao anexo G, os produtos industriais portugueses já não pagam direitos à entrada nos restantes países, mas as importações só agora começam a entrar mais facilmente entre nós, causando a concorrência com os produtos nacionais.

Mas parece não se ter recuperado nem reorganizado a indústria portuguesa como o têm reconhecido os responsáveis, pelo que os receios e as preocupações se avolumaram sendo o tempo que nos resta já pouco, mesmo apostando na continuidade da E. F. T. A.

Além disso, outros problemas económicos surgem no horizonte europeu, a Inglaterra tenta a sua adesão ao Mercado Comum (M. C.) e com a sua entrada assistir-se-á ao fim da E. F. T. A.

Ora, a Inglaterra é o nosso principal cliente, e a E. F. T. A. detém uma elevada quota do nosso comércio externo que, por sua vez, representa uma elevada percentagem do nosso Produto Nacional bruto, pelo que o aumento de futuros entraves traz apreensões justificadas e a dependência do comércio externo europeu não dá grandes ilusões aos simpatizantes da viragem à África.

Perante estes factos começou-se a encetar as negociações entre Portugal e o M. C. Mas se um regime de adesão

se torna impossível, um regime de Associação não deixa de levantar também enormes problemas. É o que o M. C. é uma União Aduaneira e que o M. C. é uma zona de livre comércio como o é E. F. T. A., o que obrigaria a Metrópole, no caso de associação ao M. C. a nivelar a sua pauta exterior com as dos restantes participantes daquela mesma união.

E sendo assim, surge a questão, além de outros problemas (1), de se saber como conciliar a formação de uma união aduaneira, entre a Metrópole e o M. C. com o regime preferencial, ou seja a existência de uma zona de livre comércio ao nível de todo o espaço económico português. Ora se o Ultramar não participar no regime de associação ao M. C., isso significa que Portugal terá de aplicar aos produtos ultramarinos as mesmas taxas que aplica aos países fora do M. C. o que é incompatível com os objectivos do chamado «Mercado único Português». Por outro lado a associação do Ultramar levantaria «resistência tanto maiores quanto é certo estarem os novos Estados signatários daquela convenção imbuídos de um espírito de «descolonização» e «solidariedade africana» que os não faria ver com bons olhos a consideração paritária face ao M. C., de territórios não independentes (2).

Além disso o regime de comércio livre era-lhes desfavorável devido ao seu atraso e a Metrópole ver-se-ia obrigada a estender a todos os membros do (M. C.) a preferência que actualmente conserva

Portanto, quer o ultramar participe ou não de um regime de associação ao M. C., porá sempre em causa o «Mercado único português».

«Ou elas ficam excluídas de uma união aduaneira a constituir entre o M. C. e a Metrópole — e esta deverá por força do sistema da integração adoptado, aplicar-lhes a pauta exterior comum. Ou elas participam numa Associação com o M. C. e deverão liberalizar as suas correntes comerciais com a comunidade precisamente à mesma taxa da que praticam em relação à metrópole.»

Segundo as conclusões do autor ficam somente duas vias possíveis para a associação, mas que constituiriam uma excepção «ou aceitar exclusivamente uma zona de livre comércio, tipo E. F. T. A., o que está fora da lógica e da filosofia do M. C. ou exigir «uma excepção expressa para o Ultramar», o que dificilmente terá aceitação.

Para Alberto Xavier a conquista de um estatuto como o que se aludiu será uma das mais graves e difíceis tarefas que os movimentos de integração impõem à nossa diplomacia económica, «a mais pesada tarefa da diplomacia económica do nosso século» (3).

Para enfrentar estes movimentos o autor advoga uma política de capitalização da nossa estrutura industrial, propondo um conjunto de medidas técnicas, sem que, na nossa opinião, tome verdadeiramente em conta as contradições da realidade económica e social portuguesa.

Daí que proponho uma intensificação do esforço de formação de capital e com efeito premente a formação de poupança, dimensionamento das empresas e tudo isto conjugado com uma política de contenção de preços. Mas a contenção de preços com os meios de política

económica que sugere trazem consigo a contradição do abrandamento económico, os fins nem sempre são compatíveis... E aqui lá se torna a falar na «política de salários que torne a sua evolução menos dependente de critérios e custo de vida do que de índices sectoriais de produtividade».

Mas quais as causas da inflação sendo as despesas não reprodutivas? E como realizar uma melhor repartição do R. N. preconizado no III Plano de Fomento sem os salários crescerem mais do que a produtividade?

E não é verdade que nem a produtividade depende, basicamente, de acções individuais, mas sobretudo da organiza-



ção das empresas, nem os preços terão de subir com os salários, desde que se reduzam as vultuosas margens de lucro em certos sectores?

E tudo isto sem tomar em conta que uma adesão ou associação de Portugal ao M. C. ainda obrigará a uma maior entrada de capitais estrangeiros, tendo como consequência a ulterior saída de lucros e a deslocação dos centros de decisão para os grupos internacionais.

Aqui registamos Gilberto Ramos: «A opção pelo neocapitalismo europeu traz todos os inconvenientes que este sistema acarreta para os povos dos países onde se implantou e ainda os que resultam de nele entrarmos numa situação de inferioridade resultante do nosso subdesenvolvimento económico».

Um outro senão que encontramos no livro é a falta de dados mais actualizados e o raro tratamento dos mesmos pelo autor, servindo-se quase sempre de quadros já publicados e nem sempre recentes.

CARLOS CARVALHAS

(1) Políticos, a liberalização das trocas dos produtos agrícolas, etc. etc.

(2) Alberto Xavier — pág. 183.

(3) Alberto Xavier não chega a abordar a possibilidade de um acordo preferencial limitado entre a Metrópole e a C. E. C., do estilo do já conseguido pela Espanha.

KONI

JOMA



a chave da segurança

De um molho de chaves vulgares, destaca-se a mais importante. KONI é realmente importante para si. A sua segurança encontrou a chave certa.

Representante:

SOGERIM - SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC-Lisboa
Telef. 560156

Colonização americana?

A Europa corre ou não o risco de ser colonizada pelos Estados Unidos? O «desafio americano», que se tornou o grande cartaz e o «universal slogan» de Servan Schreiber (embora a sua política pareça facilitar esse «desafio»), representa ou não um perigo sério para o Velho Continente?

Numeros recentes fornecidos pelo Minis-

tério holandês dos Assuntos Económicos permitem concluir da esmagadora ascendência das firmas de origem norte-americanas entre as indústrias instaladas nos Países Baixos (entre 1945 e Dezembro de 1969). Com efeito, entre as empresas estrangeiras subsidiárias da indústria holandesa vêm à frente as de proveniência norte-americana num total de 276, seguidas

de firmas britânicas (98) e alemãs ocidentais (80). No final da escala encontram-se as unidades de origem francesa (15).

Por seu turno, do número de empresas estrangeiras que participam ou colaboram com unidades holandesas, vem igualmente à cabeça as de origem americana (100) seguindo-se as inglesas (72) e as da República Federal Alemã (48).

QUE SE PASSA COM O INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIAIS?

Suspensas as matrículas do 1.º ano

Um aviso na secretaria do Instituto dos Estudos Sociais deu a conhecer aos alunos e diplomados por aquele Instituto que estavam suspensas as matrículas do 1.º Ano no ano lectivo de 1970-71. Foi convocada imediatamente uma assembleia de alunos e diplomados para hoje, às 17 horas. A suspensão das matrículas põe definitivamente aos interessados o problema de saberem se, sim ou não, o Instituto fechará. Qualquer reforma que se queira fazer não pode ignorar a existência de um sector profissional — os diplomados pelo Instituto de Estudos Sociais — que trabalhando em diversos organismos oficiais (Ministério das Corporações, Caixas de Previdência, Assistência Social) têm direito à defi-

nição do Estatuto Profissional que lhes garante um acesso aos quadros e garantias mínimas de continuidade de trabalho. Os diplomados do Instituto de Estudos Sociais não podem ser considerados como «profissionais clandestinos», necessários, mas ilegais. O problema tem de ser enfrentado directamente pelas entidades oficiais, permitindo a criação de uma associação sindical que englobe estes profissionais e garantindo-lhes uma situação profissional. Os diplomados e actuais alunos do I. E. S. não têm, neste momento, essas garantias. Daí que tenham manifestado o desejo do debate que a seguir publicamos, alguns diplomados e alunos do Instituto de Estudos Sociais.

Na entrevista colectiva que nos concederam estiveram presentes os diplomados José Grosso de Oliveira e Maria Ivete Torres Preto, funcionários do Ministério das Corporações, João Crisóstomo e Vitor Manuel Lopes de Oliveira, actuais alunos do Instituto.

MESA-REDONDA — Quando é que foi criado o Instituto de Estudos Sociais?

VITOR OLIVEIRA — O Instituto de Estudos Sociais foi criado pelo Decreto-Lei n.º 44 620, de 9

de Outubro de 1962, no âmbito do Ministério das Corporações e Previdência Social. Os diplomas que o criaram apresentavam, na sua estruturação, um conteúdo que lhe atribuía um carácter misto de estabelecimento de Ensino Superior e Médio. Houve a possibilidade, nesta fase, de o Conselho Escolar modificar as disciplinas curriculares, no sentido de conseguir uma real inserção no I. E. S., no contexto desenvolvimentista português. As propinas eram baixas (500 escudos anuais) e a possibilidade de receber

aulas depois das 18 horas, permitiam a valorização profissional, como o regime de voluntariado induziu à aceitação do I. E. S. por centenas de indivíduos afastados cedo das escolas, por razões de ordem financeira. Assim, logo no primeiro ano houve cerca de 1500 matrículas. O Instituto, na ansia de ser reconhecido pelo M. E. N., foi fazendo determinadas concessões (acabar com as aulas nocturnas), permitindo, até, que se instalasse a ideia de que o regime de voluntariado estaria transformando o I. E. S.

numa escola de cursos por correspondência.

A SUSPENSÃO CAUSOU ALARME

JOSÉ GROSSO OLIVEIRA — A população estudantil do I. E. S. foi inicialmente constituída na maioria por indivíduos de idades compreendidas entre os 25 e os 40 anos. Quase todos já exercendo funções no M. C. P. S. ou instituições dele dependentes, que a par de uma valorização cultural procuraram principalmente, através da frequência do curso mais rápidas e fáceis promoções profissionais. Posteriormente houve uma modificação na estrutura da população estudantil do I. E. S. que, pouco a pouco, passou a incluir grande número de jovens, os quais findos os estudos liceais procuraram uma formação «superior» em matérias relacionadas com as Ciências Sociais. Esta alteração da «procura» veio acentuar a frustração dos alunos e diplomados relativamente aos sucessivos adiamentos da saída de uma reforma, que, por um lado, originava uma clara definição legal do curso como superior, e por outro contemplasse a situação dos diplomados no mercado de trabalho.

A suspensão das matrículas no 1.º caso para o ano lectivo de 1970/71, causou natural surpresa e justificado alarme entre os alunos e diplomados.

Qual o seu verdadeiro significado? Quais as implicações dessa medida na vida futura do I. E. S. e na situação dos alunos e diplomados?

MESA-REDONDA — Como se tem inserido, os diplomados, na vida prática?

IVETE TORRES PRETO — Apesar da aceitação que os diplomados têm tido, tanto no sector público como privado, verifica-se que a falta de um estatuto profissional e os adiamentos sucessivos na saída da tão desejada reforma do I. E. S., prejudica a concretização de uma carreira profissional dos diplomados. Estes ressentem-se de não lhes serem dadas iguais possibilidades às que são facultadas a pessoas com outros diplomas, por a formação daqueles não ser considerada como a mais adequada ao exercício de determinadas funções, à luz dos conceitos tradicionais.

CONSELHO DA O. C. D. E. NÃO SEGUIDO

JOÃO CRISÓSTOMO — Posso apresentar, a título de exemplo, as afirmações constantes do relatório de Henri E. Verreydt, perito da O. C. D. E. ao tempo em missão em Portugal.

«A evolução do serviço de Orientação Profissional tem necessidade por diversas vezes de recrutar pessoal.

«De todas as vezes se pôs aos responsáveis do serviço o problema da

formação de novos agentes. Esta deve ser vista em função dos conhecimentos adquiridos antes e na entrada ao serviço por um lado, e por outro os conhecimentos e qualificações adquiridas para a execução da função. «O Decreto n.º 46 871 fixa as condições de acesso à função de conselheiro profissional: deve possuir um diploma de ensino superior em relação com a especialidade visada ou o diploma do Instituto de Estudos Sociais (Curso de Política Social).

«A segunda possibilidade legal de acesso à função de conselheiro em orientação é o diploma do Instituto de Estudos Sociais, criado e funcionando no seio do MCPS. Metade dos conselheiros em orientação possuem este diploma.

«Quatro anos de actividade do serviço de orientação profissional permitem avançar a opinião que a formação — Curso de Política Social — do Instituto de Estudos Sociais constitui a preparação mais apropriada à função.

«Os agentes portadores deste diploma, deram promissoras provas da melhor disposição para a função e de um estado de espírito mais aberto. Isto não quer dizer que os agentes com outros diplomas não sejam bons agentes; em geral o es-

Cont. na pág. 10



A publicidade deve constituir uma receita complementar

TV — Reconhecimento do direito de resposta

Cont. da pág. 1

rácter de serviço público, evitando, portanto, qualquer confusão entre propaganda e informação, a Comissão Paye propõe uma estrutura própria, assim reforçada:

- A atribuição ao conselho de administração de uma responsabilidade especial neste domínio;
- A manutenção da pluralidade das unidades de informação;
- Uma definição clara das suas relações com os poderes públicos;
- A independência, responsabilidade e competência profissional dos jornalistas;
- O reconhecimento do direito de resposta, aceite de forma a assegurar, sob o controle de um or-

ganismo imparcial, a protecção efectiva dos cidadãos directamente postos em causa, embora sem correr o risco de enfiar os ouvintes e telespectadores.

No que respeita às relações entre o Estado e a Radiotelevisão, a Comissão pronunciou-se pela «definição clara das tarefas e das obrigações desta, bem como dos meios que o Estado lhe deve garantir para as exercer. Uma carta plurianual deveria precisar estes deveres recíprocos». Neste campo deve ainda que a tutela sobre a Radiotelevisão seja repartida entre o Governo e um Alto Conselho da Radiotelevisão. Ainda segundo a Comissão Paye deste conselho «poderia desempenhar igualmente

uma missão de magistratura moral e de conselheiro do Governo para o conjunto do audiovisual».

No que respeita às receitas da O. R. T. F. (Organização de Radiotelevisão Francesa), o grupo de trabalho dirigido por Lucien Paye defende que a principal fonte sejam as licenças pagas pelos proprietários dos aparelhos, «o que implica um aumento da sua taxa». Acerca da publicidade a Comissão considera dever-se «conservar a publicidade o carácter de uma receita complementar, o que supõe que o seu crescimento permaneça limitado, a fim de não submeter a Radiotelevisão a sujeições comerciais e de não causar prejuízos sensíveis aos outros suportes publicitários».



motel alagoas

LAGOA
ESTRADA NACIONAL, 125
ALGARVE

AVISO

O MOTEL ALAGOAS comunica aos seus clientes a mudança do seu telefone para: **015 2243** e **015 2268**

Reservar-se mesas na "Boite", Restaurante e na Piscina



JARDIM INFANTIL

- MODERNA PEDAGOGIA
- TRANSPORTE PRIVATIVO

CAMPO GRANDE, 170-1.º, D.º

INSCRIÇÕES EM SETEMBRO

NOS DIAS ÚTEIS DAS 10 H. AS 13 H.

ALVORADA

Meio século de evolu

Para os jovens de hoje, parece não ter grande interesse o último meio século de evolução social. Para aqueles que nasceram e se formaram socialmente nos países industrialmente desenvolvidos, no meio de uma vida de ritmo intenso, rodeados por invenções e apaixonados por progressos técnicos, alucinantes, a própria noção de evolução perde o seu sentido humano e a sucessão ininterrupta de realizações sensacionais destrói a percepção do

tronizados, fazem por vezes avanços surpreendentes fontes de regozijo para os corações solidários, felizes por verem o progresso de uns aproveitar aos outros, permitindo-lhes eliminar algumas etapas sem serem obrigados a retomar todas as longas tentativas da experiência e da civilização.

Este estado de espírito dos jovens e dos homens jovens dos povos velhos não pode censurar-se, pois está voltado para o futuro. Contudo, devem prestar justiça aos esforços dos antecessores não só para responder a um imperativo moral do dever social, mas porque um tal dever não é destituído de valor dinâmico e estimulante para eles próprios. Segundo o pensamento expresso há século e meio pelo sociólogo e precursor social E. Enfantin, o presente é o resultado condensado do passado e for também o berço do futuro. A vida social é uma cadeia que une e atravessa os séculos, os anos e os dias, deixando a cada etapa o seu lote de experiências que seria prodígio recomendar, mas também lições e aquisições que convém explorar na procura incessante do progresso da humanidade: este é como um templo jamais acabado, construído pelo homem para a glória do homem.

Jo partiu foi lento e penoso. Este «Homo Socius» é o ser humano de carne e osso, mas também, e sobretudo, de sensibilidade e de reacções psicológicas de naturezas múltiplas.

Não é por acaso, de modo algum, que este homem social se desenvolveu em concorrência com a regressão do número dos ociosos que viviam da exploração do trabalho de outrem. Cada vez mais, todos os seres humanos se tornaram trabalhadores ocupados na produção e na distribuição das riquezas — ou seja na satisfação das necessidades. A ressonância psicológica desta expressão, que evoca o bem-estar das massas, supera a de produção, a tal ponto que existe o «Homo Economicus» e o «Homo Socius», se aproximam. Esta tese objecto de controvérsia ligada ao conflito das três teorias: prioridade ao progresso económico, ao progresso social, ou, finalmente, à concomitância dos dois progressos. A Comissão do Mercado Comum optou, doutrinariamente, pela prioridade do progresso social. Porque a finalidade social do homem não é tanto tornar-se um pido eco-

nómico num vasto conjunto como chegar ao desenvolvimento pleno da sua personalidade, aproveitando-se ao mesmo tempo dos bens tornados disponíveis pelo esforço de todos e respeitando a regra de ouro da justiça social.

Uma história ao mesmo tempo recente e longa

Porém, que caminho foi necessário percorrer antes de chegar ao ponto actual de evolução? Necker, Robert Peel, Robert Owen, Jean Dollfus, Daniel Le Grand, tantos nomes gloriosos de pioneiros que lutaram contra a indiferença e mesmo a hostilidade da sua época quando preconizaram reformas sociais que, recuando nos tempos, nos parecem hoje excessivamente modestas.

Apática, logo a seguir à revolução industrial, a massa dos trabalhadores — reduzida do silêncio — não tardou que aspirasse à sua libertação, depois começou a impacientar-se numa espera que seria longa. Tudo isto provocou muitos espasmos que vinham reforçar a convicção de homens de

ciência que, apaixonados pela justiça, sentiam a necessidade de transformações sociais profundas.

Já no século passado, nos velhos países industriais, sob o efeito deste duplo impulso, se correu a combater pela eliminação de abusos julgados intoleráveis pela opinião pública e de que eram vítimas os trabalhadores. Tais abusos incidiam, sobretudo, sobre as remunerações, seus modos de cálculo e pagamento, e também sobre determinadas condições de trabalho demandadas de desumanas, tanto no plano da higiene e da segurança como no da duração do trabalho, particularmente penoso para os trabalhadores fisicamente mais fracos: as mulheres e as crianças. Em breve, porém, alguns raros países iam ultrapassar este estágio, penetrando mais ou menos resolutamente, através da introdução de seguros sociais, no campo novo das condições de vida fora das empresas industriais ou comerciais.

Depois, no princípio deste século, um punhado de homens lucidos ousaram semear alguns grãos no plano internacional e, lutando contra

ventos e marés, conseguiram os confrontos de Berna. Foi nesta cidade, com efeito, que em 1906 se adoptaram, numa conferência diplomática, duas convenções internacionais do trabalho, visando uma a redução do emprego do fósforo branco, a outra a eliminação do trabalho nocturno para as mulheres, em empresas de certa importância. Prepararam assim o fermento poderoso que, a partir de 1919, a Organização Internacional do Trabalho iria desenvolver. Não vamos traçar aqui nem a história nem a acção concreta, mas sublinhar somente uma das grandes características deste meio século: o reconhecimento do progresso social como um dos objectivos maiores dos povos, e a internacionalização desse progresso social ligando-o indissoluvelmente à própria paz.

Vocação universal para a justiça social

Estes dois princípios continuam e contém em si uma força irresistível que se abre em duas direcções, as quais deviam unir-se como o demons-



LÉON-ELI TROCLET

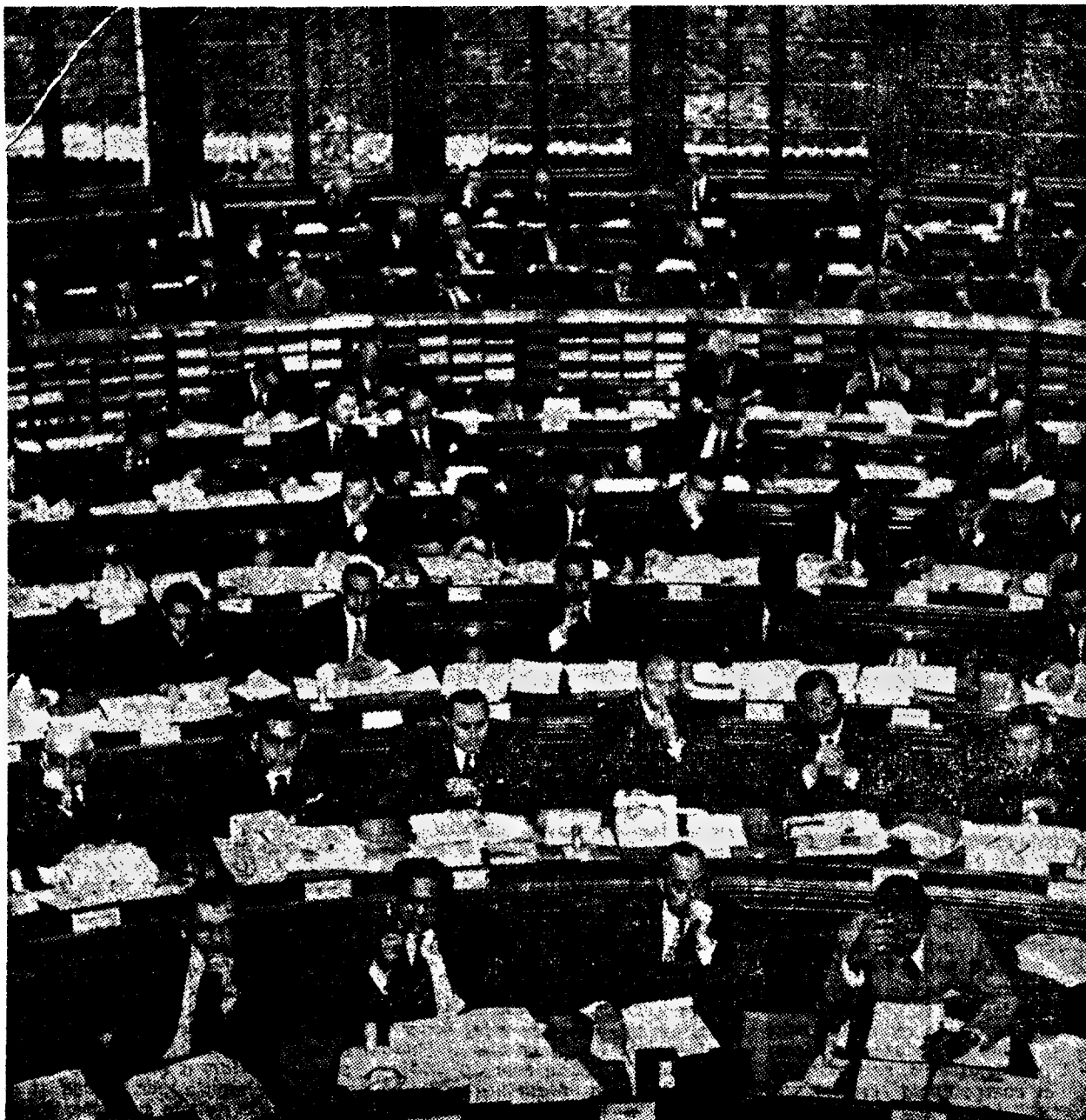
Troclet, autor do artigo que aqui publicamos na íntegra, constante do n.º 37 da revista «BIT — Panorama», consagrado ao cinquentenário da Organização Internacional do Trabalho, é antigo ministro belga do Trabalho e da Previdência Social. Actualmente ensina Direito Social Internacional na Universidade de Bruxelas. Além de presidente do conselho de administração do «Bureau» Internacional do Trabalho, em 1950/51, tomou parte, na qualidade de delegado do Governo belga, em diversas sessões da Conferência Internacional do Trabalho.

tempo. Como tudo parece ao homem de hoje possível e fácil graças à técnica, ele transpõe inconscientemente esta impressão de a vontade no plano da vida social e acontecer-lhe-á, por vezes, fugir ao esforço que exigem o estudo e a acção.

Este deslize psicológico parece universal, mas situa-se evidentemente em níveis diferentes segundo o grau de desenvolvimento económico e cultural dos povos. Aqueles que são vítimas de um atraso considerável, como tantos da Ásia, da África ou de certas regiões da América Latina, parecem, sobretudo os jovens, ávidos de instrução e de formação. Felizmente, não têm de recomençar do zero a evolução linear dos outros, mas o salto sem lenta evolução que por vezes lhes é imposto exige, frequentemente, um esforço maior do que em outras nações. Na sua admiração e aceitação do progresso, na vida dos povos mecanizados e elec-

Do «Homo Economicus» ao «Homo Socius»

Nesta perspectiva evolutiva e progressista, se o primeiro século da «revolução industrial» é prodigioso de interesse no plano técnico, por conseguinte económico, o meio século que acaba com o cinquentenário da Organização Internacional do Trabalho é-o, sem dúvida, ainda mais. Longe de diminuir a sua força, a ciência desenvolve-se de acordo com uma progressão geométrica, mas este meio século acrescentou ao seu activo, mais do que outro qualquer, preocupações humanas. É simbólico que depois de se ver o primeiro século da «revolução industrial» suscitar o nascimento do conceito do «Homo Economicus», se assista de há cinquenta anos para cá à sua longa agonia. A Parte XIII do Tratado de Versalhes pode ser considerada como uma dupla verificação, a da condenação definitiva do «Homo Economicus» no seu conceito absoluto que envelhecia rapidamente e o do nascimento de um «Homo Socius» nos escombros da primeira guerra mundial — «Homo Socius» latente, é certo, desde há mais de um século no pensamento de homens lucidos, mas cu-



Aspecto de uma reunião do Conselho de Administração do «Bureau» Internacional do Trabalho

ação social do mundo

tra uma análise da sua filosofia. Por outro lado, nos velhos países industriais, a legislação social protectora seria ajudada na aceleração do seu desenvolvimento, eliminando a objecção dos preços de custo não concorrenciais, princípio já exposto por Necker, em 1788. Esta legislação social ia progressivamente, lentamente, muito lentamente estender-se às regiões do mundo menos desenvolvidas, a maior parte das quais acordavam então do sistema colonial. Os trabalhadores dos países em questão iam começar a tomar consciência das suas condições de vida e a despertar, por seu turno, para o problema social; despertar que é uma das características mais importantes deste meio século.

Assim, apesar dos avatares políticos o progresso social iria tornar-se cada vez mais um dos grandes fermentos da união dos povos. A partir desse momento, os problemas sociais no sentido estreito e corrente do termo, e as soluções sociais foram lentamente diferenciadas entre os povos e as regiões do mundo. A despeito das numerosas variantes dos regimes políticos, e dos níveis económicos, a O. I. T. esforçou-se por encontrar e encontrou, efectivamente, fórmulas comuns que contribuíram em larga medida para um mínimo de unificação do mundo na justiça social.

É difícil, se não impossível, estabelecer uma cronologia rigorosa e universal da aparição dos problemas sociais, bem como das aspirações, das reivindicações e das soluções que puderam suscitar porque, se tudo repousa num substrato largamente idêntico, as diferentes regiões do mundo conheceram e conhecem situações que requerem contributos e formulações diversificadas, na aparência mais variadas do que na realidade o são. Não nos escravizando, portanto, à cronologia, poderemos pôr em relevo alguns problemas maiores num rápido fresco social.

A segurança, aspiração profunda dos homens

Porque se trata de um problema que toca a sensibilidade humana e ultrapassa as preocupações dos trabalhadores, é antes de tudo a luta pela segurança e pela higiene nas empresas que a breve trecho se espalhou por toda a parte, embora com resultados diversos. Manifestou-se com certo atraso nos países industrialmente menos desenvolvidos, mais tarde ainda e com dificuldade nos países em vias de desenvolvimento, de-

vido ao grande número de pequenas empresas.

A multiplicação dos perigos, resgate dos progressos técnicos, contribuiu largamente para a evolução dos espíritos e das leis em concorrência com os progressos da medicina e do sentimento puramente humanitário. Assim, em muitos locais, os empresários foram levados primeiro a admitir, depois a desejar, nesta ordem de preocupações, a colaboração dos trabalhadores. Tal atitude foi reconhecida, mais recentemente, nos meios esclarecidos como estando em conformidade com os interesses económicos da indústria.

Numa ordem de ideias vizinha, nomeadamente sob a influência anglo-saxónica a readaptação profissional e a reclassificação social dos deficientes físicos fizeram progressos consideráveis em todo o mundo. A ponto de a opinião pública ter sido conquistada para o problema, variando de país para país as modalidades e a importância do esforço. Pode notar-se aqui uma corrente importante tendente a afirmar a independência da pessoa humana e a confirmá-la na sua dignidade. Esta tendência evita o enfraquecimento moral progressivo que sofriam e ainda sofrem os beneficiários de atitudes caritativas, a quem foi criado e mantido o hábito de estender a mão em vez de suscitar a vontade de uma reinserção social pelo trabalho.

Mas deve notar-se também que, no quadro da protecção geral contra os riscos, a regulamentação preventiva e a indemnização registam progressos mais ou menos paralelos. Este fenómeno — dos mais característicos destes últimos cinquenta anos — inscreve-se numa procura constante e diversificada da segurança que resume uma das aspirações mais antigas e mais generalizadas da humanidade, a qual tomou no decurso dos últimos séculos uma importância primordial no quadro da actividade económica.

Segurança técnica, segurança de salário, segurança de existência, segurança de emprego, tal parece ser a frequente sucessão das necessidades sentidas uma após outra, de maneira cada vez mais aguda desde há cinquenta anos.

A segurança de rendimento incide em primeiro lugar, sobre o salário, de que se tratava de assegurar não só a livre disposição, mas também o aumento, tanto para preservar o trabalhador das consequências das flutuações monetárias como para ter em conta o crescimento das necessidades. Foram sem dúvida estas questões que mais alertaram a opi-



«Pescadores» — escultura jugoslava colocada diante da sede do B. I. T.

não, a ponto dos leigos poderem crer que o problema social se limitava a isto. Não há tantos que ainda agora o creem? A primeira abertura no muro, comporta a protecção contra os despedimentos, as indemnizações de préaviso e o pagamento não só das férias, como também dos dias feriados. Lembremos que estes eram antigamente motivo de perda de salário, prática contra a qual se insurgiam os companheiros das corporações. Lentamente, universaliza-se a noção de salário ou ordenado garantido. Depois, numa segunda fase, esta procura de segurança engloba também a indemnização por encerramento da empresa.

A caminho da generalização da segurança social

Visando as condições de vida fora da empresa mais do que as condições de trabalho, a aspiração à segurança de existência remonta à existência remonta à previdência espontânea, depois aos seguros sociais primitivos cujos primeiros delineamentos datam da antiguidade para renascem na Idade Média e na época moderna, seguindo e acelerando desde então um progresso de organização ao longo do século XIX e dos primeiros decénios do século XX. Já nessa época alguns países avançados conheciam os seguros generalizados mas muitas vezes modestos. Tratando dos últimos cinquenta anos, podem separar-se em duas fases. No período entre as duas guerras, os seguros sociais de diversos tipos desenvol-

ram-se, através do mundo, enquanto a tendência para os tornar obrigatórios se afirmava e se manifestava sem quebras. A segunda fase cujo processo ainda não acabou, começou em Janeiro de 1941, quando o presidente Roosevelt lan-

çou o seu imperativo da «libertação da necessidade pela segurança social» retomado pela Carta do Atlântico, depois pela Declaração de Filadélfia e, finalmente pelas Nações Unidas, na Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 10 de Dezem-

bro de 1948, o Pacto de 16 de Dezembro de 1966 e muitos outros instrumentos internacionais de carácter geral, que seria demasiado longo enumerar aqui e que traduzem as aspirações de todos os povos.

Os seguros sociais que, por uma solidariedade geral organizada, visavam ocorrer às necessidades do homem, momentaneamente incapacitado pela doença, pelo desemprego ou impossibilidade de trabalhar, não deviam, contudo, passar de um adjuvante em caso de inactividade, porque o pleno emprego impunha-se como o objectivo primeiro e fundamental. Pode dizer-se que, globalmente, esta concepção é aceite na hora que passa, quer se trate de países com economia de Estado ou de mercado livre, ou ainda de países em vias de desenvolvimento: em todo o lado a preocupação maior é criar e manter postos de emprego porque, mais do que indemnizações por encerramento de empresa, a exigência primordial dos trabalhadores é a segurança do emprego. A opinião pública, com efeito, não aceita já o desemprego como um resultado inelutável do livre jogo da economia a qual tinham de acomodar-se,

Cont. na pág. 8

CONGRESSO DOS ARQUITECTOS PAISAGISTAS

Conclusões do Grupo de Língua Portuguesa

Num auditório da Fundação Gulbenkian decorreu, a partir de 6 de Setembro, o XII Congresso Internacional de Arquitectura Paisagística. Após diversos estudos e discussões generalizadas, os participantes dividiram-se em grupos de estudos de línguas afins. Um dos grupos, em que participaram arquitectos paisagistas portugueses, brasileiros, espanhóis e argentinos, tomou a designação de Grupo de Trabalho de Língua Portuguesa, abordando problemas característicos dos países de língua latina. As conclusões deste grupo são agora divulgadas:

- Para não comprometer os objectivos do planeamento, os seus dados permanentes deverão servir para as deliberações das autoridades governamentais.
- Que os modelos de desenvolvimento se ajustem às características de cada etnia que os assumam, e se integrem nas características naturais e culturais permanentes das paisagens afectadas.
- Que se promovam reuniões de profissionais e estudantes de arquitectura paisagista dos países das regiões tropicais com afinidades culturais, sem prejuízo da necessária intensificação de contacto com profissionais de Arquitectura Paisagista de outros países, com nível de ensino universitário.
- Que se promova o ensino da Arquitectura Paisagista a nível universitário tendo por objectivo a licenciatura independente.
- Que se realizem seminários pluriprofissionais a nível universitário.
- Que se promova a divulgação do conhecimento da Arquitectura Paisagista.
- Que se promova na Universidade o ensino da Arquitectura Paisagista como matéria interdisciplinar.
- Que em planeamento, se conjuguem desde o início os factores biológicos e socio-económicos com a participação do Arquitecto Paisagista, na equipa interdisciplinar.
- A consciencialização da opinião pública, para uma participação válida na conservação e construção da paisagem, deverá processar-se ao nível de todos os meios de informação e a todos os níveis de ensino.
- O trabalho do Arquitecto Paisagista deve ser fundamentalmente e indistintamente dirigido ao Homem, independentemente das classes sociais e classes económicas, visto que a paisagem é herança e construção a legar à comunidade.
- Especialmente nos trópicos, o estado sanitário das populações, da maior importância para a sua valorização material e cultural, pode ser gravemente afectado por intervenções deliberadas ou accidentais na paisagem, nomeadamente pela construção de barragens, utilização maciça de blocos, desarboreizações, etc.; recomenda-se, como indispensável, que tais repercussões não sejam negligenciadas no planeamento da paisagem, para o que se torna necessário incluir sistematicamente nas equipas de trabalho de encarga das especialistas na matéria.

A evolução social do mundo nos últimos cinquenta anos

Cont. da pág. 7

cinquenta anos atrás, os trabalhadores.

Com o efeito desta evolução profunda, mudam certos conceitos que terão uma influência prática e concreta. A noção que se pensava bem estabelecida de riscos profissionais modifica-se para risco social. O ou os direitos «do» trabalhador encontram-se proclamados num número crescente de Constituições e ampliam-se englobando o direito ao trabalho. Mesmo que nem em toda a parte encontremos ainda os meios de converter este último princípio em direito subjectivo, encontra-se já, sob a forma de declaração de intenção, em textos de direito público, uma afirmação política solene que marca uma viragem capital na concepção da vida nacional e dos deveres da comunidade. Quando, tanto pela técnica como pelas necessidades, a evolução económica provoca a ameaça de um encerramento de empresa, os trabalhadores traduzem cada vez mais esse direito ao trabalho pelas exigências de reclassificação à qual, por exemplo, os tratados criadores das Comunidades europeias acederam parcialmente.

Esta tendência do direito social inscreve-se numa vasta corrente ideológica alimentada por diversas fontes convergentes do pensamento contemporâneo. A empresa torna-se cada vez mais anónima, e os trabalhadores encontram, à sua frente, mais geren-

tes que proprietários. Por outro lado o exercício da democracia desce da esfera, progressivamente a aspiração a uma participação cada vez mais activa dos trabalhadores na gestão das empresas e estado, dos joint committees as assembleias jornalistas de competência dos conselhos de empresa, à procura de uma solução que lhes permita fiscalizar o emprego e deixar de ser «subordinados».

Perante eles, modernizando e substituindo antigas concepções, certos empresários abandonam já o velho conceito do patrão-proprietário, opondo-lhe o de gestor de um interesse colectivo. Em consequência acentua-se, pouco a pouco, o que subsiste de paternalismo e a participação dos trabalhadores na direcção justifica-se mais, a par do aumento da importância do papel do Estado, representando o interesse geral.

Mesas-redondas, organismos de conciliação, de programação ou de planificação segundo as circunstâncias e os países, consagram esta grande viragem económico-social, tudo em consequência de um acontecimento essencial que caracteriza estes cinco decénios: o reconhecimento internacional e quase universal do «facto sindical», tanto pelos empresários como pelos governos e instâncias internacionais, tal como resulta do próprio estatuto da O. I. T., baseado no tripartismo. A liberdade sindical está

ainda longe, sem dúvida, de ser perfeitamente respeitada e continua a dar lugar a atritos diversos. Mas já ninguém ousa contestar o princípio. Neste aspecto, a acção da O. I. T. em matéria de liberdade sindical é de uma importância primordial.

O próprio facto de em muitos países em vias de desenvolvimento uma parte do pessoal político, no momento do acesso à independência, ser recrutado no mundo sindicalista, corrobora este movimento geral que temae cada vez mais a fazer coincidir a política, o económico e o social. Ao longo do meio século decorrido, esta profunda evolução levantou ao sindicalismo dos trabalhadores e até onde ele existe, aos empresários, o grave e difícil problema do seu grau de integração nas estruturas do Estado — integração que, levada ao extremo, pode transformar sindicatos em órgãos de poder público — tanto sob os regimes de tipo «corporativo» como sob os de «democracia popular» ou de «democracia clássica». Se é verdade que uma solução idêntica está longe de ser adoptada por todos, um estudo profundo permitiria, provavelmente, libertar ao mesmo tempo fórmulas parcialmente compatíveis e divergentes atinadas a vencer para que o sindicalismo continue e se torne cada vez mais um dos principais motores das diversas formas do progresso económico e social.

Através da diversificação dos métodos escolhidos ou aplicados, segundo os países, o sindicalismo procura ainda, e procurará permanentemente, resolver a oposição entre uma integração construtiva e a salvaguarda de uma liberdade dinâmica, o que, aliás, não passa de reflexo daquilo que opõe a «contestação» a uma sociedade passiva «de consumo».

Alteração dos dados sociais

Durante este meio século, a «questão operária» de outrora alargou-se aos trabalhadores em geral. Não é abandonar o domínio da síntese verificar como o trabalho humano e as suas condições de exercício são influenciadas por outras evoluções fundamentais: automação, electrónica, cibernética. As suas repercussões no plano socioeconómico traduzem-se pela passagem dos trabalhadores do sector primário ao secundário e ao terciário, e, depois — já se fala nisso — ao quaternário. Mas também se fala da passagem do trabalho manual ao trabalho intelectual, a ponto de o direito social tender a reduzir ou a suprimir a distinção secular entre operário e empregado e, finalmente, a passagem do estatuto do trabalhador independente para o do assalariado, passagem esta favorecida tanto no artesanato e na agricultura como no próprio comércio, dois sectores tradicionais e também alterados por incontestáveis progressos técnicos.

Em todos os sectores, estes progressos tornaram cada vez mais aguda a necessidade de uma amplificação considerável da formação profissional (incluindo a orientação, ou seja, uma prudente selecção). Argumentando, sem cessar, o tempo que lhe é consagrado, permitindo, em contrapartida, uma redução progressiva das horas de trabalho. Isto a ponto de suscitar a noção nova, pelo menos na sua formulação e filosofia, da «educação permanente», exigência do progresso contínuo e acelerado que se manifestou infinitamente mais ao longo destes cinco decénios, que durante o primeiro século da revolução industrial.

Os países em vias de desenvolvimento que já entraram no caminho da formação profissional não escaparão, à medida da sua industrialização, à imperiosa lei da concorrência. A moral universal que visa a igualdade dos povos e a felicidade da Humanidade não ficaria satisfeita com o alargamento do fosso que aumenta e separa dos outros os países industrializados. É bem para tentar reduzir o mais possível as distorções e, em muitos casos, contribuir para a salvaguarda de populações em perigo, que, nestes últimos vinte anos, sobretudo, a cooperação técnica que a O. I. T. praticava modestamente na fase inicial tomou, por mais clara vi-

são da solidariedade humana, uma importância crescente com vista a elevar os trabalhadores dos países em vias de desenvolvimento a um nível de vida decentemente humano e que deixe de ferir a consciência universal.

Deve-se, também, classificar nos problemas gerais o do acesso cada vez mais largo da mulher ao trabalho assalariado. Este facto social é, simultaneamente, causa e consequência da emancipação feminina, realizada em graus muito diversos, segundo os continentes. Mas verifica-se em todos os países, seja qual for o seu nível de desenvolvimento, dado que fábricas e empresas estão abertas às mulheres, tanto na África como na Ásia.

E, contudo, a desreio dos infra-sociais subsiste o problema sociológico dos «infrasociais» subsiste com o seu cortejo de misérias e, em muitas zonas, até se agravou, como se fosse necessário um resgate para a elevação geral do nível de vida da grande maioria dos homens. Será preciso, sem dúvida, que desde o princípio deste meio século a acção seja amplificada a favor desses deserdados e das populações dos países em vias de desenvolvimento.

Problemas sem fim...

Este vasto fresco da evolução social dos últimos cinquenta anos não deve ocultar, porém, como a floresta faz com as suas árvores, mil outros factos, grandes e pequenos, e fenómenos evolutivos profundos que ainda não terminaram o seu curso, tais como o enfraquecimento da distinção entre operários e empregados, já citada, mas igualmente entre trabalhadores femininos e trabalhadores masculinos, campo em que ainda há tantos progressos por realizar.

A discriminação entre trabalhadores de origens étnicas diferentes, se diminui em certos cantos do mundo, endurece noutros e mantém uma situação preocupante e complexa, porque, mesmo nos países geralmente abertos, ela continua ligada, por exemplo, ao grau do emprego e à natureza do trabalho.

Os problemas delicados e complexos da protecção dos trabalhadores emigrantes foram importantes, e pouco a pouco as soluções preconizadas conseguem impor-se para assegurar um mínimo de protecção àqueles que circunstâncias muito diversas constrangeram a ir ganhar a sua vida no estrangeiro.

Deve-se, também, notar que o «colóquio singular» entre o empresário e o trabalhador se vê cada vez mais substituído pelas negociações colectivas, segundo uma necessidade social tal que este sistema penetrou em todos os continentes, a despeito de numerosos obstáculos.

Dever-se-ia insistir, igualmente, na pressão que o direito social exer-

ce cada dia, e de maneira crescente, sobre o direito civil, seja este promulgado ou consuetudinário. Assim, nunca deixámos de ver, no decurso dos últimos cinquenta anos, duas aspirações fundamentais do homem dirigidas uma para a igualdade, outra para a justiça, ora chocando, ora aproximando-se na procura de soluções para os problemas sociais concretos.

No quadro, aparentemente secundário, das técnicas do direito internacional público, a O. I. T. concretizou fórmulas jurídicas de entendimento que, por se revelarem tão eficazes, vieram a ser utilizadas noutras circunstâncias.

No meio desta vasta brachagem dos factos sociais, dos ideais diversos, das ideologias divergentes, a obra da Organização Internacional do Trabalho é o prodigioso testemunho de uma instituição cujo esforço tende para a ascensão e libertação progressiva dos trabalhadores, para uma universalização dos direitos sociais, sendo a sua acção sempre guiada pela regra de ouro que lhe foi dada há pouco: não existe paz verdadeira sem justiça social.

Para uma justiça social universal

Se quisermos ter uma imagem de conjunto da evolução da sorte das massas trabalhadoras durante o meio século que termina, bastará fazer uma revisão aos 260 instrumentos jurídicos, convenções e recomendações adoptadas pela Conferência Internacional do Trabalho, para conhecer a contrariedade, em cada domínio, as situações anteriores e os progressos que deviam ser, e foram, feitos depois, sob reserva de alguns comentários, analisar o quadro das ratificações e os relatórios a que os instrumentos ratificados deram lugar.

A pesar desta visão retrospectiva e do entusiasmo que através dela se pode sentir, devemos defender-nos de um optimismo beatífico, porque o progresso é uma criação contínua marcada pelo duplo símbolo filosófico da imperfeição e do infinito. No caminho árduo da libertação da Humanidade, este progresso venceu em cinquenta anos etapas capitais, arrastando os novos marcos do trabalho, num movimento comum, num esforço universal para maior igualdade, maior justiça, maior felicidade. Mas, como, segundo o verso de Emile Verhaeren, o caminho é a subir e não a descer, ainda há lugar para aqueles que querem nossegurar a luta pela libertação do homem. As boas vontades não nemem a coragem perante os obstáculos; assim, é-nos permitido esmerar-nos, quando for comemorado o centenário da O. I. T., as novas gerações poderão reconhecer-se por terem, como os precedentes, conseguido granjear mais pontos na luta pela justiça social. É o voto dos pais para os seus filhos.



CAUNY

O relógio suíço

PREFERIDO PELO
DESPORTISTA

DATA-CALENDARIO



AGENTE OFICIAL

OLIVEIRA

Electrodomésticos
Av. Almirante Reis, 91-A

Novo sopro no movimento cooperativo

Cont. da pág. 3

Quanto a atrair grande número de pescadores, é trabalho a desenvolver dentro dum esquema de expansão da cooperativa. Mas a HÚMUS só poderá resolver ou contribuir para a resolução de uma pequena parte dos seus problemas e não os mais prementes ocasionados sobretudo pela crise da pesca.

O contributo que a Húmus poderá dar no sentido da resolução do problema da pesca parece-me muito reduzido. A Húmus é uma cooperativa de consumo e não de produção, assim, poderá vir a funcionar, quando muito, como exemplo prático do que a conjugação do esforço de todos numa obra comum pode realizar — mas é tão prematuro falar disso...

Ao perguntarem-me se o cooperativismo poderá vir a resolver a chamada «crise da pesca» respondo pela afirmativa. Mas, neste momento, é preciso que nos entendamos sobre o significado da palavra cooperativismo. Eu uso-a no sentido de associação de pessoas — portanto refiro-me a cooperativas de pescadores. Faço esta ressalva, na medida em que tenho ouvido falar em cooperativas de armadores, (com este ou outro nome), e que são de facto associações de capitais que poderão vir a resolver os problemas que a concentra Portugal, so o impulso de António Sérgio, as co-ção resolve, mas que fatalmente deixarão intactos todos os outros. Neste caso o uso do vocábulo cooperativismo parece-me um abuso de linguagem, pois que de cooperativa só haverá a forma jurídica, será por outras palavras uma cooperativa sem cooperativismo.

Onde a mulher é considerada em plena igualdade de direitos associativos

MODERADOR — Verifiquei ainda que 21,6 % da vossa massa associativa é composta por indivíduos do sexo feminino. Embora se trate de uma fraca representatividade, este número é, de certo modo, estimulante, se tivermos em consideração o tradicional alheamento da mulher em relação a estas iniciativas. Resta saber, no entanto, se esta camada feminina utilizará os vossos serviços e frequentará a sede. Pensam desenvolver alguma acção tendente a chamar as mulheres à vida associativa?

LUIS LEONARDO DOS SANTOS — Essa percentagem talvez seja, à primeira vista, animadora, mas não podemos esquecer que muitas dessas mulheres não entraram espontaneamente mas «à sombra» do marido. Estou a recordar-me do exemplo de uma cooperativa inglesa que iniciou as suas actividades com 28 sócios e entre eles uma mulher. Compete-nos demonstrar-lhes com o nosso trabalho que a cooperativa existe para as servir.

Para já considerou-se, para todos os efeitos a mulher em plena igualdade de direitos associativos com o homem. Assim, ela só poderá usufruir dos seus direitos, dentro da Cooperativa, desde que ela própria seja sócia. Evidentemente que, para não sobrecarregar excessivamente o organismo familiar, achou-se por bem reduzir as obrigações pecuniárias do segundo membro do casal a inscrever-se como sócio.

JOSÉ MARIA — Em Peniche como terra fechada e vivendo em circunstâncias determinadas reflete-se, marcadamente, a situação da mulher portuguesa.

Aqui ela vive em sistemas ancestrais de educação e não é fácil levá-la a romper com eles. Não é apenas o marido ou o pai que reagem às tentativas de emancipação, é ela própria que reage. Homem e mulher não se vêem no mesmo contexto, não só porque, de um modo geral, é ele que contribui, sob o aspecto de produção, mas ainda porque o próprio Código Civil «legaliza» a subalternidade da mulher. Mas precisamente porque a não consideramos um ser à parte, não iremos promover actividades directamente dirigidas a ela. Pensamos atingir um sector que, por acaso, está especificamente ligado à mulher, mas pela única razão de se tratar de um sector em vias de desaparecimento. Refiro-me às rendas de Peniche.

CARLOS VITAL — Neste aspecto, a cooperativa terá que funcionar, parece-me, como centro de distribuição. As rendilheiras entregarão as suas obras e poderão receber desde logo um adiantamento. A cooperativa colocará as rendas no mercado e, após a venda, «acertará as contas» com a rendilheira, reservando para si uma pequena percentagem que se destinará exclusivamente a pagar as despesas e a criar fundos de investimento neste sector. Mas este problema vai exigir da nossa parte um estudo aprofundado, conjuntamente com as interessadas, pois temos consciência de que vai ser difícil quebrar as estruturas feudais de produção e comercialização actualmente existentes.

Em tempos (talvez 6-7 anos) procurei fazer um estudo do problema — encontrei rendilheiras que auferiam um salário médio de 1800 por hora ou menos e rendas que eram oferecidas ao consumidor por um preço que representava um acréscimo de 500 ou 600 % sobre o custo. As coi-

sas evoluíram, é certo, mas é significativo que hoje sejam as aldeias vizinhas que produzem mais rendas do que a própria vila onde elas nasciam.

MODERADOR — Notei ainda que dos 28 sócios do sexo feminino, 25 % são domésticas, 21,6 % estudantes, 21,4 % empregadas de escritório, apresentando as professoras primárias e as empregadas ligadas aos serviços, menores percentagens. Não aparece no vosso ficheiro, uma única mulher operária, apesar de existirem em Peniche 8 a 9 fábricas de conservas e congelação de peixe. Não vão estabelecer nenhum plano de propaganda ou actividades promovidas até no próprio local de trabalho?

JOSÉ DELGADO — Enquanto colaboradores do CICARP iniciámos nos locais de trabalho, com facilidades de colaboração por parte das empresas, a exibição de filmes e, quando do ciclo dedicado à mulher foram colocados cartazes nas fábricas, chamando-lhes a atenção para esta iniciativa. Agora quanto à cooperativa ainda não estudámos o problema.

JOSÉ MARIA — Não estou de acordo com esta forma de acção. As mulheres têm direitos muito mais vastos do que assistir à exibição de filmes e são a esses direitos que nós queremos atender, mas de modo, a não sair do nosso âmbito de cooperativa de consumo. Enquanto precisamente operárias de fábrica, é difícil atingir essas mulheres. Podemos no entanto, captá-las enquanto mães, pois os filhos beneficiam dos preços do nosso material didáctico e serão atraídos, através de iniciativas, especialmente dirigidas a eles. Também enquanto domésticas têm vantagens em adquirir os nossos produtos de consumo.

O fim da cooperação é formar homens

MODERADOR — Que pensam da difusão do cooperativismo em Portugal? Consideram que, uma vez generalizado, este sistema poderá ser um meio de defesa económica dos consumidores? E para uma generalização realista do cooperativismo não será necessário proceder a uma sondagem, a nível nacional, das necessidades relativas a cada concelho, a um estudo dos organismos que nesse concelho as suprissem e ao estabelecimento de um programa de acção, por ordem de preferência das zonas mais necessitadas?

JOSÉ MARIA — Entre nós, ainda hoje, subsistem inúmeras cooperativas, que datam do século passado, mas que não se desenvolveram devido, por um lado, às estruturas económicas do País, pouco industrializado, e, por outro, a condicionamentos que se opõem à própria concepção de cooperativismo, que no dizer de Faustino Cordeiro, secretário-geral da UNICOOPE «deve ser entendido como um certo número de princípios que pretendem substituir a exploração de muitos por alguns, a competição lucrativa por uma colaboração entre todos os homens visando o seu bem-estar económico e social».

Considero extremamente importante a difu-

são do cooperativismo em Portugal, até pela variedade de formas que pode revestir; creio que as cooperativas agrícolas, de consumo, de produção, de habitação, de crédito, de pescadores, operárias, culturais, etc. podem desempenhar um papel frutuoso na defesa económica do consumidor. Uma cooperativa do tipo da Húmus não é difícil de criar. A medida que formos progredindo é possível que encaremos a hipótese de abrir sucursais pelo concelho. No entanto, a ampliação, a curto prazo, de serviços cooperativos à população portuguesa, só pode ser conduzida pela UNICOOPE, única organização que pode dispor de vastos meios de propaganda, tentando lançar o ideal cooperativista a grande escala, procedendo a toda uma acção de esclarecimento, distribuindo o boletim cooperativista a todas as camadas da população, etc.

CARLOS VITAL — O cooperativismo em Portugal conheceu talvez os seus momentos mais altos no final do século passado e, depois, por volta de 1924, ano em que as cooperativas filiadas na Federação Nacional das Cooperativas (é importante salientar que este órgão já existiu) foram reconhecidas de utilidade pública. Com o desaparecimento da Federação o movimento cooperativista português entrou em declínio para voltar a renascer nos anos 50, mercê da acção desenvolvida por António Sérgio e, posteriormente, com a criação da UNICOOPE.

Chegaram a existir por volta de 1929 cerca de 400 cooperativas e hoje o número de cooperativas de consumo cifra-se à volta das 140, das quais talvez metade são cooperativas de empresa. Como referiu José Maria facilmente se compreende que num país de reduzida classe operária nunca poderia ser muito grande a expansão do cooperativismo, isso para além de todos os condicionamentos conhecidos que fatalmente impediram o seu desenvolvimento. Neste momento parece reaccender-se de novo o interesse pela «associação» e todas as iniciativas que, dentro ou fora do quadro cooperativo, favoreçam o diálogo entre todos, e nos ensinem a viver e a trabalhar em comum, parecem-me de extraordinário interesse.

Até hoje, que eu saiba, tudo se tem feito empiricamente, e é extremamente urgente que se saia desse empirismo e se comece de facto a fazer um estudo sério das necessidades de cada região, de forma a poderem-se criar os organismos, que de facto correspondam às necessidades mais sentidas das populações.

É evidente que a Húmus está ainda muito longe disso, no entanto parece-me que se vai caminhando um pouco nessa direcção — repare-se no interesse dos associados ontem manifestado na Assembleia Geral para eleição dos corpos gerentes. A presença de cerca de um terço dos sócios e as suas intervenções constantes parecem-me um bom começo. Ontem todos nós aprendemos alguma coisa e como disse o dr. Georges Fauquet o fim da cooperação é formar homens, homens responsáveis e solidários, para que cada um alcance plena vida pessoal e, todos juntos, plena vida social.

Três depoimentos

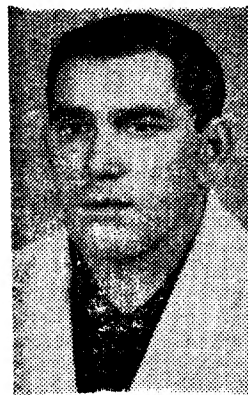
A HÚMUS só poderá desenvolver-se se contar com a adesão da população de Peniche. Procurámos sondar alguns sócios neste sentido. A questão: «Quais as vantagens da existência de uma cooperativa com estas características, numa terra como Peniche?», responderam-nos:

De grande utilidade

José Batim Amaro, motorista marítimo:

— Não há dúvida que a cooperativa vai ser de grande utilidade entre nós. Existe uma cooperativa da Casa dos Pescadores mas não abrange todos, pois no nosso País, os pescadores estão divididos em séries como os ciclistas que andam às voltinhas... Por exemplo, a classe dos ajudantes e motoristas marítimos estão afastados das suas vantagens sociais. E eu pergunto porquê? Não andamos também no mar? Ficamos automaticamente fora de combate em relação à Cooperativa da Casa dos Pescadores. Eu só tenho dois filhos, mas há muitos colegas meus

com grande aglomeração familiar, que não podem pagar rendas elevadas. Foi em 1963 ou 64, que fui afastado dos benefícios da Cooperativa da Casa dos Pescadores e jus-



tificaram-se com o facto de eu descontar para a Caixa de Previdência.

Eu já descontava desde 1940... Enquanto que na Casa dos Pescadores um indivíduo tem de entrar com 50 %, na Caixa de Previdência desconta apenas 25 %.

E se eu estiver doente, no defeso ou em qualquer altura, benefício de 60 % do rendimento diário que tive no ano anterior.

Na assistência da Casa dos Pescadores as coisas não se passam assim; se eu estiver doente e o barco não ganhar para mim, não recebo vintém. A cooperativa vai-me beneficiar, porque tenho dois filhos em idade escolar e existem muitos pais nas minhas condições. Parece-me que não se irão pôr problemas de concor-

(Cont. na pág 11)

Um «Estatuto Profissional» para os diplomados do I. E. S.

Cont. da pág. 5

forço de adaptação à função é longo e mais exigente.

«A experiência adquirida confirma que para conselheiro profissional a disposição face à tarefa é de uma importância primordial (...).

(...». Informa depois M. Henri E. Verreydt, no seu relatório que a direcção do I. E. S. estaria disposta a incorporar no programa de estudos do Instituto «como curso livre ou ordinário», algumas disciplinas mais especializadas (Psicologia Geral, Introdução à Estatística Psicológica e Introdução à Técnica dos Testes), estando mesmo disposta a prestar a sua colaboração para solucionar os problemas de formação específica que se apresentam ao serviço de OP do SNE».

IVETE TORRES PRETO — Apesar do conteúdo do extracto de relatório apresentado por João Crisóstomo, que pessoalmente desconhecia, no último recrutamento de Conselheiros de Orientação foram admitidos diplomados, por diversas escolas, excepto do Instituto de Estudos Sociais.

MESA REDONDA — É toda a problemática do ensino das Ciências Sociais que parece estar em causa. Como se vai situar o I.E.S. nesta problemática?

JOSÉ GROSSO DE OLIVEIRA — O tema proposto é extremamente complexo e por isso não pode ser suficientemente analisado num depoimento desta índole.

Em traços necessariamente muito gerais e sucintos talvez possamos

caracterizar a situação deste modo:

ÓPTICA ESTRITAMENTE UTILITARISTA

Apesar da abundância de estabelecimentos de ensino que tentam entre nós efectuar a abordagem das ciências ditas sociais, não existe actualmente instituído neste País a investigação e o ensino das aludidas ciências. Com efeito, para além das escolas superiores integradas na Universidade (Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, Faculdade de Economia do Porto e Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas) proliferam, paralelamente, estabelecimentos também de nível superior,

mas não universitários, oficiais (caso do Instituto de Estudos Sociais) e particulares (Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Escola Superior de Organização Científica do Trabalho, Instituto Superior de Estudos Sociais — Évora — e Institutos de Serviço Social) voltados para o ensino de determinadas matérias relacionadas com as ciências sociais. Todavia, se excluirmos o ensino da Economia, não o considerando aqui, porque ele aparece autonomizado em relação aos outros ramos daquelas ciências, podemos concluir, um tanto paradoxalmente, que neste momento não se ensinam ciências sociais nem se formam verdadeiros cientistas sociais. Todos os diplomados pelas Escolas anteriormente referidas são

«efectivamente» técnicos sociais: estão habilitados a aplicar métodos ou técnicas sociais, não se apolando todavia em conhecimentos científicos ou esquemas teóricos, em que as «hodologias» se devem alicerçar.

Os «técnicos sociais» assim formados, podem responder a determinadas solicitações do mercado de trabalho, mas a sua utilização sem um suporte na ciência, ainda que eficiente segundo uma óptica estritamente utilitarista, torna-se perigosa, visto que o seu campo de actuação é a Sociedade e o Homem.

EXPOSIÇÃO AO MEN.

Dai que se propugne a criação em Portugal de um verdadeiro ensino das Ciências Sociais, particularmente da Sociologia, que abrangeria o I.E.S., dada a sua vocação «ab initio» para essas matérias. Uma vez que, de acordo aliás com opiniões abalizadas recentemente expandidas a este respeito, será mais fácil criar novos estabelecimentos de ensino do que reformar os existentes, tendo presente a reconhecida resistência à mudança das instituições universitárias, pensa-se que a solução ideal seria a criação de um Departamento Universitário que se dedicaria à investigação e ao ensino das supracitadas ciências, consideradas não como compartimentos estanques, mas como ramos de ensino interdependentes e intercomunicantes.

A solução que se preconiza, integrada numa perspectiva ampla de reforma do ensino superior, não terá, possivelmente, viabilidade a curto prazo.

Relativamente à actual situação de impasse do I. E. S., e dado que parece não se encarar por ora (ou definitivamente?) a saída da reforma, deve ser devidamente controlada a situação profissional dos diplomados e destes e dos alunos com vista ao prosseguimento de estudos. Assim,

omitindo os problemas profissionais, objecto de intervenção da colega Maria Ivete, deviam ser tomadas imediatamente medidas de elementar justiça, solicitadas, aliás, numa recente exposição entregue ao sr. ministro da Educação, através do sr. ministro das Corporações.

Tais medidas são, em resumo, as seguintes:

Reconhecimento do nível superior do I. E. S. para continuação de estudos, o que por seu turno postula:

a) Equiparação aos bacharelados das Universidades para ingresso nos cursos complementares existentes;

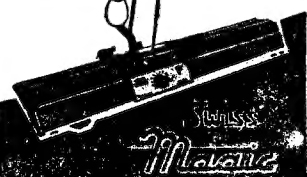
b) Ingresso em qualquer Faculdade ou Instituto Superior das diversas Universidades, sem necessidade de exame de antídão e de habilitação com a correspondente alínea do 7.º ano liceal.

Agentes rurais

Telegramas chegados de diversas regiões têm apoiado a tomada de posição de um grupo de agentes rurais no último número de «Mesa-Redonda». Alguns dos telegramas referem o bom acolhimento que o debate teve no Alentejo e no Norte do País e aplaudem os pontos de vista ali defendidos.

MÁQUINAS DE TRICOTAR SUPERAUTOMÁTICAS

MODELO DUPLO



- Produto da indústria suíça de alta precisão
- Integramente metálica
- Garantia e assistência técnica asseguradas por pessoal especializado
- Canelados perfeitos
- Facilidade de manuseio

Pretende-se nomear agentes em concelhos ainda livres. Consulte:

RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA: R. António Enes, 20-1, tel. 52 50 57
PORTO: Rua Formosa, 172, tel. 2 69 02

Prestando receber publicidade e preços

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

DOM PEPE

encerra
às 2.ª-feiras

TAP - um modo de viajar rapidamente

EUROPA

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

RÁPIDAMENTE, sim, porque tempo é dinheiro. Para todos e para si em especial. E, como sabe, os negócios não podem esperar. Acerte a sua hora pela hora da TAP. Na Europa, em qualquer dos destinos directos,* a TAP oferece-lhe ligações rápidas para outras cidades,

de modo a facultar-lhe um itinerário prático na sua viagem de negócios e ainda — além do conforto e comodidade — todas as atenções, todos aqueles pequenos nada que fazem do nosso serviço de bordo um motivo de orgulho que não escondemos.



* MADRID, PARIS, LONDRES, BRUXELAS, FRANCKFURT, GENEVE, DUSSELDORF, ZURICH, AMSTERDAM, COPENHAGUE

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

NOVIDADES A SITUAÇÃO ACTUAL DA MULHER

Um livro palpitante de interesse e flagrante de actualidade sobre os problemas da mulher

O POLÍTICO E O CIENTISTA

Uma obra do sociólogo
MAX WEBER

Editorial Presença

Rua Augusto Gil, 2, c/v Esq.
LISBOA

Inquerito

Que medidas adoptar para um crescimento harmonioso de Lisboa?

RESPOSTA DO ARQ. E URBANISTA
JOSÉ RAFAEL BOTELHO

1.º — Quais as premissas de «uma filosofia orientadora da expansão urbana» e quais as medidas a adoptar para a coordenação de um crescimento harmonioso de Lisboa?

Com os habitantes de Lisboa participar nas decisões respeitantes aos problemas urbanos.

As premissas essenciais de uma filosofia orientadora da expansão urbana serão as de uma «filosofia» de governação, de uma política.

A evolução e o crescimento harmonioso dum aglomerado pressupõem a necessidade de integrar os factores sociais, económicos, institucionais e físicos; de instaurar um verdadeiro processo de transformação urbana; de conferir operacionalidade à acção urbanística.

Por isso se poderá falar na necessidade de uma «política urbana», como a prática de governação,



José Rafael Botelho

quer no escalão nacional, quer nos locais.

Essa política é a premissa fundamental — a base.

Só com ela será possível uma acção coerente a todos os níveis e nos vários sectores de intervenção.

Sem ela, como poderemos, por exemplo, intervir ou tentar dominar as causas do crescimento urbano, como, neste caso tão nítido, de Lisboa, da Metrópole Lisboeta, ou Grande Lisboa (a única dimensão aliás que interessa considerar de facto), onde a «envorvinação» tem vindo a desaguar caudalosamente?

Uma acção política está ainda na base de uma intervenção, não só na forma urbana (no sentido mais amplo o planeamento físico natural e artificial do) como também no próprio conteúdo (o ser urbano — os homens, as colectividades, as institui-

ções, etc.), o que não sendo menos importante é talvez mais esquecido, ou tem sido simplesmente esquecido.

Pois a todos ocorre que um e outro são aspectos que se interpenetram, estão correlacionados, não são insólveis.

Ao nível da concretização de uma política urbana surge como fundamental para um crescimento harmonioso, social e economicamente conveniente, a necessidade de uma «política de solos».

A concretização de qualquer desenvolvimento urbano exige a disponibilidade do solo necessário. Esse solo, elemento do ambiente, deverá ter a dimensão e a localização convenientes e estar disponível no momento oportuno. É também necessário que o seu preço seja um preço justo e acessível.

Com essa «política de solos» nada feito. Nada se fará nem nada se faz, a não ser economicamente, em casos de emergência.

No que respeita à participação pública, entre outras coisas, não se pode fazer, todos os níveis e formas são necessários, seja ela directa ou indirecta.

Pode ser feita ao nível geral e local, mediante o apoio no ordenamento de planos municipais administrativos, mediante a utilização de premissas estatísticas para o seu encaminhamento.

Uma política de solos poderá ser considerada uma acção de intervenção de novas estruturas administrativas, organizacionais, institucionais, quer sejam baseadas em estruturas permanentes de natureza independente, ou em estruturas locais de natureza permanente — frequentes, etc.

A participação pública exige dois elementos essenciais: formação e informação.

Não será possível nem ser numa formação inicial, de nos primeiros anos da vida escolar, no âmbito da educação cívica.

No que toca à informação, todos os meios de divulgação são indistintamente válidos. Apenas porque a necessidade de serem fiéis à verdade e coerentes — internos.

Três depoimentos acerca da Humus

(Cont. da pág. 9)

rência entre a Humus e a Cooperativa da Casa dos Pescadores, pois há tantos serviços a prestar e tanta necessidade por parte dos marítimos que, na minha opinião, esse problema não se põe. Até porque na Cooperativa da Casa dos Pescadores sócios e não sócios abastecem-se ao mesmo preço e os preços praticados não são de cooperativismo. E até hoje, que me conste, não houve distribuição de lucros pelos associados. E julgo ainda que há directores que não são eleitos e os associados não têm um papel activo dentro da cooperativa.

Fornecimentos de livros a estudantes

Carlos da Rosa Bulcão Avila — 37 anos — professor do ensino primário.

Para uma terra como Peniche — vila com pretensão a cidade — acho deveras vantajoso.

sa a existência da Humus. No que se refere a livros e artigos escolares considero que apesar da boa vontade dos proprietários das



livrarias locais na aquisição dos mesmos, todos os anos se verifica o problema da falta desses livros e artigos no início do ano escolar. Ou se a Humus tivesse uma quantidade seleccionada desses materiais era mais um local onde os estudantes poderiam ir procurar tudo o que carecem e por um preço um pouco inferior ao do mercado.

Além do exposto, os

seus associados poderiam encontrar livros didácticos e pedagógicos que muito contribuiriam para a sua valorização pessoal.

Aquilo que os sócios quiserem...

António José Mendes do Carmo, 27 anos, pescador (camarada).

A Cooperativa está no início da sua vida e, portanto, com falta de dinheiro. Não pode dedicar-se a outras actividades que poderiam ser mais úteis a uma terra como Peniche, onde tem muita gente que vive do mar. Mas as actividades a que se dedica já são muito úteis, porque os livros são muito importantes para as pessoas e só é pena que sendo tão caros a grande maioria não os possa comprar. Eu acho o livro caro para o nível de vida que existe em Portugal. Acho o livro caro e então é de aproveitar a existência das feiras do livro e das Coope-

rativas onde podemos comprá-los mais baratos.

Vimos na televisão há tempos, a Cooperativa Piedense que é uma coisa muito grande mas, com certeza, que não foi sempre assim. Começou como a gente, nóbrega. É só esperar portanto que a Cooperativa cresça para que nos possa ajudar.



dar tudo o que de maior necessidade precisarmos.

Disseram-me uma coisa na Cooperativa em que eu acredito — «A Cooperativa será aquilo que os sócios quiserem».

em a palavra o leitor

Homem-mulher: marialvismo ou igualdade?

A posição da mulher no contexto da sociedade contemporânea é uma nódoa que nos envergonha — a nós que nos dizemos civilizados.

Depois de várias leituras, colóquios e reflexões, individuais e de grupo, sobre este problema, chegámos à triste conclusão de que pouco se tem evoluído neste domínio, não só porque a mulher se não consciencializa, como porque o homem se sente bem neste esquema de sociedade machista. O marialvismo mantém-se por acordo tácito entre o homem e a mulher.

As vezes, as pessoas interessam-se pela questão, escrevem ou lêem livros e artigos, promovem e participam em colóquios, emanações de dados e tiram conclusões. Mas, infelizmente, viciadas pelo velho raciocínio «está certo, mas...». E, assim, se pensa e se discute, trilhando os caminhos dos condenados. A dupla face. A velha contradição dialéctica: pensar na vanguarda — agir na retaguarda. Ritrão retórico para exortação dos bons costumes... do próprio consumo...

Neste nosso País, tão

dado às coisas do espírito, matutando profundamente a pirâmide da metafísica, mesmo aqueles que aceitam a dialéctica como dinâmica do progresso esquecem que não nos podemos ficar pelas análises generalizadas. Há que contes ar concretamente. Por isso, e julgando contribuir para uma polémica viva e activante na vossa «MESA-REDONDA», transcrevemos a seguir pontos de reivindicação que as mulheres devem assumir e os homens justificar.

1.º Contestamos a ideia de que a diferença «natural» entre o homem e a mulher vai além da pura sexualidade, defendendo que tudo o mais brota apenas e só da educação que nos ministram.

2.º Contestamos a atenuada diferença no trato e na formação dos rapazes e das raparigas.

3.º Contestamos a existência de jornais e revistas femininas, de suplementos femininos na imprensa e de programas femininos na Rádio e na Televisão.

4.º Contestamos a existência de profissões específicas para homem e para mulher, discordando também da discriminação de salários. A trabalho igual corresponde igual remuneração.

5.º Contestamos qualquer tipo de superioridade ou inferioridade do homem ou da mulher, convencidos da igualdade dos humanos quando em sociedade.

6.º Contestamos a reali-

zação de concursos de beleza.

7.º Contestamos a discriminação sexual no campo desportivo.

8.º Contestamos que haja escolas, colégios e liceus especializados para um e outro sexo. Somos pelos estabelecimentos mistos.

9.º Contestamos a tendência viciada para manter as raparigas nas lides domésticas e colocar no trabalho e no estudo só os rapazes.

10.º Contestamos a po-

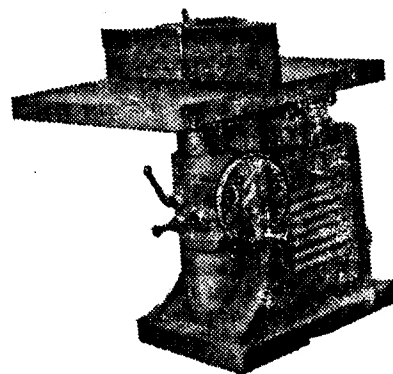
sição passiva atribuída à mulher nas relações sociais, nomeadamente no namoro, noivado e casamento, face ao privilégio-de-primeira-palavra atribuído aos homens.

11.º Contestamos a celebração do DIA MUNDIAL DA MULHER.

12.º Contes amos a existência de associações institucionais, sindicatos e secções de sindicatos especializados com base no sexo.

MARIA DA CONCEIÇÃO JOSÉ V. SANTOS SILVA

«MIDA»

TUPIA VERTICAL
Modelo TV - 3

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:

AV DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF 44167)

UMA FABRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZADA
DA NO FABRI
CO DE MAQUIN
AS PARA AS
INDUSTRIAS
DE:

● SERRAÇÃO
● CARPINTARIA
● MARCENARIA

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREIA, 8, 8C e 8D
(AO AREIRO) TELEF. 727854-727855-713057



Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento,
peças legítimas,
estação de serviço
e oficinas

Uma terrível epopeia humana

Autoridades reconhecidas na matéria têm, entre nós, apontado com objectividade as causas primeiras do êxodo de mão de obra que nos últimos dez anos se vem verificando nos nossos campos a caminho da Europa. O fenómeno, de resto, não é só nosso: interessa directamente a quase todos os países da Europa meridional, melhor dizendo, mediterrânicos: Espanha, Itália, Portugal, Grécia, Turquia, Jugoslávia e alguns povos do Norte de África. Em quase todos esses países o grosso da emigração parte das zonas estritamente rurais e que acusam nitido subdesenvolvimento: ou a caminho das regiões industrializadas do respectivo país, ou dos centros urbanos mais desenvolvidos do mesmo, ou, esgotadas as possibilidades destes, tomando a direcção dos países industrializados mais próximos. Entre nós, acontece, também, um pouco isso mesmo. Embora o fenómeno emigratório se estenda a todo o território, por serem mais dilatados os desequilíbrios socio-económicos, por ser maior a diferença entre o desenvolvimento da faixa costeira e do interior.

As causas da emigração resultam, pois, desse mesmo desequilíbrio, do excesso de população que se dedica aos trabalhos agrícolas, à falta de evolução e estado ruinoso da agricultura, à falta do desenvolvimento da indústria para poder absorver a mão de obra excedente. Como, entretanto, é fácil verificar — e é comumente reconhecida — a falta de iniciativa, de arrojo, de interesse do capital privado pelos investimentos reprodutivos de bens sociais, aqueles que resultem em benefício da sociedade, antes vivendo à custa, durante largos anos, do baixo preço da mão de obra abundante e não especializada, o progresso da nossa economia foi uma figura de retórica e as estruturas que alimentaram essa figura teriam de rebentar, mais dia menos dia.

EXAGERO OU LEVIANDADE

A emigração foi o tubo de escape — a emigração desenfreada, a emigração a todo o preço e debaixo de todos os riscos, a emigração salvadora da dignidade de homens que se recusam consciente ou subconscientemente a sucumbir à fatalidade imposta por um capital passivo, exacerbadamente individualista, retrógrado e inculto.

A emigração não é panaceia milagrosa que resolva os problemas sociais do país ou da sua população? Incontestável. Mas vejamo-la na sua verdade e beleza terrível de epopeia humana, lembrando, antes de tudo, a realidade acabrunhante que está na sua base: excomungando esta, não defendendo-a.

Defesa a que o «Jornal da Economia e Finanças» é muito arreigado. No seu número 226, sob o título «Emigração. Uma explicação cada vez mais difícil», agarra-se a uns tantos números estatísticos franceses para pretender provar que não vale a pena emigrar para a França. Diz: «Um ajudante de pedreiro ganha em Lisboa 2 000 a 2 200 escudos; em França entre 3 000 a 4 000 escudos (600 a 800 francos). Mas no nosso País os pequenos consumos da vida corrente (café, cinema, jornal, vinho, cerveja, transportes) são inferiores em 50% aos preços franceses. Aqui, quase todos os emigrantes tinham a sua situação habitacional resolvida: na terra que escolheram para trabalhar têm de viver em casamatas com quatro, cinco ou mesmo seis companheiros. A alimentação quase satisfatória que tinham junto dos seus, é substituída por refeições de batatas cozidas, pão seco e vinho ordinário». E logo a seguir: «É à custa d uma vida sub-humana que os emigrantes conseguem umas pobres economias de meia dúzia de contos que a sua vaidade leva, muitas vezes, a despendar depois num carro velho, muito grande, com que julgam destumbrar os seus conterrâneos».

Não chegamos a compreender se o articulista fala («escreve») a sério ou a brincar. Tanto mais que, pouco depois, refere a vinda a Portugal de um jornalista francês, em serviço, nos seguintes termos: «A vida que esse redactor veio encontrar nas províncias portuguesas deve ter-lhe causado a maior surpresa. Casas limpas, arranjadinhas, comida abundante, um ambiente alegre e um convívio amistoso. E como lhe parecia impossível que os homens que tinha visto a viver como animais em Paris tivessem deixado esta terra ridícula e farta a troco de mais uns centos de escudos, o jornalista francês chegou à conclusão que em Portugal o Governo, para esconder a miséria em que o país vivia, obrigava as donas de casa a mantê-las limpas e floridas e proibia que nas ruas as pessoas se mostrassem preocupadas».

A guisa de comentário, parece-nos que o J. E. F. exagera um bocadinho na leviandade consciente com que resolve problemas tão graves. Nega evidências reconhecidas oficialmente, como sejam a necessidade de uma planificação económica adequada, desenvolvimento da indústria e do esquema de previdência, melhoria das condições de vida de toda a população, fuga urgente aos lugares que habitualmente ocupamos nos índices fundamentais de progresso, quando integrados no conjunto dos países desenvolvidos.

Quando o articulista compara salários, tem a preocupação de esquecer os preços dos produtos fundamentais correntes em Portugal e na França — e avança com géneros marginais como o café, o jornal, o cinema, a cerveja, como se tudo isto fossem verbas importantes na vida diária do nosso emigrante-tipo, quando ainda radicado no seu meio natural. Quanto a habitação, alimentação, o articulista deveria consultar (não consultou?) as estatísticas, de modo a ver a escala que ocupamos no contexto, por exemplo, dos países da OCDE. Já não dizemos para comparar o rendimento por habitante em relação a diversos países, que admitem a designação de

«países em vias de desenvolvimento» — que nós recusamos. É urgente que veja os índices de instrução, de consumo de energia eléctrica, a percentagem de analfabetos, o número de casas sem instalações sanitárias, o teor médio por cabeça do consumo de calorias, o consumo de leite e carne por habitante, as percentagens de estudantes dos diversos graus de ensino em relação a cada camada social, o número de estudantes por cada mil habitantes, o tipo de formaturas que ainda subsistem na nossa Universidade. Os organismos oficiais competentes lançem-lhe-ão, se os não tiver, tais elementos. Em última análise,

visite as zonas de maior índice de emigração, o Nordeste onde, segundo o testemunho do deputado Camilo de Mendonça, em oito anos emigrou mais de metade da população do distrito de Bragança: visite as aldeias da Beira onde ainda não chega uma pequena estrada, nem o telefone, nem o médico, nem a electricidade: visite as casas seculares de uma única divisão e loja para os animais: veja-os — aqueles que ainda não partiram — trabalhando a terra como há séculos os nossos tetravós faziam. E compreenderá, se quiser, as explicações possíveis para a emigração.



Uma instituição chamada «saldos»

Festa. No mês de Setembro há a festa dos saldos. As grandes cidades animam-se. As montras aparecem pintalgadas de muitos e variados artigos, sob letreiros enormes, destinados a captar a atenção do público. As senhoras suspiram pelo mês das vindimas para a tarefa bendita de esgravatar tecidos, para a faina cansativa mas promissora de encontrar pelo preço da chuva aquilo que a outros custou os olhos da cara. Os saldos não são apenas acontecimento ansiosamente esperado. São instituição valiosa, venerada e digna dos maiores elogios. Por que não saudá-la simplesmente com o título de benemerita nacional? Que nunca os comerciantes se cansem de organizar os saldos, dando-lhe uma forma cada vez mais perfeita e mais completa. Saldos: o poder material, palpável, eletrizante de tocar os artigos de luxo. A miragem tornada realidade. A satisfação quente e inesperada de vestir pela «alta».

Saldos: sonho ou realidade, favor ou engano? Como podem os comerciantes vender ao desbarato aquilo que meses antes carregavam com preços de queimar? Perdem dinheiro no mês de Setembro ou ganharam exageradamente quando lançaram as novidades? Os saldos não serão fruto de um mecanismo que tende a refinar e segundo o qual o comércio, a moda e os artigos giram em função das possibilidades económicas dos clientes, de acordo com a

sua posição social? Dai haver pessoas que se lançam para a alta costura em detrimento do estômago, daí uma tendência para o culto da moda, para a «toilette» snob com prejuízo da cultura e do saber.

Mas serão os saldos um fenómeno nacional? Todos sabemos que não. Basta percorrer as grandes cidades da Europa para vermos as montras forradas de «comércio de segunda», os vidros peçados de reclamações. Tudo chamariz, tudo pisca-pisca a atrair os apetites do cliente, a aguçar-lhe o desejo de possuir, a impingir a psicologia da «caixinha de surpresas».

Os saldos enquanto acontecimento-instituição não tendem a acabar? Não acabarão por ser vítimas do próprio sistema comercial em que se integram? E haverá pessoas, amanhã, que se disporão a avançar para a Baixa, a meter-se em «bichas», a atolar-se em tecidos, panos e roupas velhos de meses ou de anos só porque o «sistema» criou a ilusão da «pechincha»? A geração de amanhã não considerará os saldos uma prática simplesmente ridícula e velharia dos tempos dos avós? Estamos convencidos que sim. E enquanto não chega esse dia, e enquanto os cérebros se alimentam de novas ideias e de novos hábitos, não será de desejar apenas paz, muita paz, à instituição benemerente chamada «Saldos»?

M. L.



MESA REDONDA